

## CURSO DE VERÃO – ANO XXV

## Coleção TEOLOGIA POPULAR

---

- Curso de verão* — *Ano I* (Introdução ao AT; Êxodo; Cristologia; leigos e ministérios; fé e política; culturas oprimidas)  
*Curso de verão* — *Ano II* (Profetismo; eclesiologia; religião do povo; movimento popular; comunicação)  
*Curso de verão* — *Ano III* (NT e evangelho de Marcos; batismo e eucaristia; história da Igreja no Brasil; a mulher)  
*Curso de verão* — *Ano IV* (At, 1Cor, Ap; liturgia; ecumenismo; educação e trabalho)  
*Curso de verão* — *Ano V* (Gn 2-3; feminismo; sexualidade; culturas e juventude)  
*Curso de verão* — *Ano VI* (Comunidade; Espírito Santo; ética; ecologia e moradia)  
*Curso de verão* — *Ano VII* (Cidadania; pentecostalismo e novos movimentos religiosos)  
*Curso de verão* — *Ano VIII*: A cidade: um desafio para as Igrejas e movimentos populares  
*Curso de verão* — *Ano IX*: Trabalho — Crise e alternativas  
*Curso de verão* — *Ano X*: Por uma ética da liberdade e da libertação  
*Curso de verão* — *Ano XI*: Espiritualidade e Mística  
*Curso de verão* — *Ano XII*: Culturas e inculturação  
*Curso de verão* — *Ano XIII*: Brasil, 500 anos: por um jubileu de justiça e de esperança  
*Curso de verão* — *Ano XIV*: Construir e celebrar a justiça e a paz em tempos de exclusão e violência  
*Curso de verão* — *Ano XV*: Produzir a esperança: Projetos de sociedade e utopia do Reino  
*Curso de verão* — *Ano XVI*: Saúde: Cuidar da vida e da integridade da criação  
*Curso de verão* — *Ano XVII*: Água é vida: Dom de Deus e responsabilidade humana  
*Curso de verão* — *Ano XVIII*: Educar para a justiça, a solidariedade e a paz  
*Curso de verão* — *Ano XIX*: Comunicações: Ética e Cidadania  
*Curso de verão* — *Ano XX*: Ecologia: Cuidar da vida e da integridade da criação  
*Curso de verão* — *Ano XXI*: Juventude: Caminhos para outro mundo possível  
*Curso de verão* — *Ano XXII*: Arte e Educação Popular  
*Curso de verão* — *Ano XXIII*: Política e Comunidades Humanas: por uma prática popular transformadora  
*Curso de verão* — *Ano XXIV*: A vida: desafio à Ciência, Bíblia e Bioética: do genoma humano às células-tronco  
*Curso de verão* — *Ano XXV*: Religiões construtoras de justiça e de paz

Faustino Teixeira  
Ivone Gebara  
Luiz Carlos Dias, André Luiz de Oliveira  
Marcelo Barros  
Milton Schwantes  
José Oscar Beozzo e Cecília Bernardete Franco (orgs.)

CURSO DE VERÃO — ANO XXV

# RELIGIÕES CONSTRUTORAS DE JUSTIÇA E DE PAZ

CESEP



CENTRO ECUMÊNICO DE SERVIÇOS À EVANGELIZAÇÃO  
E EDUCAÇÃO POPULAR — CESEP  
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 993 cpto. 205 – Bela Vista  
01317-001 São Paulo – SP  
tel./fax: (11) 3105-1680  
verao@cesep.org.br  
cesep@cesep.org.br  
www.cesep.org.br

Direção editorial  
*Zolferino Tonon*

Organização  
*Pe. José Oscar Beozzo e Cecília Bernardete Franco*

Coordenação editorial  
*Cecília Bernardete Franco*

Revisão e texto da contracapa  
*Pe. José Oscar Beozzo*  
*Tiago José Risi Leme*  
*Iranildo Bezerra Lopes*

Capa  
*Francisco Daniel Alves Moreira*

Editoração, impressão e acabamento  
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Curso de verão: ano XXV: religiões construtoras de justiça e de paz / José Oscar Beozzo e Cecília Bernardete Franco (orgs.). – São Paulo: Paulus, 2011. – (Coleção Teologia popular) Vários autores

ISBN 978-85-349-3312-4

1. Cooperação 2. Diálogo 3. Justiça 4. Paz 5. Pluralismo religioso 6. Religiões I. Beozzo, José Oscar. II. Franco, Cecília Bernardete. III. Série.

11-10236

CDD-253.707

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Cursos: Evangelização: Cristianismo 253.707  
2. Evangelização: Cursos: Cristianismo 253.707

---

© PAULUS – 2011

Rua Francisco Cruz, 229  
04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700 – Fax: (11) 5579-3627  
www.paulus.com.br  
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3312-4

# Sumário

APRESENTAÇÃO .....	7
<i>Pe. José Oscar Beozzo</i>	
<b>I. SEÇÃO SOCIOCULTURAL: MAPEANDO AS RELIGIÕES NA SUA DIVERSIDADE .....</b>	<b>19</b>
1. DIVERSIDADE RELIGIOSA: RIQUEZA E DESAFIO PARA O DIÁLOGO E A COOPERAÇÃO .....	21
<i>Faustino Teixeira</i>	
<b>II. SEÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA .....</b>	<b>57</b>
2. Na fé e na construção da justiça e da paz: 25 anos de Curso de Verão .....	59
<i>Milton Schwantes</i>	
3. Os múltiplos rostos do mistério .....	73
<i>Marcelo Barros</i>	
4. Espiritualidade do respeito ao outro e à natureza, do cuidado e do diálogo, na busca da justiça e da paz .....	97
<i>Ivone Gebara</i>	
<b>III. SEÇÃO PASTORAL .....</b>	<b>135</b>
5. Fraternidade e Saúde Pública – Campanha da Fraternidade 2012 .....	137
<i>Pe. Luiz Carlos Dias e Dr. André Luiz de Oliveira</i>	
<b>ANEXO .....</b>	<b>163</b>
O TESTEMUNHO CRISTÃO NUM MUNDO MULTIRRELIGIOSO .....	165
<i>Conselho Mundial de Igrejas, Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, Aliança Evangélica Mundial</i>	



## A P R E S E N T A Ç Ã O

---

Pe. José Oscar Beozzo<sup>1</sup>

*“Haverá glória e honra para todo aquele que age bem,  
primeiro para o judeu, depois para o grego,  
pois Deus não faz acepção de pessoas”.*

Rm 2,10

**P**aulo, na sua Carta aos Romanos, coloca dois dos principais fundamentos para o encontro e o diálogo entre diferentes culturas, crenças e religiões.

O primeiro, que Deus não faz acepção ou distinção de pessoas por conta de sua pertença étnica, cultural ou religiosa. Essa afirmação é repetida enfaticamente por Tiago em sua Carta (Tg 2,1-13), mas encontra suas raízes e inspiração no Antigo Testamento: “Nosso Deus não admite injustiças, favoritismos, nem subornos” (2Cr 19,7). O único favoritismo ou parcialidade admitida por Deus é em favor do desvalido, particularmente do pobre, do estrangeiro, do órfão e da viúva (cf. Dt 10,18-19; Is 1,17).

O segundo princípio é de que haverá honra e glória para quem age bem, praticando a justiça e o direito, pertença ele a esta ou àquela

---

<sup>1</sup> José Oscar Beozzo, com formação em Filosofia, Teologia, Ciências Sociais e História Social, é vigário da paróquia São Benedito em Lins, membro da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA) e coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEP). Autor, entre outros livros, de *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II* (São Paulo: Paulinas/EDUCAM/UVA, 2005) e *Tecendo memórias e gestando futuro – História das Irmãs Negras e Indígenas Missionárias de Jesus Crucificado – MJC* (São Paulo: Paulinas, 2009). Livro preparado conjuntamente com Ir. Maria Raimunda R. Costa, Ir. Maria Fidêncio Espírito Santo e Ir. Geralda F. Silva).

religião, tenha ou não uma crença. Michelangelo pintou com toda dramaticidade e vigor na parede de fundo da Capela Sistina seu Juízo Final inspirado na narrativa do evangelho de Mateus, em que bênção e maldição, salvação e condenação estão ligadas à prática concreta das pessoas, em relação aos pequenos e necessitados: “Então, o rei dirá aos da direita: Vinde benditos de meu Pai... , porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era migrante e me acolhestes...”. Ao espanto dos justos que lhe perguntam: “Quando te vimos faminto e te alimentamos, sedento e te demos de beber, migrante e te acolhemos, nu e te vestimos...?”, o rei responderá: “Eu vos asseguro: o que fizestes a estes meus irmãos menores, a mim o fizestes” (cf. Mt 25,31-46).

Vindo para os dias de hoje, está no ar o que Peter Berger chamou de “rumor de anjos” ou um re-despertar do sagrado, em meio ao espraiar-se da secularização por todas as dimensões e recantos de nossa civilização.<sup>2</sup> O livro *A Cabana* que o escritor canadense William P. Young escreveu, a pedido da esposa, como presente de Natal para seus seis filhos, já vendeu, no Brasil, mais de três milhões de exemplares.<sup>3</sup>

O personagem principal Mackenzie, Mack, depois de um período traumático em sua vida, retorna à cabana, onde fora assassinada sua filha. Tem um encontro inesperado e inusitado com a Santíssima Trindade: “um Deus-Pai que é uma mãe negra e acolhedora; um Espírito Santo que é uma jardineira oriental e um Jesus que é um jovem carpinteiro judeu”.<sup>4</sup> No seu romance, o autor propõe um Deus próximo e acessível. Talvez resida aí seu grande sucesso, por responder a uma

---

<sup>2</sup> O livro de Peter Berger foi publicado em 1969: BERGER, PETER, *Rumor of Angels: Modern Society and the Rediscovery of the Supernatural*. Seu livro é de certo modo um contraponto ao imenso sucesso do livro de seu colega na sociologia da religião, Harvey Cox, que escrevera pouco antes: *The Secular City: Secularization and Urbanization in Theological Perspective* (1965). A tradução brasileira saiu como: *A cidade do Homem*. São Paulo: Paz e Terra, 1971. Vinte anos depois de escrever *A cidade secular*, Cox reconheceu a nova explosão religiosa que vem representando o pentecostalismo nas sociedades cristãs secularizadas: *Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Re-shaping of Religion in the 21st Century*, (1994) Decapo Press reprint 2001, traduzindo para o português: *Fogo do Céu: a espiritualidade pentecostal e a reconfiguração da religião no século XXI*.

<sup>3</sup> YOUNG, William P., *A Cabana*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2008.

<sup>4</sup> ANGIOLILLO, Francesca, Em *A Cabana*, escritor cria ficção de autoajuda que desenha Deus acessível, in FOLHA ILUSTRADA, Caderno E 1, 1º. Set. 2001, p. 1.

busca profunda das pessoas e a um anseio coletivo pelo reencontro íntimo com o transcendente.

Por caminhos muito diferentes, este é o sonho de todas as religiões: tornar o inacessível e distante, próximo e palpável; o totalmente outro e transcendente, num peregrino que se faz companheiro de caminhada e vem habitar na cidade dos homens.

Mulheres e homens percorreram na história caminhos de mística e contemplação e falaram de Deus com paixão e ternura, dando testemunho do transcendente, na luta pela justiça, na compaixão e no cuidado em relação a outros seres humanos, mormente aos pequenos e discriminados.

O lado luminoso da experiência religiosa de pessoas abençoadas, santas e místicas, de comunidades fraternas e solidárias, entrecruza-se com a face sombria dos fundamentalismos religiosos e das guerras de religião.

Num mundo em que as migrações e os meios de comunicação social romperam os muros onde secularmente e, em relativo isolamento, desenvolveram-se muitas das religiões, estamos agora confrontados nos países, cidades, comunidades e mesmo famílias com o fenômeno da descrença e do pluralismo religioso. O pluralismo pode ser vivido como um enriquecimento mútuo ou como ameaça às identidades religiosas; gerar espaços de cooperação ou suscitar confrontos e mal-entendidos.

Todas as religiões vêm sendo arrastadas pelo processo de globalização e colocadas umas em face das outras. O documento da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida – SP, avalia que, na globalização, ao lado de inegáveis benefícios trazidos pelos avanços tecnológicos, o estreitamento dos laços entre povos pelos meios de comunicação e a rede mundial de computadores, que compartilha conhecimentos, dados e cria novas formas de relacionamento e cooperação, “[...] a dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas. Esse caráter peculiar faz da globalização um processo promotor de iniquidades e injustiças múltiplas” (DAp 61).

Continua um pouco mais adiante o documento:

Por isso, frente a essa forma de globalização, sentimos forte chamado para promover uma Globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos [...]” (DAp 64).

E o documento de Aparecida conclui dizendo:

“[...] Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não se está abaixo, na periferia ou sem poder, mas se está fora. Os excluídos não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis” (DAp 65).

Perante essa exclusão que ameaça a vida dos seres humanos mais vulneráveis, o futuro do planeta e da própria humanidade, afirma Hans Kung “que as grandes religiões, não obstante suas diferenças doutrinárias e tradições, apresentam convergências fundamentais”. Ele assinala entre as mais significativas:

- A) **O cuidado com a vida:** Todas as religiões defendem a vida, especialmente aquela mais vulnerável e sofrida. Prometem a expansão do reino da vida, quando não a ressurreição e a eternidade, no tocante não apenas à vida humana, mas também a todas as manifestações cósmico-ecológicas.
- B) **Comportamento ético fundamental:** Todas apresentam um imperativo categórico: não matar, não mentir, não roubar, não violentar, amar pai e mãe e ter carinho para com as crianças. Esses imperativos favorecem uma cultura de veneração, de diálogo, de sinergia, de não-violência ativa e de paz.
- C) **A justa medida:** as religiões procuram orientar as pessoas pelo caminho da sensatez, que significa o equilíbrio entre o legalismo e o libertinismo. Elas não propõem nem o desprezo do mundo, nem sua adoração, nem o hedonismo, nem o asce-

tismo, nem o imanentismo, nem o transcendentalismo, mas o justo equilíbrio em todos esses domínios. Este é o caminho do meio das virtudes. Mais do que atos são atitudes interiores, coerentes com a totalidade da pessoa e que impregnam de excelência todos os seus relacionamentos.

- D) A centralidade do amor:** Todas pregam a incondicionalidade do amor. Confúcio (551-489 a.C.) pregava: “O que não desejas para ti, não o faças a outro”. Ou Jesus: “Amem-se uns aos outros como eu vos tenho amado”. Na perspectiva ecológica de Jonas: “age de tal maneira que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autenticamente humana”.
- E) Figuras éticas exemplares:** As religiões não apresentam somente máximas e atitudes éticas, mas principalmente figuras históricas concretas, paradigmas vivos, como tantos mestres, santos e santas, justos e justas, heróis e heroínas que viveram dimensões radicais de humanidade. Daí surge a força mobilizadora de figuras eticamente exemplares como Jesus, Buda, Confúcio, Francisco de Assis, Ghandi, Luther King, Madre Teresa de Calcutá, entre tantos outros.
- F) Definição de um sentido último:** Trata-se do sentido do todo e do ser humano. A morte não é a última palavra, mas a vida, sua conservação, sua ressurreição e sua perpetuidade. Todas apresentam um fim bom para a criação e um futuro bem-aventurado para os justos.<sup>5</sup>

É, pois, para este complexo mundo das religiões e seus desafios que se volta o CURSO DE VERÃO de 2012.

RELIGIÕES CONSTRUTORAS DE JUSTIÇA E DE PAZ é seu tema. Será abordado e tecido, a partir das experiências dos participantes, da contribuição dos assessores/as e da reflexão nos grupos.

Na SEÇÃO SOCIOCULTURAL, o professor FAUSTINO TEIXEIRA da pós-graduação em Ciências da Religião na Universidade Federal

---

<sup>5</sup> Cf. KÜNG, Hans, *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Campinas: Verus; 2004, citado por PECINI, Leo, Bioética, espiritualidade e a arte de cuidar em saúde, in O MUNDO DA SAÚDE: São Paulo, 2010, 34 (4): 457-455, pp. 459-460.

de Juiz de Fora, um estudioso da mística islâmica e de todo o fenômeno do pluralismo religioso, nos introduzirá à temática, mapeando a atual “Diversidade Religiosa: riqueza e desafio para o diálogo e a cooperação”.

Na SEÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA, teremos três contribuições preciosas. MILTON SCHWANTES, reconhecido biblista luterano, colaborador do Curso de Verão desde seus inícios, autor de inúmeros estudos sobre o Primeiro Testamento e professor na pós-graduação das Ciências da Religião na UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), apresenta-nos princípios destinados a nos guiar em nossas relações inter-religiosas: “Na fé e na construção da justiça e da paz.

MARCELO BARROS, monge beneditino, romancista e biblista, que tantas vezes já assessorou os Cursos de Verão e os Cursos de Ecumenismo e Diálogo inter-religioso do CESEP, revisita toda a tradição bíblica, dos profetas a Jesus e às primeiras comunidades. Apresenta-nos um texto belo, profundo e inspirador para nossa vida pessoal e para a pastoral: “Os múltiplos rostos do Mistério - Bíblia e a diversidade cultural e religiosa”.

Ainda, nesta seção, IVONE GEBARA, religiosa das Cônegas de Santo Agostinho, filósofa e teóloga, assessora de comunidades e movimentos de mulheres dos setores populares no Nordeste, palestrante nos vários continentes, interroga a busca espiritual que pode alicerçar o encontro com o diferente. Oferece-nos um texto instigante para a reflexão e iluminador para a prática: “Espiritualidade do respeito ao outro e à natureza, do cuidado e do diálogo, na busca da justiça e da paz”.

Na SEÇÃO PASTORAL, o Pe. LUIZ CARLOS DIAS, assessor da CNBB encarregado da Campanha da Fraternidade (CF) e o Dr. ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA, médico, cirurgião geral do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia e coordenador nacional da Pastoral da Saúde, apresentam-nos a CF de 2012: Fraternidade e Saúde Pública. A campanha toca tema que, junto com a violência e a destruição ambiental, encontra-se no topo das atuais preocupações do povo brasileiro. O foco principal da CF é a situação da saúde pública. O Sistema Único de Saúde, o SUS, inegável conquista democrática

dos movimentos populares brasileiros e de toda a sociedade, em prol da cobertura universal e gratuita de toda a população na esfera da saúde, tem prestado inegáveis serviços, com suas primorosas campanhas anuais de vacinação infantil, fila única de transplantes e erradicação de doenças como a paralisia infantil. Com o aumento, porém, da demanda, do custo crescente dos procedimentos médicos e laboratoriais e do insuficiente financiamento, o SUS está entrando praticamente em colapso. Longas filas para atendimento, sucateamento dos hospitais públicos e meses de espera para procedimentos mais complexos como cirurgias, são sinais dolorosos e tangíveis dessa situação. Planos privados de saúde entraram no vácuo das carências do sistema público, oferecendo, para os que podem pagar, nichos de excelência, mas também uma forma de medicina mais e mais viciada pelo viés mercantilista dos seus serviços e atendimentos e que acentua e reforça o fosso entre as classes sociais no país.

Por outro lado, comunidades e movimentos populares vêm resgatando a milenar sabedoria de nossos antepassados no trato das doenças mais comuns e redescobrimo a força curativa da rica farmacopeia tirada de plantas, sementes e raízes de nossa flora. Ganham corpo a educação e as práticas comunitárias de medicina alternativa, que transformam as pessoas de meros “pacientes”, em agentes de saúde de suas famílias e comunidades. A Pastoral da Criança, a mais exitosa dessas experiências, já preparou mais de 130 mil agentes de saúde para este trabalho voluntário. Fez cair drasticamente nas regiões em que atua as taxas de mortalidade infantil e os níveis de desnutrição das crianças. Sua experiência e metodologia estão sendo compartilhados com outros países da América Latina, Caribe, Ásia e África. Foi justamente numa dessas jornadas de compartilhamento deste trabalho que perdeu a sua vida, no terremoto do Haiti, a fundadora da Pastoral da Criança, a Dra. Zilda Arns.

Neste ano, o livro do CV ganha um ANEXO: “O Testemunho Cristiano num mundo multirreligioso”. Trata-se de recomendações práticas elaboradas por um grupo de trabalho conjunto do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso (CPDI) e da Aliança Evangélica Mundial (AEM), ao longo de cinco

anos de encontros e de reflexão. Estes se iniciaram em 2006 na Itália e foram concluídos, em 2011, na Tailândia.

No dizer dos autores: “Este documento não é uma declaração teológica sobre a missão, mas uma orientação para o testemunho cristão no mundo, propondo-se tratar de questões práticas ligadas ao testemunho cristão num mundo multirreligioso. O objetivo do presente documento é encorajar as igrejas, os conselhos de Igrejas e as organizações missionárias a refletir sobre suas práticas atuais e a utilizar as recomendações aqui formuladas, quando forem úteis, como subsídios, para preparar sua própria orientação, sobre o testemunho e a missão, junto aos membros das diferentes religiões ou àqueles que não professam nenhuma religião em particular”.<sup>6</sup>

Para finalizar, estamos completando 25 anos deste esforço ecumênico de educação popular com ênfase na juventude e realizado todo ele em mutirão.

Não vamos nos deter sobre essa trajetória e seu significado, pois está sendo lançado pela editora Paulus um livro de reflexões e depoimentos sobre os 25 anos do Curso de Verão. Foi preparado também pela Rede Rua de Comunicações o resgate do registro audiovisual de cada um destes anos e que estará disponível numa coleção de DVDs.

Relembramos apenas que três pilares sustentaram esse mutirão ao longo desses anos:

O numeroso grupo de voluntários/as que abraçaram, como seu, o projeto do Curso de Verão, preparando-se durante o ano e dedicando parte de suas férias a esta tarefa de formação dos setores populares na sociedade e nas Igrejas.

As muitas entidades parceiras do CESEP nesta jornada, destacando-se a PUC-SP, respaldada por sua mantenedora, a Fundação São Paulo, que recebe em suas salas e no TUCA os participantes; o Colégio Arquidiocesano, que os acolhe em sua chegada; a Paulus Editora, que vem publicando o livro do Curso a cada ano e a Rede Rua de

---

<sup>6</sup> Conselho Mundial de Igrejas, Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, Aliança Evangélica Mundial, O Testemunho Cristão num mundo multireligioso, in BEOZZO, José Oscar, FRANCO, Cecília Bernardete, *Religiões Construtoras da Justiça e da Paz*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 167.

Comunicação que prepara o DVD com os conteúdos dos assessores e atividades do Curso. Livro e DVD são instrumentos pedagógicos preciosos para todo o trabalho de repasse do Curso em comunidades e grupos, por todo o país.

As famílias e comunidades de diferentes Igrejas cristãs, que abrem as portas de suas casas para acolher os participantes de outras cidades do Estado de São Paulo e de outras regiões do país. Sem essa retaguarda discreta, mas essencial, não seria possível acolher tantas pessoas de fora, que não teriam recursos para pagar uma hospedagem em São Paulo.

Estes três pilares convergem para a mesma experiência de acolhida e fraternidade das primeiras comunidades, que faziam as pessoas de fora exclamar: “Vede como eles se amam!” (Tertuliano, *Apologia* 39, cf. também At 4,32 e 1Jo 2,7-11; 3,11-24). Tiram sua força do espírito de mutirão, em que o pouco de cada pessoa colocado em comum produz surpreendente riqueza e abundância de dons e serviços.

É na ação de graças e na alegria que dizemos a cada uma dessas pessoas e instituições que se somaram ao mutirão do Curso de Verão, ao longo desses 25 anos: “Deus lhes pague!”.

Elas souberam acolher em suas vidas o mandamento de Jesus aos seus discípulos: “Dai de graça o que de graça recebestes” (Mt 10,8b). Podem assim experimentar pessoal e coletivamente que “há mais alegria em dar do que em receber” (At 20,35).

Enfatizamos que, em todos esses anos, o CURSO DE VERÃO foi e continua sendo contribuir para a formação de pessoas, mormente jovens, tornando-as capazes de assumir em suas comunidades, movimentos sociais, conselhos municipais, a tarefa de animadores e de formadores de novas lideranças, na fidelidade aos valores da educação popular, do ecumenismo, do serviço aos setores populares, dentro do espírito e da gratuidade do mutirão.

Para tanto, o CESEP oferece também aos que, por razão de trabalho, distância, enfermidade, escassez de recursos, não estão podendo participar presencialmente do Curso, a possibilidade de fazê-lo na modalidade de Curso a distância. Uma educadora qualificada acom-

panha pessoalmente o grupo e cada participante, com eles interagindo e guiando-os nessa nova forma de aprendizado.

Seis cursos encontram-se já disponíveis e o atual encontra-se em preparação. Foram elaborados numa parceria entre o CESEP e a Coordenação Central do Ensino a Distância (CCEAD) da PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro, RJ.

Damos abaixo a lista dos cursos a distância que estão disponíveis na internet:

- ARTE E EDUCAÇÃO POPULAR
- JUVENTUDE, OUTRO MUNDO POSSÍVEL
- ECOLOGIA: CUIDAR DA VIDA E DA INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO
- ÁGUA E CIDADANIA
- ARTE E EDUCAÇÃO POPULAR
- VIDA E BIOÉTICA<sup>7</sup>

Reiteramos nosso profundo agradecimento à PUC-SP, ao seu Reitor, Dirceu de Mello, ao Pro-Reitor de Cultura e Relações Comunitárias, Hélio Deliberador, designado para acompanhar o Curso e à Fundação São Paulo, na pessoa do Pe. José Rodolfo Perazzolo, por essa longa e fecunda parceria entre a Universidade e o Curso de Verão, que está completando 25 anos.

À Prof<sup>a</sup>. Ana Sales Mariano, Diretora do TUCA, ao Sr. Sérgio Rezen-de, que acompanha mais de perto o CURSO DE VERÃO, junto com o Sr. Clemildo Pinto da Rocha, responsável pela parte técnica do Teatro, expressamos o nosso reconhecimento, por acolherem e facilitarem, em todos os sentidos, os trabalhos do Curso de Verão.

Pela participação desprendida e generosa no mutirão do Curso de Verão, pedimos a Deus que retribua com suas bênçãos todos os voluntários/as e cada uma das famílias e comunidades que mantêm viva a recomendação de Pedro às comunidades da Ásia Menor: “Praticai a hospitalidade recíproca, sem murmurar. Cada um como bom

---

<sup>7</sup> Os interessados num desses cursos de verão *on-line*, podem inscrever-se, diretamente pela página web do CESEP: <<http://www.cesep.org.br>> ou entrar em contato com o “CESEP - Cursos a Distância”, pelo e-mail <[c.distancia@cesep.org.br](mailto:c.distancia@cesep.org.br)>.

administrador da multiforme graça de Deus, ponha a serviço dos outros o carisma que tiver recebido” (1Pd 4,9-10).

Expressamos também nossa sincera gratidão às congregações religiosas que abrem as portas de suas casas, às comunidades da ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, na pessoa dos seus párocos e animadores, do seu Cardeal Arcebispo, Dom Odilo Pedro Scherer, e de seus bispos auxiliares, assim como aos pastores, pastoras e bispos das IGREJAS E COMUNIDADES EVANGÉLICAS que emprestam sua colaboração ao CURSO DE VERÃO.

Estendemos nossa gratidão a tantas outras instituições e pessoas daqui de perto e de longe que nos apoiam. Fazemos de modo especial memória da Missionszentrale der Franziskaner da Alemanha, que contribui para os gastos dos encontros de formação dos monitores e demais voluntários, da Irmã Lídia Boito e de sua Congregação das Irmãs da Caridade de Ingenbohl, na Suíça. Elas acompanham com carinho o CURSO DE VERÃO, emprestando sua colaboração preciosa, constante e discreta, facilitando a vinda de participantes com poucos recursos.

É, pois, em espírito de ação de graças e de gratidão para com todas as pessoas e instituições que conosco colaboram, que entregamos aos participantes do Curso e aos demais leitores este livro do 25º CURSO DE VERÃO.

José Oscar Beozzo  
São Paulo, 12 de setembro de 2011



I

Seção sociocultural:  
mapeando as religiões  
na sua diversidade



# 1.

## DIVERSIDADE RELIGIOSA: RIQUEZA E DESAFIO PARA O DIÁLOGO E A COOPERAÇÃO

Faustino Teixeira<sup>1</sup>  
PPCIR-UFJF

### Introdução

Se em tempos passados predominava a questão da descrença moderna e da indiferença religiosa, o que vigora hoje em dia é o provocante tema do pluralismo religioso e dos caminhos da diversidade. Como lidar com a diversidade religiosa e acolher o pluralismo, como um dom de Deus aos povos, são desafios essenciais que marcam o nosso tempo.

Como porta de entrada para a reflexão, deve-se recordar o importante manifesto do I Encontro do Povo de Deus, ocorrido em Quito (Equador), em 1992, que permanece muito atual. Ali estavam reunidos 486 irmãs e irmãos de diversos países da América Latina e do Caribe, envolvendo indígenas, negros, mestiços, brancos, além de outros convidados da África, América do Norte, Ásia e Europa. Entre as conclusões tiradas nesse encontro, marcado sobretudo pelas experiências de vida, algumas podem ser lembradas. Em primeiro lugar, a ideia de que “Deus é sempre maior”, de que ele é Deus de todos os povos e de todos os nomes, sendo percebido e acolhido na diversidade das expressões religiosas e culturais. Em segundo lugar, a ideia de que “Deus tem um sonho”, sobretudo o sonho de afirmação

---

<sup>1</sup> Teólogo e Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. É também pesquisador do CNPQ e consultor do ISER-Assessoria (RJ). Vem atuando no momento em três frentes de trabalho: teologia das religiões, diálogo inter-religioso e mística comparada das religiões. Dentre suas últimas publicações: *Ecumenismo e diálogo inter-religioso* (Aparecida: Santuário, 2008) e *Catolicismo plural* (Petrópolis: Vozes, 2009, organizado junto com Renata Menezes).

da Vida, que se dá no tempo e para além da morte. É também um sonho da Unidade da família humana. Em terceiro lugar, a ideia de que “o povo de Deus são muitos povos”, integrado, de forma muito especial, por aqueles que acolhem com alegria esse sonho-projeto de Deus. E o Manifesto assinala com clareza: “Nenhuma religião, nenhuma Igreja, pode arrogar-se a exclusividade de ser este povo”. E, finalmente, a ideia de que “o verdadeiro ecumenismo é maior do que o ecumenismo”. Cunhou-se de forma muito feliz uma palavra nova para expressar esse singular momento: o macroecumenismo. Trata-se de um “ecumenismo mais ecumênico”, um “ecumenismo planetário”, capaz de abraçar a totalidade dos povos de Deus, para seguir no tempo os desafios de sua vontade. E o manifesto assinala: “Com essa descoberta começamos a nos despojar dos nossos preconceitos e abraçar com muito mais braços e muito mais corações o Deus Único e Maior”.<sup>2</sup> Comentando esse manifesto, Dom Pedro Casaldáliga lança uma pista reveladora para acolher esse “Deus ecumênico”, esse Deus que é um “centro móvel” e que está sempre em movimento. Ele dizia: “Talvez ‘mudar de Deus’ – por exigência, repito, da mesma fé cristã – seja o mais profundo e o mais urgente desafio para as Igrejas cristãs na *diakonia* maior do Reino, no serviço ao Projeto de Deus”.<sup>3</sup>

É com base nessa provocação inicial que será desenvolvido o tema proposto, da diversidade religiosa, e isso em três momentos. Primeiramente, a atenção se fixará na problemática mais ampla da globalização e da pluralização religiosa. Em seguida, a questão do desafio do pluralismo religioso e do diálogo entre as religiões. E, ao final, a problemática da diversidade religiosa no Brasil e suas particularidades.

---

<sup>2</sup> Manifesto do I Encontro da Assembleia do Povo de Deus. In: Faustino TEIXEIRA (org.). *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida* (São Paulo: Paulinas, 1997, pp. 147-151; a citação está na p. 150).

<sup>3</sup> Dom Pedro CASALDÁLIGA. O macroecumenismo e a proclamação do Deus da vida. In: Faustino TEIXEIRA (org.). *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*, p. 35.

## I – A PLURALIZAÇÃO RELIGIOSA E O TEMOR DA RELATIVIZAÇÃO

### 1. Em tempos de globalização intensificadora

O pluralismo moderno coloca uma situação inédita para a humanidade, que se vê confrontada com novas perspectivas que rompem com o tradicional quadro dos sistemas homogêneos e fechados e convoca para os campos abertos de conhecimento. Emerge hoje, com vitalidade, um processo singular de comunicação e interdependência entre os diversos povos e culturas, a consciência viva da pluralidade das religiões, de sua proximidade – inédita para o cristianismo –, bem como de seu dinamismo e poder de atração e inspiração para o Ocidente. A humanidade nunca se viu diante de tantos outros, coloridos com seus matizes singulares, cuja simples presença provoca sedução e inquietação. O que ocorre é uma situação de globalização intensificadora, que não se reduz a fenômeno meramente econômico, mas provoca mudanças substantivas nas experiências sociais e na construção das identidades. A mobilidade maior provoca encontros inusitados. Não há como evitar a relação entre as diversidades. Como sinalizou Clifford Geertz, “as distinções religiosas vão-se tornando, em muitos lugares, não apenas mais tensas, como também mais imediatas (...). As diferenças de crenças, às vezes muito radicais, são mais diretamente visíveis, com frequência crescente, e mais diretamente encontradas: prontas para a suspeita, a preocupação, a repugnância e a altercação”.<sup>4</sup> Mas podem igualmente ser a base para um novo entendimento e, quem sabe, para a reconciliação e atração recíprocas. O mundo perde suas fronteiras bem delimitadas, e não há como ficar resguardado em seu lugar, protegido contra o apelo do outro.

Outro traço que marca esse momento de globalização é a emergência de uma “ordem social pós-tradicional”. Segundo Anthony Giddens, nesse novo arranjo a tradição não perde sua razão de ser, mas vem

---

<sup>4</sup> Clifford GEERTZ. *Nova luz para a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 158.

ressignificada. Ela “muda o seu *status*”. Não se dá mais por garantida ou é autoevidente. Ela necessita, a cada momento, explicar-se, dar conta aos outros de seu significado. As tradições tornam-se, assim, “abertas à interrogação e ao discurso”, são forçadas a “se declararem”.<sup>5</sup> Inaugura-se um traço novo, caracterizado pela “reflexividade”, onde tudo vem permanentemente reexaminado e reformado à luz de novas informações e interrogações. As práticas não são mais sancionadas por serem tradicionais, mas necessitam de constante justificação à luz do conhecimento.<sup>6</sup>

Há também uma dimensão dramática nessa acelerada globalização, que provoca disparidades importantes no planeta. O historiador britânico Eric Hobsbawm debruçou-se sobre isso com acurada reflexão. Ele sublinha que a globalização leva consigo, por sua própria natureza, “crescimentos desequilibrados e assimétricos”, que podem ser sinalizados pelo crescente fluxo de trabalhadores migrantes que se acercam das áreas mais ricas, advindos das periferias do poder. Testemunha-se hoje o doloroso e perturbador êxodo de milhares de pessoas que fogem da pobreza, da repressão ou das guerras. Segundo Hobsbawm:

desde a queda do muro de Berlim, voltamos a viver em uma era de genocídio e de transferência compulsória e maciça de populações, como as que ocorreram em regiões da África, do Sudeste da Europa e da Ásia. Estima-se que, ao final de 2003, havia cerca de 38 milhões de refugiados, dentro e fora de seus próprios países, cifra que é comparável ao vasto número de pessoas deslocadas ao final da Segunda Guerra Mundial.<sup>7</sup>

## 2. Os efeitos da pluralização moderna

Os processos modernos de pluralização, como bem sinalizou Peter Berger, são marcados por dois traços bem específicos: sua enorme

<sup>5</sup> Anthony GIDDENS. *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Unesp, 1996, p. 13 e 99.

<sup>6</sup> Anthony GIDDENS. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991, p. 45.

<sup>7</sup> Eric HOBBSAWM. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 45. Ver também: Sebastião SALGADO. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

abrangência e sua velocidade singular. O pluralismo moderno faculta a irradiação de distintas visões de mundo que quebram a tradicional segurança que firmava e amparava os sujeitos em sua cosmovisão rotineira. O que garante a manutenção das certezas subjetivas é a sua sustentação em consistentes e contínuas “estruturas de plausibilidade”, ou seja, do suporte social que as mantêm funcionando satisfatoriamente. Como indica Berger,

A validade de meu conhecimento da vida cotidiana é suposta certa por mim e pelos outros até nova ordem, isto é, até surgir um problema que não pode ser resolvido nos termos por ele oferecidos. Enquanto meu conhecimento funciona satisfatoriamente, em geral estou disposto a suspender qualquer dúvida a respeito dele.<sup>8</sup>

Essa segurança das estruturas de plausibilidade vem enfraquecida nas modernas sociedades industrializadas, que trazem consigo alto grau de diferenciação e segmentação. Segundo Berger, “o indivíduo moderno existe numa pluralidade de mundos, migrando de um lado a outro entre estruturas de plausibilidade rivais e muitas vezes contraditórias, cada uma sendo enfraquecida pelo simples fato de sua coexistência involuntária com outras estruturas de plausibilidade”.<sup>9</sup> Isso tem repercussões bem precisas no campo da religião, onde igualmente torna-se cada vez mais difícil estar “cognitivamente *entre nous*”, ou seja, entre sujeitos que partilham com tranquilidade de uma cognição religiosa semelhante. Não há mais segurança para os conhecimentos autoevidentes ou para os saberes inquestionáveis. Tudo passa agora pelo crivo da relativização, tanto os sistemas de valores como os de interpretação. Na verdade,

mundo, sociedade, vida e identidade são problematizados sempre com mais vigor. Podem ser submetidos a várias interpretações e cada uma delas está ligada com suas próprias

<sup>8</sup> Peter L. BERGER. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 65.

<sup>9</sup> Peter L. BERGER. *Rumor de anjos. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 78-79.

perspectivas de ação. Nenhuma interpretação, nenhuma perspectiva podem ser assumidas como únicas em validade ou ser consideradas inquestionavelmente corretas.<sup>10</sup>

Isso traz insegurança e desorientação para muitas pessoas que não conseguem conviver com um mundo “confuso e cheio de possibilidades de interpretação”. Essa condição de incerteza que acompanha o pluralismo provoca temor, mas também reação, na medida em que a mente humana abomina viver em clima de tal vulnerabilidade. É sob o impacto dessa insegurança que se firmam os diversos “muros protetores” e as seduções dos absolutismos e dos fundamentalismos. Dentre as possíveis reações ao pluralismo, encontra-se o que Berger nomeia como “redução cognitiva”, que pode se dar numa forma defensiva ou ofensiva.<sup>11</sup> No primeiro caso, ocorre o fechamento comunitário, ou seja, a estratégia do gueto. Nesse caso, trata-se de preservar a todo custo uma subcultura e exorcizar a contaminação cognitiva do pluralismo. Na visão de seus adeptos, “basta deixar uma pequena fissura e o vento impetuoso da cultura pluralista entra assoviando”.<sup>12</sup> No segundo caso, adota-se a estratégia da cruzada, ou seja, o caminho da reconquista da sociedade em nome da tradição religiosa particular.

Aqui se situa a delicada questão do fundamentalismo. Esse fenômeno, como bem acentuou Giddens, deve ser analisado “contra o pano de fundo do surgimento da sociedade pós-tradicional”.<sup>13</sup> Ele implica, de fato, a realidade de uma “tradição sitiada”. Diante da ameaça globalizadora, ele reage com a afirmação tradicional da tradição. Rejeita-se todo e qualquer engajamento dialógico com a modernidade, bem como qualquer possibilidade de reflexividade da tradição. Na raiz do fundamentalismo, há o sentimento de insegurança, desorientação ou anomia resultantes de uma dinâmica modernizadora. Torna-se intolerável para os fundamentalistas a possibilidade de esvaecimento

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>11</sup> Peter L. BERGER. *Una gloria remota. Avere fede nell'epoca del pluralismo*. Bolonha: Il Mulino, 1994, p. 46-49.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>13</sup> Anthony GIDDENS. *Para além da esquerda e da direita*, p. 14.

de seus valores tradicionais. Reagem ao abalo provocado pelas crises do mundo moderno em suas comunidades de fé e em suas convicções básicas. Como medidas de contra-ataque, recusam todos os vetores associados à lógica moderna: a hermenêutica, o pluralismo, o relativismo, a evolução e o desenvolvimento, e reforçam os canais de solidariedade grupal.

Apesar das diversificadas estratégias de contenção do pluralismo, mediante a construção de muros rígidos e protetores, fica cada vez mais difícil na situação moderna mantê-los sem brechas. Mesmo admitindo os inúmeros empecilhos, Berger reconhece a existência de pessoas que convivem bem com os desafios do pluralismo e acolhem com simpatia suas demandas. Identifica-os como “virtuosos do pluralismo”. Mas sublinha que a maioria sente-se insegura e reticente perante tais desafios, fechando-se na segurança das evidências convencionais e no convívio tranquilo das coisas familiares, evitando assim sondar imprudentemente os “abismos”. E instituições precisas vêm em seu apoio, já que muitas vezes foram criadas para “aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele”.<sup>14</sup> Nenhum conhecimento ou interpretação firma-se como autoevidente na situação do pluralismo moderno. Tudo está aberto ao questionamento. Daí se entender com clareza que “os projetos restauradores de reconstituição de um ‘mundo curado’ incluem quase sempre a supressão ou, ao menos, a limitação do pluralismo – e com boas razões: o pluralismo coloca sempre alternativas diante dos olhos, as alternativas obrigam a refletir; a reflexão solapa o fundamento de todas as versões de um ‘mundo curado’ – ou seja, de sua autoevidência”.<sup>15</sup>

### 3. O recuo para as identidades

É curioso verificar que, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que as comunidades perdem a sua segurança garantida,

---

<sup>14</sup> Peter L. BERGER & Thomas LUCKMANN. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 54.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 58.

há um movimento de reação bem preciso em defesa das identidades. Num mundo que se pluraliza, cresce em semelhante ritmo a sede de pertença e de domiciliação. O que definitivamente não ocorre nesse tempo de acelerada globalização é o “desaparecimento das fronteiras”, das demarcações. Como indica Jonathan Friedman, “ao contrário, elas parecem ser erguidas em cada nova esquina de cada bairro decadente de nosso mundo”.<sup>16</sup> E a busca da identidade, em tempos de globalização ameaçadora, vem carregada de som e de fúria. Ela divide e separa:

E, no entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos.<sup>17</sup>

No âmbito da antropologia, Paula Montero mostrou que a definição da identidade de determinado grupo social só se evidencia como um problema em situações precisas de crise, quando há competição ou luta política em jogo.<sup>18</sup> Em semelhantes situações de insegurança, quando os sujeitos sentem-se ameaçados em sua fé, o sentimento de pertença ganha vigor, com possibilidades efetivas de um acirramento confessional, carregado às vezes de violência. Não sem razão, Amin Maalouf fala em “identidades mortíferas”, ao referir-se às reações violentas de pessoas que chegam a cometer delitos em nome da própria identidade religiosa ou étnica, quando se sentem ameaçadas.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> Apud Zygmunt BAUMAN. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 21.

<sup>17</sup> Zygmunt BAUMAN. *Comunidade...*, p. 21.

<sup>18</sup> Paula MONTERO. Considerações a respeito da noção de identidade. *Comunicações do Iser*, n. 26, julho de 1987, p. 11-12.

<sup>19</sup> Amim MAALOUF. *L'identité*. Milano: Grasset & Fasquelle, 1998, pp. 17 e 33.

Os ventos plurais, também no campo religioso, provocam temor e desarranjo, e em muitos casos suscitam o retorno à comunidade. A própria palavra evoca aconchego e acolhida. É uma palavra que sugere sensações bem precisas: é bom ter uma comunidade ou estar numa comunidade. Como indica Zygmunt Bauman, “a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita”.<sup>20</sup>

Mas assim como o pluralismo pode provocar esse ensimesmamento, pode também suscitar “sistemas abertos de conhecimento”, sensibilidade ao outro e abertura dialogal. Nem sempre é o que ocorre, mas é algo fundamental para o crescimento do próprio sujeito. Nada mais essencial do que uma “interface”, um lugar de passagem onde se possa celebrar a alegria de um encontro novidadeiro. O outro é sempre alguém que faculta o crescimento, revelando facetas e dimensões inéditas de um aprendizado fundamental. Em singular reflexão sobre a “indispensável paganidade”, o teólogo Adolphe Gesché sublinha que “todo ser humano, e especialmente em sua dimensão religiosa, tem necessidade de um ‘lugar fora’ de sua residência habitual – volta-se à ideia de uma casa no campo – para poder morar sem ser queimada por uma incandescência”.<sup>21</sup> Ele sinaliza que é sempre um risco “encerrar uma tradição na sua tradição”. Deve-se acolher a “parte de paganimidade” que habita o outro, possibilitando a imprescindível ampliação do próprio olhar. E, remetendo-se à tradição cristã, assinala que “a esperança cristã não pode dispensar-se dessa louca sabedoria,<sup>22</sup> de saber que deve resistir a uma fé que se julgaria toda acabada nela e toda dada por ela”.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> Zygmunt BAUMAN. *Comunidade*, p. 7. Roberto Da Matta faz menção à distinção entre os domínios da casa, regida pelos ciclos da tranquilidade, segurança e reciprocidade, e o domínio da rua, onde vigem as leis do mercado e suas inseguranças: Roberto Da Matta. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 150-151.

<sup>21</sup> Adolphe GESCHÉ. *O sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 135-136.

<sup>22</sup> E remete à ideia da loucura da “sabedoria de Deus” expressa por Paulo na primeira carta aos Coríntios (1Cor 1,24).

<sup>23</sup> Adolphe GESCHÉ. *O sentido*, p. 137.

## QUESTÕES:

1. Por que o pluralismo religioso provoca tanta desorientação e temor?
2. É possível lidar com o pluralismo religioso de forma mais acolhedora? Quais os caminhos para isso?

## II. PLURALISMO RELIGIOSO E DIÁLOGO

### 1. A acolhida do pluralismo religioso e a disponibilidade dialogal

Um dos mais importantes desafios que se colocam nesse limiar do século XXI é o desafio da acolhida do pluralismo religioso. Deve-se superar a limitada ideia de que o pluralismo religioso é um fator negativo ou passageiro, fruto de uma compreensão equivocada da realidade ou de uma percepção maculada do religioso. Uma visão recorrente entre aqueles que acreditam em determinada tradição religiosa é entender que a sua religião é a única verdadeira e que as outras tradições não passam de expressões limitadas do divino ou, no máximo, antecipadoras ou preparadoras de uma verdade que, na prática, se dá em outra tradição. As outras religiões estariam reduzidas à condição de marcos de espera de uma realização que ocorreria alhures. Semelhante perspectiva tende a entender o pluralismo religioso como um dado de fato, contingente ou passageiro, a ser “aturado” ou dizimado pelo trabalho missionário. Em sua famosa carta a um religioso, de setembro de 1942, Simone Weil expressava com clareza sua dificuldade em acatar tal perspectiva:

A religião católica contém explicitamente verdades que outras religiões contêm implicitamente. Mas, reciprocamente, outras religiões contêm explicitamente verdades que somente estão implícitas no cristianismo. O cristão mais bem instruído pode aprender muito das coisas divinas nas outras religiões, por mais que a luz interior possa também levá-lo a tudo perceber através da sua. De qualquer modo, se estas outras tradições religiosas desaparecessem da terra, seria

uma perda irreparável. Os missionários já as fizeram desaparecer em demasia.<sup>24</sup>

Para Simone Weil, o sentimento de respeito e acolhida das religiões era uma questão de honestidade e honradez. Sua abertura à beleza do mundo e à totalidade da criação envolvia a receptividade inter-religiosa. Identifica-se hoje essa perspectiva como a abertura ao pluralismo de princípio ou de direito. Trata-se de um pluralismo acolhido por Deus em seu mistério, enquanto expressão de sua vontade, que “necessita da diversidade das culturas e das religiões para melhor manifestar as riquezas da Verdade última”.<sup>25</sup> Não há como querer apagar o mistério que habita na pluralidade dos caminhos que levam a Deus. Há algo de irreduzível e irrevogável nas religiões, que não pode ser sumariamente reduzido a um implícito cristão. É verdade que as religiões como tais são envolvidas também por situações de ambiguidade e limitação, mas devem-se respeitar sua singularidade e originalidade, e não simplesmente reiterar uma assimetria. É desconhecer e macular a extraordinária diversidade das tradições religiosas querer delas conservar como valor simplesmente o seu potencial de abrir-se positivamente àquilo que ignoram.

A acolhida inter-religiosa requer do sujeito um leque de disposições que são essenciais. Para que ocorra um diálogo autêntico, é necessário, em primeiro lugar, alimentar a vida com uma *atitude de busca* essencial e profunda. Partir animado pela convicção de que se está trilhando um caminho em “solo sagrado”. O outro é portador de um “patrimônio religioso” que não pode ser relevado ou minimizado. A busca de um contato estreito e desarmado com o outro é também um requisito essencial: “Devemo-nos aproximar destas tradições com grande sensibilidade, porque encerram valores espirituais e humanos”.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Simone WEIL. *Lettre à un religieux*. Paris: Gallimard, 1951, p. 38-39.

<sup>25</sup> Claude GEFFRÉ. *De babel à pentecôte. Essais de théologie interreligieuse*. Paris: Cerf, 2006, p. 137. Edição brasileira: *De Babel a Pentecostes. Ensaio de teologia inter-religiosa*. São Paulo: Paulus, no prelo.

<sup>26</sup> PONTIFÍCIO Conselho para o Diálogo Inter-religioso. *Diálogo e anúncio*. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 14.

Deve-se partir animado por esse “espírito do diálogo”, que envolve uma atitude primeira de respeito e amizade.<sup>27</sup> Esse “espírito” deve circundar todos os passos desse processo de abertura. E entender de antemão que o diálogo tem em si mesmo o “seu próprio valor”, não podendo ser vivido como plataforma de arranque para outra intenção, como, por exemplo, a de converter o outro.

Requer-se igualmente uma atitude de *humildade*. A abertura ao outro exige esse desprendimento, essa consciência da vulnerabilidade. Nada mais letal para o diálogo do que o sentimento de superioridade ou de desprezo, ainda que escamoteado. O diálogo requer esse esvaziamento de si para poder valer o outro, esse deslocamento essencial, essa abertura do coração.

O diálogo pressupõe também simpatia e *atenção* ao outro. Há que lançar-se ao outro, expor-se ao seu enigma e mistério com a cuidadosa aplicação do espírito, estar atento e vigilante para adentrar-se nas suas fronteiras, sintonizar-se com a sua vida. Simone Weil dedicou-se com afinco ao tema. Para ela, a atenção “consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável ao objeto”, com a mente esvaziada e à espera, “sem buscar nada, porém disposta a receber em sua nua verdade o objeto que nela vai hospedar-se”.<sup>28</sup> Para a pensadora e mística francesa, a atenção é um dom único e singular, “a forma mais rara e mais pura da generosidade”.<sup>29</sup> A atenção desdobra-se, assim, em hospitalidade.

O encontro com o outro não pode reduzir-se a um “rebuliço sonoro”, mas deve envolver os corações num movimento de amizade e busca de *compreensão* mútua. Aqui, encontra-se outra chave fundamental para captar o mistério do diálogo. Não são individualidades estanques e impenetráveis que se encontram, mas “dois mundos” que

---

<sup>27</sup> *Ibidem*, n. 9. Como bem mostrou Christian van Nispen, um dos mais singulares buscadores jesuítas, com atuação no Egito há mais de quarenta anos, o respeito sincero radica-se no reconhecimento da dignidade do outro e do caráter sagrado de sua consciência: Christian van Nispen tot SEVENAER. *Chrétiens et musulmans. Frères devant Dieu?* Paris: Les Editions de L'Atelier, 2009, p. 1125.

<sup>28</sup> Simone WEIL. *Attente de Dieu*. Paris: Fayard, 1966, p. 92-93.

<sup>29</sup> Simone WEIL – Joë BOUSQUET. *Corrispondenza*. Milano: SE SRL, 1994, p. 13 (carta de Simone Weil a Joë Bousquet, datada de 13 de abril de 1942).

se envolvem, ainda que resguardando um mistério que é intransponível. É a própria individualidade que é convocada a expandir-se e apropriar-se de novas possibilidades. Não é algo simples, pois envolve um embate interior, de remoção das entranhas para deixar-se hospedar pelo diferente. Desse encontro novidadeiro surge sempre algo de novo, uma “marca” diferencial. Segundo Gadamer, o que caracteriza o verdadeiro diálogo é o poder encontrar no outro algo que inexistente na própria e singular experiência do mundo.<sup>30</sup> E esse encontro favorece sempre novas facetas de aprendizado e de enriquecimento das individualidades. Um processo, nunca acabado, assim como ocorre na interpretação que medeia a relação entre o ser humano e o mundo. Não basta apenas dispor-se a acolher o outro, mas é necessário ainda avançar na espessura de sua compreensão. Como indica Panikkar, “o verdadeiro diálogo exige não só uma disposição de acolhida e escuta, mas também a capacidade ou mesmo a possibilidade de compreensão. O outro começa a tornar-se um outro polo de nós mesmos. O confronto leva à complementaridade”.<sup>31</sup>

Nesse imprescindível processo dialógico, os interlocutores entram com a alegria de suas *convicções religiosas*. Não se exige abdicação das identidades para que esse processo se realize com êxito. Ao contrário, é a própria autenticidade e sinceridade do diálogo que convoca os interlocutores a embarcarem nessa travessia, mantendo viva a integralidade de sua própria fé. Como diz uma jovem poeta brasileira, “é sempre mais difícil ancorar um navio no espaço”.<sup>32</sup> O diálogo pressupõe pertença e domiciliação, amor à própria identidade, mas uma identidade sempre em construção, aberta ao sussurro contínuo do plural. Uma das finalidades do diálogo é “a de poder viver a diferença em modo positivo, no respeito, na aceitação do outro assim como é, sem violência nem desprezo e sem dever esconder a diferença”.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> Hans-Georg GADAMER. *Verdade e método II. Complementos e índice*. Petrópolis: Vozes/Universidade São Francisco, 2002, p. 247.

<sup>31</sup> Raimon PANIKKAR. *Vita e parola. La mia opera*. Milão: Jaca Book, 2010, p. 93.

<sup>32</sup> Ana Cristina CESAR. *Recuperação da adolescência. Novas seletas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p. 30.

<sup>33</sup> Christian van Nispen tot SEVENAER. *Chrétiens et musulmans...*, p.110.

O diálogo envolve ainda uma disposição de abertura ao mistério maior que envolve e ultrapassa os interlocutores. A verdade que se busca não é posse garantida, mas horizonte que se descortina num processo de respeito mútuo, acolhida e aprendizado. Dimensões inusitadas do mistério vão sendo reveladas nesse concerto inter-religioso, que enriquecem a bagagem espiritual dos interlocutores. Em bela imagem de João Paulo II, por ocasião da Jornada Mundial em favor da Paz (Assis, 1986), o diálogo é como uma “viagem fraterna na qual nos acompanhamos uns aos outros rumo à meta transcendente que ele estabelece para nós”.<sup>34</sup> São singelos e misteriosos os caminhos traçados nesse tempo da “paciência de Deus”, e ninguém pode apressadamente querer precipitar o processo dessa longa busca humana.

## 2. Expressões de exercício dialogal

A decisão em favor do diálogo envolve a superação de obstáculos bem precisos, entre os quais as interpretações equivocadas a respeito do outro, a falta de compreensão sobre sua realidade e também a autossuficiência que impede a gratuidade de um movimento desarmado em relação à alteridade. O diálogo é, sobretudo, um “estilo de ação, uma atitude e um espírito que guia o comportamento. Implica atenção, respeito e acolhimento para com o outro, a quem se reconhece espaço para a sua identidade pessoal, para as suas expressões, os seus valores”.<sup>35</sup>

Muitas são as formas de se exercer o diálogo inter-religioso.<sup>36</sup> No âmbito mais cotidiano, há o *diálogo da vida*, pontuado pelo testemunho de abertura, de delicadeza com o outro e de aproximação

---

<sup>34</sup> PONTIFÍCIO Consiglio per il Dialogo Interreligioso. *Il dialogo interreligioso nel magistero pontificio*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1994, p. 416 (A rappresentanti delle varie religioni del mondo a conclusione della Giornata Mondiale per la Pace – Assisi, 27 ottobre 1986).

<sup>35</sup> SECRETARIADO para os Não-Cristãos. *A Igreja e as outras religiões*. Diálogo e Missão. São Paulo: Paulinas, 2001, n. 29.

<sup>36</sup> Seguiremos aqui as pistas abertas pelos documentos: *Diálogo e Missão* (1984 – n. 28-35) e *Diálogo e Anúncio* (1991 – n. 42).

amorosa. Trata-se do diálogo tecido no dia a dia, onde os interlocutores compartilham suas descobertas, preocupações, alegrias e dores. É um diálogo existencial. Na visão de Christian de Chergé, o mártir de Tibhirine, ele vem construído na vida comum com os vizinhos, na gratuidade dos olhares, nas pequenas atividades da vida diária. É um diálogo que firma e aprofunda laços de confiança, essenciais para a mútua compreensão e o recíproco enriquecimento.<sup>37</sup>

Há também o *diálogo das ações*, voltado para a cooperação religiosa em favor da paz. São inúmeros os testemunhos desse diálogo nos tempos atuais. Seguindo a pista aberta por Hans Küng, “não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões”.<sup>38</sup> Esse é um dos campos mais fecundos do diálogo, que envolve uma colaboração concreta e partilhada em favor da promoção do humano e de sua causa libertadora. O Concílio Vaticano II, em sua Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs (*Nostra Aetate*), menciona a urgência dessa tarefa, referindo-se em particular ao campo comum de ação entre cristãos e muçulmanos. O Concílio “exorta a todos a que esqueçam o passado e ponham em prática sinceramente a mútua compreensão, defendam e promovam conjuntamente, em favor de todos os homens, a justiça social, os valores morais, a paz e a liberdade”.<sup>39</sup> É mediante esse diálogo que se atua a “ecumene da compaixão”, ou seja, a convocação feita a todas as religiões no sentido de assumirem a responsabilidade global de afirmação do humano e de garantia da dignidade da criação.

Dá-se igualmente o *diálogo dos intercâmbios teológicos*, que envolve os peritos e especialistas, com a intenção de “confrontar, aprofundar e enriquecer os respectivos patrimônios religiosos”. É um diálogo mais difícil, em razão do confronto das crenças, mas traz como contribuição uma maior compreensão dos interlocutores, abrindo pistas

---

<sup>37</sup> Christian SALENSON. *Christian de Chergé. Une théologie de l'espérance*. Paris: Bayard, 2009, p. 82. Esse diálogo existencial foi lindamente descrito no filme *Homens e Deuses*, de Xavier Beauvois, que retrata o martírio dos monges trapistas de Tibhirine, ocorrido em 1996, na Argélia.

<sup>38</sup> Hans KÜNG. *Projeto de ética mundial*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 7.

<sup>39</sup> DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997, p. 342 (NA 3).

importantes para o exercício da ação comum e do conhecimento das respectivas experiências espirituais.

Em âmbito de maior profundidade ocorre o *diálogo da experiência religiosa*. É o momento singular onde os interlocutores compartilham “suas experiências de oração, de contemplação, de fé, de compromisso, expressões e caminhos da busca do Absoluto”. Talvez seja um dos campos onde o diálogo inter-religioso tenha produzido seus mais bonitos frutos. São inúmeras as experiências de partilha, cooperação e enriquecimento recíproco, sobretudo no campo da oração em comum. O evento de Assis, em 1986, foi um dos marcos substantivos nesse campo, facultando a afirmação de um “espírito” novo para o diálogo entre as tradições religiosas. Como sinalizou João Paulo II, ao falar dessa Jornada aos membros da cúria romana, “toda oração autêntica encontra-se sob o influxo do Espírito Santo”.<sup>40</sup> Não há fenômeno mais universal do que a oração. Ela traduz uma linguagem que transcende a particularidade das crenças e expressa o movimento gratuito e humilde do ser humano em direção ao Mistério inefável. Sem negar a peculiaridade e a distinção de conteúdo entre as orações das religiões específicas, há um nível onde se dá uma “comunhão em profundidade”, aquele operado pelo Espírito. Ocorre, então, uma comunhão diante de Deus, pois foi Ele mesmo que suscitou e brindou esse encontro.<sup>41</sup>

### 3. Diálogo e espiritualidade

Há um íntimo nexos que vincula o diálogo inter-religioso com a espiritualidade. Como mostrou Panikkar,

o encontro das religiões tem uma indispensável dimensão experiencial e mística. Sem certa experiência que transcende

<sup>40</sup> PONTIFICIO Consiglio per il Dialogo Interreligioso. *Il dialogo interreligioso nel magistero pontificio*, p. 437.

<sup>41</sup> Christian van Nispen tot SEVENAER. *Chrétien et musulmans...*, p. 138; Paolo DALL’OGLIO. *Innamorato dell’Islam, credente in Gesù*. Milano: Jaca Book, 2011, p. 91; Christian SALENSON. *Christian de Chergé. Une théologie de l’espérance*, p. 223-224.

o reino mental, sem certo elemento místico na própria vida, não se pode superar o particularismo da própria religiosidade, e menos ainda ampliá-la e aprofundá-la, ao ser defrontado com uma experiência humana diferente.<sup>42</sup>

A espiritualidade diz respeito à qualidade de vida e ação, de potencialidade de abertura ao ilimitado. Ela aciona qualidades particulares e vitais do espírito humano, trazendo à tona as riquezas do mundo interior, da profundidade onde habita o Mistério maior. É dela que se irradiam, com uma fragrância única, os toques singulares do amor desinteressado, da gratuidade, da atenção, cortesia, compaixão e hospitalidade. Não é necessário estar vinculado a um sistema religioso ou metafísico para poder desfrutar e desenvolver tais qualidades. Elas são traços da dinâmica humana, quando atuada em profundidade. A espiritualidade aciona o movimento desses valores fundamentais, que são irradiados por todo canto. Deixar-se habitar pela atmosfera da espiritualidade é criar um espaço garantido e especial para a emergência de fragrâncias essenciais, que constituem a razão fundamental da existência. É como aquele agricultor que escava, ara e cultiva a sua terra, nela colocando o trigo. Depois, cessa o seu poder de ação, ficando o resto aos cuidados de Deus. Os frutos vão surgindo naturalmente, como o grão revivido e multiplicado depois de sua ação desintegradora na terra. Dali se irradiam serenidade, vitalidade e entusiasmo. E igualmente uma paz duradoura, advinda da profundidade. Segundo Leonardo Boff, é dessa paz espiritual que a humanidade tanto precisa: “ela é a fonte secreta que alimenta a paz cotidiana em todas as suas formas. Ela irrompe de dentro, irradia em todas as direções, qualifica as relações e toca o coração íntimo das pessoas de boa vontade”.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Raimon PANIKKAR. *La nuova innocenza* 3. Sotto il Monte: Servitium, 1996, p. 156.

<sup>43</sup> Leonardo BOFF. A espiritualidade na construção da paz. In: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=48305> (acesso em 28/05/2011).

## QUESTÕES:

1. Quais os passos dialogais necessários para a acolhida da diversidade religiosa?
2. O que se requer de nós para hospedar de forma gratuita o outro em nossa vida?

### III. A DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL

#### 1. Um olhar a partir do Censo de 2000

Um dos traços do mundo contemporâneo é o intenso retorno da religião na esfera pública. Os dados históricos desmentiram de forma patente os prognósticos de uma modernidade “racionalmente desencantada”. O que se percebe é a presença do religioso por toda parte. Ainda que a ideia recorrente seja a que condensa o religioso no âmbito das religiões institucionais, deve-se ampliar o olhar e ser capaz de perceber as teias diversificadas que compõem o fenômeno religioso e sua presença na sociedade. Como mostrou a socióloga Danièle Hervieu-Léger,

o religioso não se define unicamente pelos objetos sociais (as “religiões”) nos quais ele se manifesta de maneira compacta e concentrada. O religioso é uma dimensão transversal do fenômeno humano que trabalha, de modo ativo e latente, explícito ou implícito, em toda a extensão da realidade social, cultural e psicológica, segundo modalidades próprias a cada uma das civilizações dentro das quais se tenta identificar sua presença.<sup>44</sup>

Tendo agora como referência as religiões instituídas, estas têm um importante papel de manter viva a memória da continuidade da crença e da tradição entre os fiéis de sucessivas gerações. Esse traço mínimo de continuidade da tradição sofre um abalo nas sociedades pós-tradicionais, marcadas, sobretudo, pela dinâmica da incerteza

---

<sup>44</sup> Danièle HERVIEU-LÉGER. *O peregrino e o convertido. A religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 22-23.

estrutural, da mobilidade e das contínuas mudanças dos referenciais. Danièle Hervieu-Léger sugere a ideia de uma “pulverização das identidades religiosas” nas sociedades “pós-modernas”, o que não significa, necessariamente, o enfraquecimento ou esfacelamento de toda forma de vida religiosa comunitária. O que ocorre na verdade são fenômenos de “recomposição”, “diversificação das trajetórias” e “disjunção das crenças e das pertencas confessionais”.<sup>45</sup> Trata-se de uma situação mais presente na Europa Ocidental e na América do Norte. Não há dúvida, porém, de que ela se espalha por outros territórios, tocando também a realidade brasileira.

Ao analisar os dados do Censo Demográfico de 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o sociólogo Antônio Flávio Pierucci reforça essa ideia da “pós-traditionalização” no campo religioso brasileiro. Assinala, em sua reflexão, como as principais religiões no Brasil, classificadas sociologicamente como tradicionais, “mostram sérios sinais de cansaço”, sobretudo no âmbito de sua reprodução ampliada. Cita como exemplo o processo em curso em três tradições religiosas: catolicismo, luteranismo e umbanda. Segundo Pierucci,

nas sociedades pós-tradicionais, *et pour cause*, decaem as filiações tradicionais. Nelas os indivíduos tendem a se desencaxar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer. Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação, em que as pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência. Sofrem fatalmente com isso, claro, as religiões tradicionais.<sup>46</sup>

Com respeito ao catolicismo, os diversos censos realizados desde 1940 mostram um claro declínio na declaração de crença. No clássico

---

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 27-28.

<sup>46</sup> Antônio Flávio PIERUCCI. “Bye bye Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo de 2000. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, setembro/dezembro 2004, p. 19.

livro de Cândido Procópio de Camargo, *Católicos, protestantes, espíritas* (1973), ele analisava os censos de 1940, 1950 e 1960. Sua conclusão, já na ocasião, apontava para um “declínio moderado, mas constante, de adeptos da Igreja católica”.<sup>47</sup> Em 1940, o índice de declaração de crença católica era de 95,2%, caindo para 93,7% em 1950 e 93,1% em 1960.<sup>48</sup> A partir do censo de 1980, esse declínio torna-se ainda mais patente, baixando da casa dos 90%. O olhar atento aos censos posteriores a 1980 capta de forma viva o volume significativo da perda católica, que talvez seja irreversível: 89,2% no censo de 1980; 83,3% no censo de 1991 e 73,8% no censo de 2000. E a tendência é diminuir ainda mais no censo de 2010. Esses números registram com precisão relativa o traço da “destraditionalização” do campo religioso brasileiro. Isso porque nem sempre se consegue captar nos censos a presença do sincretismo religioso e das múltiplas filiações, que são fenômenos frequentes no modo de viver a crença no Brasil. É de se surpreender como, no censo de 2000, apenas 10.500 pessoas declararam pertencer a mais de uma religião. Isso sugere que “os recenseados ainda não se sentem à vontade para assumir que possuem mais de uma filiação religiosa”.<sup>49</sup> São, na verdade, inúmeras as formas e artimanhas servidas pelos brasileiros para ampliar as formas de proteção, como tão bem expressou Guimarães Rosa em seu *Grande sertão: veredas* (1956):

Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu

<sup>47</sup> Cândido Procópio F. de CAMARGO. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 24. Para o quadro amplo dos dados dos três censos indicados: p. 26-28.

<sup>48</sup> Em 1970, os dados do censo apontaram 91,1% de declaração de crença católica.

<sup>49</sup> César Romero JACOB; Dora Rodrigues HEES; Philippe WANIEZ & Violette BRUSTLEIN. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora PUC-Rio/Loyola/CNBB, 2003, p. 9.

Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca.<sup>50</sup>

Retornando aos dados do censo de 2000, o que se configura no campo religioso brasileiro é a perda da hegemonia católica. Como sinaliza Pierre Sanchis, “há duas ou três gerações, falar em ‘religião dos brasileiros’ seria apontar quase exclusivamente para o catolicismo. Isso mudou. Hoje o catolicismo constitui cada vez mais uma das religiões, entre outras, dos brasileiros, e num movimento diversificador que se acelera”.<sup>51</sup> Contribui para isso o acelerado crescimento evangélico, em particular pentecostal. Os evangélicos firmam-se hoje no Brasil como a segunda religião em declaração de crença, com o registro de 15,44% de praticantes no censo de 2000, dos quais 10,43% são pentecostais. No Censo Institucional Evangélico (CIN), de 1992, as conclusões em torno do crescimento evangélico no estado do Rio de Janeiro revelam-se impressionantes: “em 1990, cerca de 141 novas igrejas foram criadas; em 1991, 262 novas igrejas; em 1992, até o fim do mês de outubro, 224. Isso nos dá uma média de 5 novas igrejas por semana, ou uma média de 1 por dia útil no triênio”.<sup>52</sup> Em outra pesquisa realizada pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião), em 1994, sob a coordenação do antropólogo Rubem César Fernandes, envolvendo os evangélicos do “Grande Rio”, chegou-se a novas surpreendentes conclusões sobre o crescimento evangélico. Os dados indicaram que “cerca de 70% dos evangélicos do Grande Rio não nasceram, nem foram criados num lar evangélico. Entraram na igreja

<sup>50</sup> João GUIMARÃES ROSA. *Grande sertão: veredas*. 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 15.

<sup>51</sup> Pierre SANCHIS. *Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro*. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Fiéis & cidadãos. Percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 10. Ver também: Idem. *O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”*. In: Alberto ANTONIAZZI et al. *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 36.

<sup>52</sup> Rubem César FERNANDES (org.). *Censo institucional evangélico CIN 1992*. Rio de Janeiro: ISER, 1992, p. 7 e 10 (Primeiros Comentários).

por adesão voluntária, rompendo com a religião dos pais”, sendo que 61% desses convertidos vieram do catolicismo.<sup>53</sup> Na mesma pesquisa, chegou-se à estimativa de que, entre os anos de 1992 e 1994, “cerca de 250 mil indivíduos tornaram-se evangélicos nesta região, ou seja, em média 80 mil por ano”.<sup>54</sup> Como se pode perceber claramente, os católicos revelam-se hoje “doadores universais” de fiéis para outras tradições religiosas ou para os segmentos identificados como “sem religião”, ou seja, “o catolicismo tornou-se o principal celeiro no qual outros credos arregimentam adeptos”.<sup>55</sup>

Além do recuo católico e da expansão pentecostal, o censo de 2000 indicou também o crescimento dos “sem religião”. Isso não significa, necessariamente, a expansão do ateísmo, mas o enfraquecimento das instituições tradicionais produtoras de sentido. Como bem sinalizou Regina Novaes, os “sem religião” podem manter uma relação de fé, ou continuar consumindo bens religiosos, porém, destacados das “clássicas mediações institucionais” voltadas para isso.<sup>56</sup> Os dados revelam um constante crescimento dos “sem religião” no Brasil. Essa categoria ocupa hoje o terceiro lugar na declaração de crença, envolvendo cerca de 12,5 milhões de adeptos, conforme o último censo. Isso representa 7,3% da população brasileira declarante. Deve-se recordar que, em 1970, a porcentagem era bem mais baixa, em torno de 0,8% (cerca de 700.00 declarantes).

Outra força religiosa no Brasil é o espiritismo, envolvendo 2,2 milhões de adeptos, segundo o censo de 2000. São cerca de 1,38% de adeptos nominalmente declarantes. Essa cifra reduzida não dá conta de avaliar a significativa influência do espiritismo no imaginário popular, daí suscitar muitas vezes o ceticismo entre os adeptos do movimento espírita. Na verdade, há uma substantiva influência do

---

<sup>53</sup> Rubem César FERNANDES *et al.* *Os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 140.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>55</sup> Paula MONTERO & Ronaldo R. M. de ALMEIDA. O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. In: Henrique RATTNER (org.). *Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2000, p. 330.

<sup>56</sup> Regina NOVAES. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. *Notas preliminares. Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, set.-dez. 2004, p. 328.

espiritismo sobre a clientela de não praticantes ou declarantes.<sup>57</sup> Daí falar-se em “impregnação espírita” ou “alta ressonância social” dessa religião no Brasil, que escapa largamente à vinculação declarada aos centros espíritas. O brasileiro está bem familiarizado com essa linguagem ou querela dos espíritos. Como indicou José Jorge de Carvalho, “são dezenas de milhões de brasileiros que entram em transe regularmente, recebem entidades ou estabelecem relações personalizadas (de perturbação ou apoio) com a mais variada gama de espíritos”.<sup>58</sup> Um “clima espiritualista” envolve, sobretudo, o meio religioso popular brasileiro, mas irradia-se também de forma mais ampla, povoando o cotidiano com a presença de espíritos e forças do “outro mundo”. Segundo Pierre Sanchis:

Parece haver sempre um diálogo entre esses “outros” e a própria pessoa, que se constrói precisamente no processamento dessa relação... Orixás para alguns, mortos, santos ou entidades para outros. Nossas Senhoras que aparecem e vêm conviver com os homens, anjos, espíritos, forças cósmicas, demônios – ou tudo isso ao mesmo tempo –, Espírito Santo, enfim, para pentecostais e carismáticos. A presença dessa terceira dimensão do mundo está em toda a parte detectada.<sup>59</sup>

Quanto às religiões afro-brasileiras, os dados apontados pelo censo de 2000 trazem algumas novidades. Os dados corroboram o fenômeno de uma perda progressiva de seguidores ao longo das duas últimas décadas do século XX, sobretudo no âmbito da umbanda. No censo

---

<sup>57</sup> Bernardo LEWGOY. Incluídos e letrados. Reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: Faustino TEIXEIRA & Renata MENEZES (orgs.). *As religiões no Brasil*. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 173.

<sup>58</sup> José Jorge de CARVALHO. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: Maria Clara L. BINGEMER (org.). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 146.

<sup>59</sup> Pierre SANCHIS. A religião dos brasileiros. *Teoria & Sociedade*. Número especial – Passagem de milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 30. E continua o autor: “Para mais ou menos a metade da população brasileira, a verdadeira identidade é dada, ou plênificada, pela invasão do outro, ou a assunção do Outro a si”: *ibidem*, p. 30.

de 1980, aqueles que se declaravam membros do candomblé ou da umbanda estavam estimados em 0,6%. A partir de 1991, o IBGE passou a separar as duas tradições religiosas, facilitando captar os dados de cada religião em particular e as possíveis perdas que vêm ocorrendo. Verificou-se que a umbanda “cai de 541.518 membros em 1991 para 432.001 seguidores em 2000 (uma perda superior a cem mil adeptos), enquanto o candomblé, no mesmo período, cresce de 106.957 para 139.329 participantes (um acréscimo superior a trinta mil adeptos)”.<sup>60</sup> Avaliando o desempenho demográfico agregado das tradições afro-brasileiras entre os censos de 1980 e 2000, o retraimento é bem visível: de 0,6% para 0,3% dos brasileiros declarantes. Registra-se ainda uma progressiva incorporação do branco nas fileiras das tradições afro-brasileiras, contrastando com o significativo crescimento dos negros nas Igrejas evangélicas. Conforme a tabela do censo de 2000, havia naquele ano cerca de 1.675.680 negros evangélicos declarados e apenas 95.521 negros com declaração de crença afro-brasileira. Ao comentar esse fenômeno, o sociólogo Reginaldo Prandi assinala:

As religiões afro-brasileiras vão cada vez mais incorporando o branco em suas fileiras, quando não se transformam elas mesmas com o intuito de apagar exatamente aqueles traços que mais evidenciavam a origem africana, como o sacrifício e a língua ritual de origem africana. Enquanto isso, os negros engrossam cada vez mais as fileiras das religiões não negras, das quais algumas mais agressivas modelam sua identidade mostrando-se numa guerra santa contra a religiosidade um dia trazida da África.<sup>61</sup>

As demais religiões presentes no Brasil, envolvendo um largo universo – espiritualistas, judeus, budistas, outras orientais, muçulmanos,

---

<sup>60</sup> Antônio Flávio PIERUCCI. “Bye bye Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo de 2000, p. 25.

<sup>61</sup> Reginaldo PRANDI. *Herdeiras do axé*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 77. Ver também: Antônio Flávio PIERUCCI. Ciências sociais e religião: a religião como ruptura. In: Faustino TEIXEIRA & Renata MENEZES (orgs.). *As religiões no Brasil*, p. 24-28 (onde aborda a sugestiva questão: “de afro-brasileiros a *black-evangelicals*”).

hinduístas, esotéricos, indígenas, outras religiosidades, declaração múltipla –, somam 1,8% da declaração de crença no censo de 2000. Se acrescentarmos a tal soma a declaração de crença dos espíritas e afro-brasileiros, totalizam-se cerca de 3,5%. Isso significa que o pluralismo religioso no Brasil é ainda reduzido, ao menos nesse âmbito da afirmação explícita de crença. A grande maioria dos brasileiros insere-se num universo declaradamente cristão: 89,21% (somando-se os católicos romanos e os evangélicos). É verdade que temos que complexar esse quadro, acrescentando os dados não declarados das múltiplas pertenças ou da sincretização religiosa. E considerar ainda a peculiaridade do catolicismo no Brasil, que traz em seu bojo a tônica da pluralidade. Como bem salientou Carlos Rodrigues Brandão, é um catolicismo que abraça a diversidade, que “acolhe formas diversas” e onde “Deus pode ter muitos rostos”, ou como disse Pierre Sanchis de forma ainda mais contundente: “há religiões demais nesta religião”.<sup>62</sup>

## 2. A diversidade religiosa no mundo dos jovens

Ainda que reconhecendo a forte presença cristã no universo de declaração de crença brasileiro, não se pode desconhecer o crescente movimento de diversificação religiosa, sobretudo nas últimas três décadas. Há uma diversificação das práticas religiosas, mas curiosamente uma menor fidelidade a elas. Verifica-se um singular fenômeno de trânsito religioso, de mobilidade das pessoas entre as diferentes religiões. Segundo a visão de José Guilherme Magnani, “é uma peculiaridade que se verifica em muitas práticas: em vez de conversão definitiva, o trânsito; em vez da filiação exclusivista, duplos ou mais pertencimentos, simultâneos ou sucessivos”.<sup>63</sup> Esse fenômeno geral espelha-se também no meio dos jovens. Refletindo sobre o tema, a socióloga Solange Rodrigues (Iser-Assessoria) assinala que os processos

---

<sup>62</sup> Carlos Rodrigues BRANDÃO. Revisitando o catolicismo popular. *IHU On-line*. Religiões no Brasil. Ano 4, n. 169, dezembro de 2005, p. 74; Pierre SANCHIS. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (org). *Catolicismo: modernidade e tradição*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 33.

<sup>63</sup> José Guilherme Cantor MAGNANI. *Religião e metrópole*. In: Clara MAFRA & Ronaldo de ALMEIDA. *Religiões e cidades*. Rio de Janeiro/São Paulo: Fapesp/Terceiro Nome, 2009, p. 25.

e tendências relacionados à religião na contemporaneidade “tornam-se mais intensos entre os jovens: o trânsito entre diversas alternativas religiosas em curto espaço de tempo; o peso da consciência individual na adesão religiosa, se comparado ao da tradição familiar; o crescimento do contingente daqueles que se declaram sem religião”.<sup>64</sup>

Os dados do censo de 2000 indicam a presença de “ventos secularizantes” entre os jovens. Na faixa etária de 15 a 24 anos, é clara a diminuição daqueles que se declaram católicos, cerca de 73,6%, e significativa a faixa dos que se declaram sem religião, em torno de 9,3%. Quanto ao número de evangélicos, o crescimento é também menos acelerado do que se verifica em âmbito geral, em torno de 14,2%.<sup>65</sup> Outra pesquisa nacional, divulgada no início de 2004, em torno do “perfil da juventude brasileira”, envolvendo 3.501 jovens, confirmou os dados do censo de 2000. Dentre os jovens entrevistados, 65% declararam-se católicos; 22% declararam-se evangélicos (dos quais 15% pentecostais) e 11% declararam-se “sem religião”.<sup>66</sup> É curioso constatar que, nessa pesquisa, apenas 1% dos jovens entrevistados declarou-se ateu ou agnóstico.<sup>67</sup>

Não há como negar o influxo do processo mais amplo de desinstitucionalização sobre o mundo dos jovens. Mas como bem lembrou Regina Novaes, reagindo ao posicionamento do demógrafo René Decol, os ventos secularizantes não são os únicos que sopram na sociedade:

Isso porque, para essa geração, nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais a caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo

<sup>64</sup> Solange RODRIGUES. A busca espiritual da geração Y. *IHU On-line*. Cinco gerações contemporâneas. Uma descrição. Ano XI, n. 361, 16 de maio de 2011, p. 25 (entrevista).

<sup>65</sup> Regina NOVAES. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: Faustino TEIXEIRA & Renata MENEZES (orgs.). *As religiões no Brasil*, p. 138.

<sup>66</sup> Regina NOVAES. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: Helena Wendel ABRAMO & Pedro Paulo Martoni BRANCO (orgs.). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 266.

<sup>67</sup> Quanto a outros dados revelados na mesma pesquisa: 2% dos jovens entrevistados declararam-se espíritas kardecistas, 1% declarou-se adepto da umbanda e do candomblé e 1% declarou ter outras religiões.

religioso. São os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais.<sup>68</sup>

Entre os jovens, o compromisso com as formas institucionalizadas de crer é bem mais frouxo, bem como a fidelidade aos cânones estabelecidos, seja no campo doutrinal ou moral. A definição de comportamentos não é mais substancialmente regrada pelas orientações institucionais. Isso não significa a ausência de núcleos juvenis engajados em movimentos religiosos de identidade mais acentuada. Os mesmos ventos pluralistas acabam fortalecendo a adesão tranquilizadora a “regimes fortes de intensidade religiosa”. Se, por um lado, a mobilidade moderna faculta a emergência de uma figura do religioso nova, a do peregrino, que destoa da figura anterior, do praticante regular, ela faculta igualmente a afirmação de outra figura, a do convertido ou reafiliado, que busca uma garantia religiosa firme em tempos de instabilidade de sentido.<sup>69</sup>

Em sua análise sobre a juventude, Solange Rodrigues enfatiza que “não há um único padrão de relacionamento da juventude com a religião na atualidade”.<sup>70</sup> Há jovens que se firmam como “religiosos sem religião”; há jovens que aderem, com firmeza e vigor, a movimentos mais tradicionalistas; há jovens que mantêm viva sua atuação e esperança em grupos e espaços mantidos por instituições religiosas, numa linha de presença pública e profética; e outros que buscam o sentido religioso nas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC). Verificam-se outros exemplos que dão visibilidade a novas formas de adesão ou pertencimento religioso presentes no mundo dos jovens, como a utilização de ampla simbologia: tatuagens, peças de vestuário e outros símbolos que expressam uma demanda mística ou espiritual que é crescente. Isso também se reflete no campo das artes, em particular na música, com a incorporação de traços religiosos em estilos musicais populares como o *rock* ou o *rap*, muito apreciados pela juventude.

<sup>68</sup> Regina NOVAES. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença?, p. 271.

<sup>69</sup> Danièle HERVIEU-LÉGER. *O peregrino e o convertido*, p. 81-137.

<sup>70</sup> Solange RODRIGUES. A busca espiritual da geração Y, p. 25.

### 3. Tensões e desafios no campo religioso brasileiro

É um lugar-comum dizer que o Brasil é um país marcado pela tolerância religiosa e pela dinâmica do sincretismo. De fato, desde sua gênese, o traço da pluralidade sistemática esteve sempre presente, permeada em seguida por porosidades e contaminações. Basta lembrar, no início, “os movimentos compósitos das santidades indígenas” e, mais tarde, “as tradições africanas, já profundamente sincretizadas antes de chegar e introduzidas aqui no caldeirão de uma matriz viva, historicamente ativa e, pelo menos no nível da vivência ‘popular’, processadora das diferenças: o catolicismo”.<sup>71</sup>

Essa “predisposição estrutural à porosidade”, que marcou desde o início o campo religioso brasileiro, abre um espaço singular para a possibilidade de uma dinâmica dialogal. Mudanças recentes nesse campo trazem, porém, vozes dissonantes, que alteram ou mesmo quebram essa dinâmica. Talvez a grande novidade ocorrida nos últimos decênios tenha sido a impressionante expansão dos evangélicos, provocando a crise de hegemonia do catolicismo no Brasil. Eles vão deixando de ser uma “minoridade religiosa” e vão se impondo com vigor no cenário nacional, marcando uma visibilidade bem precisa. Tornam-se, assim, como indica Emerson Giumbelli, “os principais protagonistas de uma redefinição do religioso no Brasil”.<sup>72</sup>

É interessante perceber como o maior decréscimo do catolicismo, segundo os dados dos censos, coincide com o período posterior à década de 1980, justamente quando ocorre a afirmação da terceira onda pentecostal, cujo grande protagonista foi a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A primeira onda ocorreu na década de 1910, com a afirmação das primeiras igrejas pentecostais, a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus. Sua ênfase estava na Palavra. A segunda onda, firmada nas décadas de 1950 e 1960, marcou um novo momento do movimento pentecostal, com a introdução do

---

<sup>71</sup> Pierre SANCHIS. *A religião dos brasileiros*, p. 29.

<sup>72</sup> Emerson GIUMBELLI. Um projeto de cristianismo hegemônico. In: Vagner Gonçalves da SILVA (org.). *Intolerância religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 149.

tema da cura divina. A terceira onda, mais recente, enfatiza o tema da libertação e do exorcismo.<sup>73</sup>

É com essa terceira onda que se dá início ao processo mais duro de intolerância religiosa. Como recorda Paul Freston, a ênfase dada na libertação e no exorcismo implicava, necessariamente, a tensão com os cultos mediúnicos. Recorda que a IURD expandiu-se, justamente, nos espaços de presença da “macumba” e das famílias dilaceradas.<sup>74</sup> Não foram poucos os episódios de intolerância que ocorreram nas últimas décadas, sendo um dos mais famosos o do “chute na santa”, ocorrido no dia 12 de outubro de 1995, dia consagrado a Nossa Senhora Aparecida.<sup>75</sup> Como mostrou Emerson Giumbelli, “o que estava em questão era a ideia de tolerância, tradicionalmente evocada para traduzir o clima predominante nas relações inter-religiosas no Brasil, ora duplamente atingida: pela suposta agressão à santa e pelas reações que possivelmente desencadearia”.<sup>76</sup>

Nem sempre a convicção religiosa é portadora de paz. Em casos bem específicos, o exercício dessa convicção vem acompanhado de violência. Na raiz de todos os fundamentalismos está uma consciência arraigada e dura de posse da verdade, que se traduz em desprezo, agressividade e exclusão do outro. Paul Ricoeur chamou a atenção para esse risco da violência que se insinua no coração da convicção.<sup>77</sup> Mas mesmo antes, Pascal já tinha advertido: “Os homens nunca fazem o mal tão completamente e com tanto entusiasmo do que quando o fazem por convicção religiosa”. O duro desafio está em superar a tendência à “violência da convicção” no sentido da “não violência do testemunho”. Mas isso nem sempre vem ocorrendo no Brasil do sincretismo.

Quem, na verdade, vem mais sofrendo com o proselitismo exclusivista das igrejas neopentecostais são as tradições religiosas afro-brasileiras. O acirramento das convicções religiosas, acompanhado

<sup>73</sup> Para maiores detalhes, cf. Paul FRESTON. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: Alberto ANTONIAZZI et al. *Nem anjos nem demônios*, p. 67-159.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 136 e 139.

<sup>75</sup> O seu protagonista foi o bispo da IURD, Sérgio Von Helde, durante a apresentação na TV Record do programa religioso *Despertar da fé*.

<sup>76</sup> Emerson GIUMBELLI. O “chute na santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. In: Patrícia BIRMAN (org.). *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar, 2003, p. 172.

<sup>77</sup> Paul RICOEUR. *Em torno ao político: leituras 1*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 183.

de práticas de intolerância – e mesmo violência –, vem ocorrendo, sobretudo, nas duas últimas décadas no Brasil, mas já se estende também por outros países da América Latina. Segundo Vagner Gonçalves da Silva, “os casos de intolerância, antes apenas episódicos e sem grandes repercussões, hoje se avolumaram e saíram da esfera das relações cotidianas menos visíveis, para ganhar visibilidade pública, conforme atestam as frequentes notícias de jornais que os registram em inúmeros pontos do Brasil”.<sup>78</sup> Na pesquisa realizada pelo ISER sobre os evangélicos no Grande Rio, nas respostas relativas à questão sobre a existência ou não de religiões demoníacas no Brasil, a dificuldade dialogal veio logo à tona. Os dados apontaram uma rejeição quase unânime à umbanda e ao candomblé: quase 95% das respostas indicaram que são religiões demoníacas. Essa rejeição se relacionou também ao espiritismo kardecista e ao catolicismo, considerados demoníacos por 83% e 30% dos entrevistados, respectivamente.<sup>79</sup>

As religiões afro-brasileiras encontram-se numa situação francamente minoritária nas estatísticas de adesão religiosa (0,34% de declaração de crença no censo de 2000), têm uma presença reduzida e, quando ganham visibilidade, o ganham muitas vezes como vítimas, ou seja, como alvo de ataques motivados por intolerância religiosa. Junto com a expansão pentecostal nas periferias e favelas, vem também essa atmosfera de intolerância carregada nos discursos e práticas, e isso provoca um acanhamento das tradições afro-brasileiras, que se veem forçadas a uma posição defensiva no campo religioso.<sup>80</sup>

Olhando mais de perto os traços que configuram a “batalha espiritual” da IURD contra as religiões afro-brasileiras, verifica-se um traço que é curioso. Na estratégia de combate utilizada, ela se serve

---

<sup>78</sup> Wagner Gonçalves da SILVA. Prefácio ou notícias de uma guerra nada particular. Os ataques neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil. In: Idem (org). *Intolerância religiosa*, p. 10.

<sup>79</sup> Rubem César FERNANDES et al. *Os evangélicos em casa, na igreja e na política*, p. 81.

<sup>80</sup> Ver como exemplo: Marcos ALVITO. *As cores de Acari. Uma favela carioca*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 199-201.

fartamente do mesmo panteão dos cultos afros. O pastor não só “acata” os guias e orixás, como também lhes confere credibilidade. O que ele faz “é mostrar que eles existem, mas que ele tem poder sobre eles”. E esse poder vem reforçado quando “o pastor se mostra capaz não só de invocá-las (as entidades), mas também de fazê-las falar, confessar sua origem demoníaca e, por fim, numa prova inconteste de sua força, expulsá-las”.<sup>81</sup> De forma paradoxal, como mostrou com acerto Ronaldo de Almeida, o “inimigo” vem incorporado num projeto peculiar de “fagocitose religiosa”, uma “antropofagia da fé inimiga”. Trata-se de uma forma singular de “abrasileiramento” de um segmento importante do pentecostalismo brasileiro.<sup>82</sup>

Não é apenas no âmbito do pentecostalismo, ou de certas tradições evangélicas, que vêm ocorrendo tensões e conflitos com outras tradições religiosas no Brasil. Verifica-se também entre segmentos do catolicismo romano posturas de intolerância e beligerância contra os outros. Em sua obra sobre a Renovação Carismática Católica, a socióloga Brenda Carranza assinalou que também ali ocorre uma “batalha espiritual”, onde velhas disputas contra o espiritismo e as tradições afro-brasileiras voltam à cena, delimitando fronteiras bem rígidas de pertença religiosa.<sup>83</sup> Um exemplo vivo dessa postura beligerante pode ser encontrado no livro do padre Jonas Abib, da Comunidade Canção Nova: *Sim, sim! Não, não!*,<sup>84</sup> com inúmeras edições publicadas. É um livro que se aproxima, no tom, do livro do bispo Macedo: *Orixás, caboclos e guias. Deuses e demônios*, líder nessa audiência de beligerância inter-religiosa.<sup>85</sup>

Essas tensões no campo religioso brasileiro são lamentáveis, não há dúvida sobre isso, mas não podem ser entendidas de forma generalizada. Tomando como exemplo as tradições pentecostais ou

<sup>81</sup> Mariza de Carvalho SOARES. Guerra santa no país do sincretismo. In: Leilah LANDIM (org.). *Sinais dos tempos. Diversidade religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: Iser, 1990, p. 87.

<sup>82</sup> Ronaldo de ALMEIDA. A guerra das possessões. In: Ari Pedro ORO et al. *Igreja Universal do Reino de Deus. Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 340-341.

<sup>83</sup> Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica. Origens, mudanças e tendências*. 2ª ed. Aparecida: Santuário, 2000, p. 176-177.

<sup>84</sup> Jonas ABIB. *Sim, sim! Não, não!* 12ª ed. Cachoeira Paulista: Editora Canção Nova, 2004.

<sup>85</sup> Bispo MACEDO. *Orixás, caboclos e guias. Deuses ou demônios?* 14ª ed. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.

neopentecostais, deve-se reconhecer a realidade de experiências concretas e ricas de geração de laços de confiança, fidelidade e autoestima, envolvendo importantes benefícios nos campos da ajuda mútua, da inserção no trabalho, no acesso a políticas públicas, com implicações precisas na transformação das realidades locais. Em trabalho novidadeiro, o teólogo Richard SchaulL sublinhou a importância desses núcleos pentecostais na afirmação de uma nova dignidade dos pobres, algo semelhante ao que vem ocorrendo nas CEBs:

Para um grande número de pobres no Brasil, toda a estrutura social com a qual normalmente contam para sobreviver se despedaçou. As pessoas ficam sem emprego regular, sem moradia decente, sem saber de onde virá a próxima refeição para seus filhos, sem assistência médica ou qualquer estrutura comunitária no lugar onde vivem. São pessoas que conhecem apenas o abandono e a destruição na sociedade. Em suas famílias e na vida pessoal. É exatamente nessa situação, contudo, que muitos passam a conhecer uma rica experiência, que não podemos imaginar, de cura e da presença salvadora de Deus.<sup>86</sup>

Laços importantes na construção da autoestima e de conformação do universo motivacional são tecidos em experiências pentecostais concretas, e isso não pode ser simplesmente descartado como alienação ou exploração dos pobres. O cineasta João Moreira Sales conseguiu mostrar isso de forma admirável no seu filme *Santa Cruz*, que narra o nascimento e afirmação de uma comunidade pentecostal na periferia de Santa Cruz, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. A película acompanha os nove primeiros meses de desenvolvimento de uma pequena igreja “crente” autônoma. E o que se revela para os olhos é a afirmação de um espaço religioso que propicia a intensificação da

---

<sup>86</sup> Waldo CESAR & Richard SCHAULL. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs. Promessas e desafios*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1999, p. 167.

dignidade e da qualidade de sujeitos dos pobres daquela redondeza. Ao abordar a dinâmica que processa a mudança dos indivíduos, do grupo e do bairro onde a pequena comunidade se instala, Cláudia Mesquita sublinha:

Esse movimento se dá, digamos assim, em direção a um maior grau de dignidade, e todas as mudanças que observamos no filme – na vida dos convertidos, da Casa de Oração ou da vizinhança – expressam esta dignidade propiciada pela conversão. É como se a igreja “preenchesse”, aos poucos, um espaço vazio, um grau zero de dignidade, de ordem, de comunidade e de relações sociais positivas.<sup>87</sup>

Essas últimas ponderações servem para dialetizar um pouco mais as reflexões, que podem ficar congeladas numa ideia generalizada e imprópria, já que não consegue captar particularidades que podem favorecer um novo olhar e uma outra perspectiva de ação. Não há dúvida sobre a urgência de um discernimento crítico sobre atuações desviadas e problemáticas. Situações específicas de intolerância devem ser denunciadas e combatidas com vigor, mas é necessário saber pontuar onde elas acontecem, e também separar o que muitas vezes é a atuação de um personagem em particular, do núcleo de fiéis que vivem sua experiência com riqueza e autenticidade. Toda afirmação generalizada pode macular um quadro que é muito mais complexo, marcado por nuances diferenciadas. O mais importante é acreditar num futuro de diálogo e de conversação alternativa, marcados pelo respeito ao outro, pela abertura ao seu mundo, e pelo rico intercâmbio de dons, que sabe resguardar o patrimônio das diferenças.

---

<sup>87</sup> Cláudia MESQUITA. Santa Cruz (de João Salles e Marcos Sá Corrêa): o mundo preenchido. *Sexta-Feira*, n. 8. São Paulo: Editora 34, p. 169 (Número temático sobre Periferia).

## QUESTÕES:

1. Como avaliar a diversidade religiosa no Brasil a partir dos dados do censo de 2000? E que prognósticos podemos avançar sobre essa questão para o censo de 2010?
2. Quais as razões que motivam as recentes dificuldades e tensões no campo religioso brasileiro?

## BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BERGER, Peter L. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- \_\_\_\_ & LUCKHMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo. A globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- DOSSIÊ Religiões no Brasil. *Estudos Avançados USP*, v. 18, n. 52, set.-dez. 2004.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar. A virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_. *De babel à pentecôte. Essais de théologie interreligieuse*. Paris: Cerf, 2006. Edição brasileira: *De Babel a Pentecostes. Ensaio de teologia inter-religiosa*. São Paulo: Paulus, no prelo.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GESCHÉ, Adolphe. *O sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1990.
- HERVIER-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido. A religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LARAIA, Roque de Barros *et al.* Religiosidade no Brasil. *Revista USP*, n. 67, São Paulo, set./out. 2005.
- PONTIFÍCIO Conselho para o Diálogo Inter-religioso. *Diálogo e Anúncio*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- QUEIRUGA, André Torres *et al.* Diálogo inter-religioso. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 183. Rio de Janeiro, out.-dez. 2010.
- SECRETARIADO para os Não-Crentes. *A Igreja e as outras religiões. Diálogo e Missão*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- TEIXEIRA, Faustino (org). *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

- \_\_\_\_\_. *Sociologia da religião. Enfoques teóricos*. 4<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Catolicismo plural. Dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TEIXEIRA, Faustino & DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso. A arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008.



II

Seção bíblico-teológica



## 2.

# NA FÉ E NA CONSTRUÇÃO DA JUSTIÇA E DA PAZ: 25 ANOS DE CURSO DE VERÃO

*Milton Schwantes*<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Certamente não é fácil querer usar a Bíblia para estabelecer consensos. Tais tentativas não são fáceis. Afinal, muitos leem muitos aspectos na Escritura.

Aliás, não se deve estranhar que assim seja. Afinal, por um lado, as perspectivas de fé e teologia, presentes em um dos livros da Escritura, podem ser bastante diferentes de outro escrito. E isso se deve ao fato de que a Escritura se fez narração. Não é um enunciado de afirmações, mas uma sequência de contos e experiências narrados de modo sempre inovador, ainda que, cá e lá, estejam repetidos os mesmos conteúdos. Ainda que os repitam, diferem em detalhes ao dizerem de novo o que já fora dito. Por outro lado, a presença de dois conjuntos de livros – o do Primeiro e o do Segundo Testamento – indica para diferenciações internas. Conjugando diferenças de duas comunidades religiosas – a do judaísmo e a do cristianismo –, obviamente, dificilmente se obterá uniformidade. Mas, ainda que o Primeiro e o Segundo Testamento vivam de tensões internas, os cristãos não quiseram “desistir” do Primeiro Testamento (do assim chamado Antigo Testamento) para o testemunho de Jesus. Aliás, na lista dos Evangelhos sobre Jesus, os cristãos fizeram questão de começar justamente com Mateus, aquele que mais insiste em nos

<sup>1</sup> Teólogo e pastor luterano, doutor em Bíblia/AT pela Universidade de Heidelberg/Alemanha, com tese sobre “O direito dos pobres” (1974). Autor de vários livros de exegese do AT, coordenador do projeto Bibliografia Bíblica Latino-americana ([www.metodista.br/biblica](http://www.metodista.br/biblica)) e editor de RIBLA/Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana.

contar de Jesus de Nazaré na interação com o Primeiro Testamento. É, pois, evidente que na Bíblia as diferenças se complementam. Isso a caracteriza internamente. Em outros termos: parece-me que a Escritura não nos impõe uniformes, mas roupas com tecidos e cores muito diversos. Ela tem mais jeito do colorido do jardim do que da mesmice do capim.

Para uns, mais valem os encaminhamentos bíblicos para a salvação. Para outros, interessam principalmente as práticas promovidas pela mesma Bíblia. Um consenso é difícil. Nesse sentido, nem sempre a Escritura promove encontro, aproximação, ecumenismo. Através dela, não raro se estabelecem desencontros, polêmicas, conturbações.

Essa situação que já vem de longe acirrou-se ainda mais à medida que a sociedade ocidental se foi apartando da Igreja, foi-se fazendo autônoma em suas decisões. Não raro estes tempos modernos se apartam do interesse de incorporar em sua maneira de ver a pessoa, o Estado e a distribuição dos bens da terra, de modo que querem desconhecer as Escrituras. Não que o Estado moderno e sua cidadania tivesse que ser tutelada de modo clerical, mas sua capacidade de escuta tornou-se difícil. Afinal, em nossa terra brasileira, como que não houve e não há ainda suficientes ouvidos para o grito da fome. Não há que inocentar as Igrejas desta surdez, principalmente as Igrejas em seus tempos de hegemonia no poder imperial. Mas também não podemos achar que nos dias de hoje o egoísmo tenha a tal ponto diminuído a ponto de ansiar por compartilhar os alimentos tão abundantes nestas nossas terras. O egoísmo continua avassalador em sua gana de ir-se apropriando do máximo possível. Eis problemas de ontem, eis dilemas de hoje.

Daí entendo por que tantas pessoas se apressaram em me aconselhar em minha vida: “Tira a mão disso”, pastor. Ou se dizia a meia boca: “este nosso pastor aí é comunista”.

Assunto de pastor é o de sacristia! A quem assim quis que me ativesse no sermão ao assunto igreja e não aos temas do dia a dia da vida, tive que perguntar meio que ingenuamente: “Mas que assuntos são estes, os de sacristia?” Como era, na oportunidade, pastor de 23

comunidades, lá no interior das terras catarinenses, lembrei-me na hora de certo caos e objetos embaralhados que “habitavam” muitas das sacristias. Eu – metido na sacristia! Uma dura tarefa esta de pôr em ordem aquelas esculhambações que por lá se juntam. E não consegui ser pastor de sacristia.

Continuei, pois, fora da sacristia. Confesso que isso me pareceu mais interessante e instigante. Assim, num dia desses, na segunda metade dos anos setenta, o sindicato dos pequenos lavradores fez questão de me convidar para estar presente no debate sobre o futuro daquele nosso município. Em nome do sindicato, alguém fez as projeções para o futuro dos pequenos lavradores: recomendou incessantemente a modernidade das máquinas, dos insumos agrícolas e das sementes. Foi um *show* de modernidade; não havia quem não se pudesse encher de brios pelas sementes novas e supostamente maravilhosas. Em meio àquela euforia de modernidade, consegui a palavra: disse que uma de minhas funções naquele nosso município era batizar crianças, pois cada uma é filho e filha benquista de Deus. Afinal, todo batizado é combatente pela justiça! O movimento sindical quer o que: modernidades que eliminam pessoas, ou inclusão de todos?

Esse, sim, é um problema da “sacristia”, desses sagrados lugares que são de Deus. E essas “sacristias” – esses lugares sagrados são aqueles que nos abrigam, nos quais precisamos lutar por dignidade. A “sacristia” está por toda parte; logo, cada cantinho é espaço de Deus para a promoção da vida, inclusive uma sacristia de igreja, se bem que outros sejam prioridades maiores.

Talvez precisássemos definir na pastoral quais são nossas “sacristias”, aqueles locais nos quais brilham as luzes da manjedoura e as cruzes de onde resplandecem as maravilhosas luzes das lutas pela vida. Sem esses sinais, o evangelho pode não brilhar.

## 2. Deus é amor

Portanto, temos não poucas dificuldades em identificar de maneira mais ou menos consensual quais sejam, enfim, os conteúdos mais definitivos e marcantes. Ora, Bíblia não é receituário. Quem nos agrupa e quem de nós faz igreja e comunidade é a própria obra maravilhosa

do Espírito Santo. Nele somos feitos “comunhão dos santos”. Sim, é o Espírito quem afunila a obra criadora de Deus e o sentido de Jesus na direção de comunidade/Igreja. Essas são as esperanças de Joel 3,1-5; essa foi a experiência de Pentecostes, conforme Atos 2. Esses ambientes do Santo Espírito hão de ser o que também nutre e, finalmente, direciona a leitura bíblica: ela precisa do Espírito atuante em meio ao povo dos pobres, como se lê em Mateus 5.

Ora, nesta dinâmica extraordinária das experiências inovadoras de Jesus em concretizar o Evangelho, ele também inova na proposta ética. Em suas práticas e em suas explicações sobre elas, o Nazareno retorna sistematicamente à proposta do amor, da ágape, como se diz em grego. Esta, aliás, já é a proposta do Primeiro Testamento e no Segundo, é mais e mais realçada.

No Primeiro destacaria, entre tantas, duas passagens que o iluminam amplamente. Menciono, com destaque, a postura e proposta ética de Oseias em 6,6: “Solidariedade (*hesed*) quero e não sacrifício, e conhecimento (*da”at*) de Deus, de modo nenhum holocaustos” (Oseias 6,6).

Nessa passagem, não se menciona o conceito hebraico de “amor”. Mas o assunto nela enfocado por Oseias justamente está na estreita relação com os conteúdos em questão, na palavrinha substantiva “*ahabah* (“amor”) (Oseias 3,1 e 11,4, muito frequente em Cantar dos Cantares) ou no seu verbo “*hb qal* (“amar”, “gostar”) (Oseias 3,1; 8,13; 10,8; 11,1; 12,8; 14,5, muito frequente em Deuteronômio). Termos como *hesed* (“solidariedade”) são mais antigos no hebraico e vão sendo detalhados e diferenciados através do recurso a novos, como é o caso de “*hb* (“amar”). Através de tais contínuas recriações de linguagem, a teologia bíblica vai intuindo expressar de modo cada vez melhor aquilo que é a sua especificidade. Nesse sentido, teologia é arte literária!

O Segundo Testamento dá continuidade às tradições do Primeiro, consolidando o amor a Deus e ao próximo em sua perspectiva, por exemplo, em Lucas 10,27: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

Veja formulações bem similares em Mateus 22,37-39 e Marcos 12,29-31. Além desses, vários outros textos se encontram no mesmo direcionamento, como por exemplo: Levítico 19,18; Mateus 5,43-48; 19,19; Romanos 13,9-10; Gálatas 5,14; Tiago 2,8. O mandamento do amor a Deus e ao próximo é, pois, típico do Segundo Testamento. Penso que se possa dizer que perpassa seus textos explícita ou implicitamente.

Há, por certo, ganho à medida que o Segundo Testamento consolide em nossas consciências justamente esta dupla conexão de achego em Deus e de cuidado com o irmão e a irmã, dentro da tradição franciscana com a criação inteira. Sim, o próprio desdobramento da teologia do Segundo Testamento foi alcançando seu ápice à medida que conectou a experiência do amor com a própria profundidade existencial que vamos alcançando em Deus.

A 1ª Carta de João afirma: “Deus é amor!” (1Jo 4,8b). Ora, foi maravilhoso conseguir dizer que nossa vida encontra sua tarefa apropriada e mais radical no amor ao próximo. Mas, certamente, ainda mais “ultimativo” e derradeiro é haver-se achegado a Deus dentro do aconchego do amor, da ágape. Em verdade, com isso a religião como expressão do medo está suplantada, e a fé para o encanto, a beleza, o encontro com o irmão e a irmã está inaugurado. Assim, tudo o que era, que a própria Bíblia tentara dizer sobre as relações com Deus ou entre as pessoas, foi elevado a um novo e definitivo patamar. A religião do medo já era; prevalece a do encontro fraterno e irmanado.

Esta dimensão do “amor”, da ágape, constitui, até hoje, como que a identidade da ética cristã. E isso certamente faz sentido, pois constitui a marca comportamental, mais decidida e diferenciadora que as comunidades conseguiram estabelecer para si.

Mas, a meu ver, não se pode “esquecer” que também este encaminhamento foi contextual e circunstancial. Afinal, mais ou menos a uma geração dos escritos joaninos (evangelho de João e cartas de João) o evangelista Mateus ainda insistia no conceito da justiça: “Buscai em primeiro lugar o seu Reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6,33).

Não é assim que o “amor” descarta a “justiça”, mas, de todo modo, seus enfoques são diferentes. Poder-se-á dizer, certamente, que a ética do “amor” alcança, onde ações de “justiça” não se alcançam efetivar. Basta que se leia, por exemplo, uma das formulações clássicas de 1 João a respeito da vida na ágape, no “amor”: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor” (1 João 4,7-8).

Aqui, em 1 João se apresenta, pois, um significativo e decisivo aprofundamento em relação ao duplo mandamento do amor nos sinóticos (em Marcos, Lucas e Mateus, veja acima). Nos decênios que vão de 70 d.C. (destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos) até mais ou menos 120 d.C. (período da consolidação da literatura joanina, quer dizer do Evangelho de João e das cartas de João), a concepção da ética e da própria teologia cristãs à luz da experiência da ágape, do “amor”, tomou contornos decisivos e conclusivos. Isso não significa que a postura em prol da “justiça” tenha “desaparecido” nesses decênios. De que assim não sucedeu se vê na carta de Tiago, um lutador pela “justiça”. Mas, de todo modo a ágape, o “amor”, foi-se tornando a realidade para o delineamento da postura das comunidades cristãs. E por quê?

De modo geral, há que considerar que, por estes tempos dos séculos II e III d.C., vão-se processando, em meio às comunidades/igrejas – já então nada insignificantes no Império Romano –, mudanças cada vez mais profundas. A crítica a práticas estranhas do Império vão convivendo com simpatias cada vez mais marcantes de setores do Império com esta nova religião. Tempos de dura perseguição, geral ou meramente local, alternam com períodos de convívio e integração. E, enfim, nos começos do século IV, sob Constantino, o cristianismo rapidamente passa de religião perseguida a religião favorecida.

Este “translado” ou esta “transposição” não foi um evento repentino, nos inícios do século IV. Fez-se nos decênios e nos séculos precedentes, sob as condições da perseguição e das ameaças a ela. Nesse embate, ambas as partes obviamente se enfrentaram duramente, mas também se aproximaram e se alteraram: o Império passou a valorizar aspectos

em que os cristãos poderiam ser considerados bons cidadãos, e as comunidades/igrejas encaminharam suas práticas para que pudessem ajeitar-se ao cotidiano do Império. Esta segunda dimensão é a que, aqui, interessa. Vou assinalar estas mudanças, brevemente, em três exemplos.

A eucaristia cristã (a santa ceia) era uma ceia com mesa comum nos locais onde as comunidades/igrejas se reuniam. Assim o podemos ler em 1 Coríntios 11,17-34 (ver Marcos 6,30-44 e 8,1-10). Entre as pessoas mais simples, especialmente escravas e escravos, a prática eucarística comunitária – duas a três vezes por semana – alterava decisivamente a condição de vida de quem se adicionava às comunidades. Mas, como manter tal prática eucarística que também era prática de alimentação popular quando as majorias vieram a batizar-se a partir do século IV? O que, então, foi sendo introduzido, até hoje, em relação ao pão e ao vinho comunitários é a minimização de seu conteúdo e a maximização de seu significado. De alimentos fizeram-se significações! E isso é assim até hoje, em praticamente todas as comunidades/igrejas.

Tomo outro exemplo, agora de nosso continente. Milhões de pessoas viviam nas Américas antes de 1500. As invasões, especialmente a espanhola e a portuguesa, foram arrasadoras para as populações que aqui, há milênios, haviam constituído suas vidas, suas estruturas sociais, seus Estados e suas religiões. Mas foram arrasadas e, aos milhões, perderam suas vidas. Eis um genocídio incrível de índias e de índios. Os exércitos que o patrocinaram eram “cristãos” e as próprias igrejas, sem piedade maior, acompanharam o massacre, não só de índias e de índios, em seguida também de negras e negros. Afora o brutal interesse de espoliação econômica – a busca desenfreada do ouro –, outra razão profunda não há para entender tamanhos descalabros e desatinos. Nem de longe o Império Romano alcançou a dimensão de eliminação do diferente que se obteve em terras americanas.

A Europa que se trasladou para as Américas foi acompanhada da servidão (de servas e de servos feudais). Latifúndios – fossem eles de senhores feudais ou do senhorio eclesiástico – eram levados a produzir, no dia a dia, pelos servos e as servas da terra. Tal servidão era, com alterações, a própria continuação da economia do Império Romano. Era um ajuste da escravidão romana contra crianças, mu-

lheres e homens. As igrejas foram profundamente coniventes com os senhores escravocratas ou feudais da servidão. Foi desse jeito – dentro dos contornos do padroado, quer dizer, do latifúndio e da submissão servil da população – que as igrejas se implantaram por essas nossas Américas, primeiramente contra índias e índios. Mas isso não se deu somente por meio do senhorio católico nas Américas – apesar das maravilhosas disputas de Bartolomeu de Las Casas –, mas também através de imigrantes como os alemães, no Sul do Brasil, nos começos do século XIX: também eram compradores e mantenedores de escravos e escravas, além de caçadores de índias e de índios! Documentos a respeito não faltam, o que nos falta é o desejo da veracidade e liberdade de olhar na cara de tais descabros.

Enfim, a ágape (“amor”) viabilizou espaços de criatividade ética e de posturas libertadoras para as comunidades/igrejas. Mas, também, não ajudou a ver as barbáries que fomos importando e estabelecendo no cotidiano das igrejas. Mulheres e crianças foram submetidas, justamente em nome de Cristo libertador. Negras e negros foram batizados para dentro da escravidão. O alimento eucarístico tomou o nome de símbolo! Mas esta fé não tem a ver nem com o Primeiro, nem com o Segundo Testamento!

### **3. Busca de novos caminhos para justiça e paz**

“Justiça e paz”: uma perspectiva teológica que, afirmando antigas e bíblicas dimensões, busca por novos encaminhamentos. Quem nos espaços da religião procura por tais perspectivas, a meu ver, percebeu que é preciso ampliar certas tradições das comunidades/igrejas. Até parece que já nem percebemos que a Escritura testemunha incessantemente a justiça e a paz. O caminho da ágape, do “amor”, lhe é muito importante, como já vimos, mas “justiça e paz” por igual é decisivo.

Lembro-me de um debate que tivemos, muitos anos atrás, num encontro de formação de pastoras e de pastores. Tentamos estabelecer nossas metas pastorais, em meio às comunidades/igrejas, no Sul do Brasil. Em poucos minutos o “clima” esquentou à vista de duas propostas. Um grupo queria que se falasse sempre de “amor” ou de “misericórdia”; outro insistia no conceito da “justiça”. Não houve

acordo! Ora, em jogo estava, justamente, a linguagem da tradição em confronto com a busca do novo: não basta o “amor”: a “justiça” é o que é decisivo!

“Justiça e paz” não é uma nova conceituação. É profundamente bíblica. E continua necessária e adequada justamente para nossos dias. Vejamos, pois, que encaminhamentos permite.

### *3.1. Justiça e paz – na Bíblia e entre nós*

Em cada língua e em cada povo, as palavras podem ter outra conotação. Ao traduzirmos palavras ou expressões de uma língua para outra, vamos nos dando conta dessas diferenças. Quando, pois, uso a palavrinha “justiça” ou “paz”, posso estar dizendo o mesmo que com ela expresse ao me referir à Escritura, mas também posso estar me distanciando muito do que a Bíblia quer dar a entender sob tais termos.

Na verdade, só no final do século XIX teólogos foram percebendo, novamente com nitidez, que há marcada diferença quando se usa a palavra “justiça” no âmbito do latim e das línguas dele derivadas, ou no sentido dos termos correspondentes em hebraico ou grego. De modo especial, “justiça” tem a ver com um abrangente ordenamento cósmico, em que há lugar para variados encaminhamentos “justos”. Decisivo é que se entenda que é “justo” ou que vive em “justiça”, quem é solidário na comunidade, na aldeia. A medida é, pois, a solidariedade, e não uma abstração ética que afirmaria sempre o mesmo. Na medida em que Deus nos atribui “justiça”, ele assim procede por mera gratuidade para que nós, nas comunidades da vida e da fé, possamos ter vida solidária, quer dizer, “justa”. Vida em que eu tenha tudo e outros nada jamais é vida “justa”, pois não passa de egoísmo capitalista, de devoção ao dinheiro. A medida da “justiça” é, pois, a comunidade.

Olhemos, por instantes, para um outro conceito que se situa bem próximo da “justiça”. Penso em “direito”. Na Bíblia, “direito e justiça” seguidamente vão de mãos dadas (ver Jeremias 23,5-6). No caso, “direito” não é um termo absoluto, mas seu significado a rigor é “aquilo que me cabe”, por exemplo, o pão que me cabe é meu “direito”. Ele

não tem que estar medido por dinheiro! Eis um desafio radical para a economia em que vivemos!

Similar é o conceito da “paz”, do *shalom*. Este não é meramente um estado sem guerra, mas inclui necessariamente relações “justas”, de “justiça”. Sem “justiça”, não há “paz”. Eis nossa realidade brasileira! Não basta, pois, que se reduza a “paz” a um sentimento de harmonia. Ela requer “o pão de cada dia”. Sem este, estamos em guerra.

Enfim, a Escritura é semita. Nela se preservam tradições e significações que divergem de nossa cultura ocidental. Precisamos estar atentos a essas diferenças!

### 3.2. *Justiça, direito e paz na profecia*

A Escritura testemunha, como um todo, a “justiça” e o “direito”, bem como a “paz”. Mas a profecia se lhe tornou algo todo peculiar.

Os Profetas Anteriores fizeram severa oposição aos reis, primeiro aos cananeus (em Josué e Juízes) e, depois, a seus próprios, até sua derrocada final em 587 a.C. Esses Profetas Anteriores (1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis) denunciaram os reis como espoliadores sociais e idólatras, e, à medida que deles contavam, explicitavam o fim aniquilador que os atingiria, até mesmo o respeitável Josias (ver Josias 22-23).

Os Profetas Posteriores foram ainda mais surpreendentes e inusitados, pois os “profetas literários” não pouparam a um sequer de suas condenações e do anúncio de sua ruína. Essa realmente é uma perspectiva que chama a atenção e não é nada típica de obras literárias do entorno de Israel e Judá. Essa visão radicalmente antimonárquica não é típica de uma religião, mas é característica do povo de Deus.

A razão é sempre a mesma, ou melhor, é sempre de suas conotações que, vistas em profundidade, percebe-se serem um e mesmo assunto. Dito de um modo mais rápido, se poderá dizer que as injustiças e espoliações praticadas pelo senhorio do Estado constituem o berço da ruína dos reis: é o que Natã diz a Davi através da parábola da ovelhinha do pobre; é a denúncia de Elias contra o roubo da terra de Nabot; enfim, são as viúvas de Israel que não são protegidas nas terras de sua herança! Injustiça e guerra: eis o que reis e militares impõem a lavradoras e lavradores (ver Miqueias 3,5-8).

Mas, concomitante com esta denúncia de injustiça, de falta de direito e de promoção de guerra, de algo como o próprio canibalismo contra os empobrecidos ou, na linguagem de Miqueias, contra “meu povo” (Miqueias 2,1-4), está a denúncia de idolatria. Quando se observam tais demandas contra a idolatria, poder-se-ia ter a impressão de que este fosse outro delito, diferente do social, aquele que atenta contra a justiça. Mas, na verdade, não é outro delito. Trata-se do mesmo! Ora, que significa, concretamente, promover idolatria? Vem a ser dedicação de alimentos, quer dizer, de sacrifícios para os deuses. E, desculpem-me pela pergunta, ídolos se alimentam, comem sacrifícios? Não, não comem, pois, enfim, nem existem, se me permitem dizê-lo assim abruptamente. E se alguém oferta a Javé, ele, por igual, também não come (Salmo 50!). Mas, então, quem a rigor se alimenta destes alimentos nos altares? Ora, os sacerdotes, as elites, a governança... são eles que “comem nos altares”! Isso significa então que espoliação e idolatria, a rigor, são a mesma coisa: manter uma elite do Estado sem trabalhar, comendo o que é roubado das trabalhadoras e dos trabalhadores (falta de “justiça”) e alimentando-se de sacrifícios que nem deuses e muito menos Javé quer.

A profecia é e foi, pois, a crítica das críticas! Conseguiram desvendar que religião corre o risco agudo da tolice, de desfazer-se em guerra.

### *3.3. O reino e a justiça*

“Buscai em primeiro lugar o seu Reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6,33).

A “justiça” não se basta a si. Ela precisa ser apoiada de múltiplos lados. Não é uma diretriz que tenha em si mesma seu caminho. Se assim fosse, os intermináveis documentos que se elaboraram no Brasil em favor da justiça estariam funcionando. Afinal, em nossa terra, fazemos as campanhas políticas para que aumente a justiça, mas os orçamentos vão desaparecendo. E isso não é assim apenas em nossa terra brasileira. Por outros países, as excelentes intenções morais se esmigalham pelos mesmos esgotos do desvio de verbas. Por quê? É que os apelos por “justiça” não bastam! A gana do roubo e do desvio é maior. E a “justiça” se vai fazendo corrupção, nas mãos

dos mesmos que, alguns anos antes, acusavam seus adversários de corruptos.

É que o moralismo nada corrige! E todos os mestres ou as mestras em corrupção juram que nada desviaram, que estão sendo vítimas de adversários maldosos, apelam à sua inocente inocência. Em nossa terra, o assalto ao Estado é generalizado, ontem e hoje.

Um dia destes, recebi a visita de um grande proprietário de terras em Rondônia. Eu era pastor na cidade de Cunha Porá, no oeste de Santa Catarina. E aquele visitante se pôs a contar de sua vida, na verdade, de suas falcatruas em Rondônia. Falou-nos, com muito brio, como conseguira uma grande extensão de terras ao longo da rodovia que conecta Vilhena a Porto Velho. Dizia que comprara um carro novo da Volkswagen e que acertara com um funcionário governamental daquele estado a obtenção de terras ao longo da BR federal entre Vilhena e Porto Velho, em troca daquela VW-Brasília que adquirira. Dizia-nos e dizia-me que andaram quase uma hora ao longo da rodovia, tendo colocado no ponto de partida, perto de Vilhena, um poste na beira do caminho. Depois de quase uma hora, pararam e fincaram no chão mais outra marca. Aquele trecho da estrada e 10 quilômetros “para dentro”, quer dizer, da estrada em direção da mata passava a ser dele, encaminhado em escritura. E o cidadão ria de sua façanha. Pedi que se retirasse de minha casa, da casa paroquial. Pensei que não poderia abrigar aquele homem ladrão por mais tempo. E nunca mais o vi.

Não é que ele desconhecesse a “justiça” no sentido bíblico. Não é que ele desconhecesse a Igreja e a moralidade. Não!

Sim, a “justiça” é um bom apelo, uma proposição moral que causa bom efeito, mas todos nós nas igrejas/comunidades temos muito a enfrentar em nosso dia a dia para que a “justiça” se faça verdade. Sim, sempre é bom não querer esquivar-se, porque quem hoje não rouba pode roubar amanhã. Sim, somos tremenda e facilmente vulneráveis.

Por isso, o “Reino” nos pode ajudar. Pode ser um dos apoios a mais para a “justiça”:

“O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho” (Marcos 1,15).

Ora, o “Reino” reside neste “Evangelho”, no qual se crê. Ele está próximo, quer dizer, já está entre nós. A esse Reino e a esse Evangelho, convém que nos agarremos, que nos devotemos. Pois o Reino e o Evangelho são, em Jesus, muito singelos e pobres. Eles nos elevam, levando-nos às catacumbas e aos porões da humanidade. Tornam-nos serviço cotidiano a irmãs e irmãos. Nesse trilho da vida, a corrupção diminui. Pois, nem mesmo vale a pena ser corrupto à vista do Jesus crucificado. Até Judas percebeu que o dinheiro que se lhe pagara para identificar a Jesus, para traí-lo, não era realmente de nenhum valor. O “lucro” de Judas foi também sua ruína e morte. É diante de Jesus que a corrupção não vale a pena, porque seu Reino é tão humilde e rodeado de pobreza que seu “Reino” de empobrecidos e empobrecidas não dá margem a rendimentos.

Enfim, a cada dia precisamos conectar a “justiça” ao “Reino”! Sem o “Reino” da manjedoura, a “justiça” pode ser destituída de seu eixo!

#### 3.4. Paz no conflito

“Paz” é um caminho de vida em meio a conflitos.

Há quem preferisse entender “paz” (*shalom*) de modo bem mais ideal, como se fosse a experiência plena da justiça, da tranquilidade. Mas não é propriamente assim que a Bíblia a ela se refere, mas menciona-a bem mais como um caminho, uma possibilidade, um empenho pelo qual tenho que investir meu tempo e meus esforços.

“Paz” se contrapõe a guerra, tanto ao massacre social dos mais frágeis quanto ao conflito bélico. Em ambos os aspectos, a Escritura foi e é generosa em sua posição. Ela é, especialmente por meio da profecia, insistente na defesa das assim chamadas vítimas: homens e mulheres empobrecidos são o alvo predileto de proteção. “Paz” requer, pois, um digno convívio social, de modo que os socialmente mais frágeis estejam devidamente sob proteção. Mas também a guerra é contida. Ora, no Primeiro Testamento, conta-se a história de um povo, com Estado e governantes. Ele promovia guerras. Nesse sentido, a “paz” nem sempre se impôs. Ficou muito aquém do desejado.

Apesar de tais guerras, o senso da “paz” foi-se impondo. Por exemplo, na Bíblia, contam-se muitas guerras como “guerras de Javé”. Quem

destruçava os inimigos nem eram os exércitos do povo, mas estes, por serem tão frágeis, entendiam ser o próprio Deus que por eles lutava. Esse “translado” da beligerância para o âmbito de Deus tende a destituir as pessoas da tarefa militar. Sim, muitas das histórias bíblicas de luta militar requerem ser entendidas como ações de Deus. A partir do exílio (de 587 a.C.), Judá nem exército teve! Como comunidade ocupada de modo colonial, teve que sobreviver por séculos. Aos exércitos dos macabeus (século II a.C.) e, mais tarde, dos zelotes (no século I d.C.), foram feitas duras críticas. Setores fariseus e cristãos não aderiram às armas. Enfim, Jesus desiste da reação violenta aos violentos. “Paz”, no sentido da não reação a ações, mesmo injustas, é a meta das primeiras comunidades.

Sim, “paz” é nosso compromisso. Guerra, guerra alguma faz sentido! Que nossos caminhos sejam de “justiça” e de “paz”. E isso basta!

### 3.

## OS MÚLTIPLOS ROSTOS DO MISTÉRIO

*Marcelo Barros*

### I. BÍBLIA E A DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA

De um modo ou de outro, todas as tradições espirituais veem a Deus como fonte de amor e solidariedade. Isso significa que o pluralismo cultural e religioso que se manifesta no mundo atual não é apenas um fenômeno social, decorrente das migrações forçadas e da injustiça do mundo, mas pode também ser visto como manifestação do Espírito Divino que chama as pessoas e grupos a conviverem e a aprenderem com os outros. Podemos discernir essa presença e atuação divinas no mundo atual sem recorrer a livros sagrados e tradições antigas. Deus nos fala a partir da realidade nova dos fóruns sociais e de grande parte da humanidade que se faz mais solidária. Podemos testemunhar: em cada manifestação por justiça, paz e defesa da criação, há uma inspiração e atuação do Espírito Divino. Entretanto, sem dúvida, é um direito de quem crê procurar confirmar a sua fé aprofundando-a nas Escrituras e tradições espirituais que nos formaram. Não podemos esperar que textos antigos respondam diretamente a problemas e situações que são nossas e não existiam em outras épocas. Entretanto, buscando ler os textos em seu contexto histórico, podemos sim descobrir neles uma palavra para a nossa caminhada atual e a nossa missão de abertura macroecumênica e de diálogo.

#### 1.1. Um terreno a ser limpo e aberto a todos

Uma leitura rápida da Bíblia pode nos chamar a atenção para muitos textos violentos e de intransigência cultural e religiosa. De fato, se

há textos que falam da paz e do amor, há também muitos outros – e estes talvez apareçam mais – que propõem guerras e conflitos entre a comunidade israelita que adorava o Deus considerado verdadeiro (JHVH ou Adonai, o Eterno, ou o Senhor) e outros grupos que cultuavam outras divindades. A Bíblia pode ser interpretada como uma incessante luta contra culturas e religiões estrangeiras. Vários intelectuais chamam a atenção para o caráter intransigente e violento dos textos religiosos. Um sociólogo afirmou: “Encher o mundo com religião e principalmente com religiões monoteístas equivale a espalhar pelas estradas pistolas carregadas. Não se surpreendam se elas forem usadas”.<sup>1</sup>

Em uma mensagem ao 2º Fórum Social Mundial, escreveu José Saramago:

De algo sempre haveremos de morrer, mas já se perdeu a conta aos seres humanos mortos das piores maneiras que seres humanos foram capazes de inventar. Uma delas, a mais criminosa, a mais absurda, a que mais ofende a simples razão, é aquela que, desde o princípio dos tempos e das civilizações, tem mandado matar em nome de Deus.<sup>2</sup>

Um ex-sacerdote católico afirmou:

A violência nos livros da Bíblia é abundante. Esse texto é dos épicos mais sangrentos da literatura universal. [...] Iahweh exige a adoração exclusiva dos israelitas. Não poupa seu próprio povo do castigo da morte quando este o decepciona. Em diversas ocasiões, a ordem é massacrar. Para os povos inimigos, não há misericórdia alguma (ver Js 6,2.20- 21; Dt 20,10-18; Ex 32,25-28; 33-35).<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Richard DAWKINS, no *The Guardian*, 15/09/2001, citado por Antonio AUTIERO, *Tra Religione e Irreligione*, in OBRA COLETIVA, *Comprendere il nostro Tempo*, Verona, Casa Editrice Mazziana, 2003, p. 107.

<sup>2</sup> Citado por Faustino TEIXEIRA, *Diálogo Inter-religioso: o desafio da acolhida da diferença*, in *Perspectivas Teológicas*, julho-agosto, 2002.

<sup>3</sup> Marcelo da LUZ, *Onde a Religião termina?*, Foz do Iguaçu, Ed. Editares, 2011, p. 249- 251.

Mesmo ao ler o Novo Testamento, Barry Moser declarou: “Fé, esperança e amor podem ser as virtudes pregadas, mas o tema predominante é feito de sangue e pedra”.<sup>4</sup>

Em 1996, o cardeal Carlo Maria Martini, então arcebispo de Milão, afirmava:

Sinto-me obrigado a refletir novamente sobre páginas bíblicas que descrevem o conflito e parecem legitimá-lo e encorajá-lo. Penso em algumas passagens do livro de Josué, de Juízes, dos livros dos Reis e das Crônicas, de Isaías, Amós, de outros profetas e do Apocalipse. Em algumas parábolas evangélicas, a guerra e a violência são consideradas comuns e inerentes à sorte deste mundo. O Evangelho usa como comparação para a nossa fé a situação de um rei que vai à guerra contra outro rei com dez mil homens (Lc 14,31). Há também a parábola do rei que, ao saber que seus servos e o seu filho foram insultados e assassinados, “indignou-se e mandou suas tropas massacrar aqueles assassinos, entregando ao fogo a cidade deles” (Mt 22,7). São histórias que falam de vingança e pena de morte, como a do homem nobre que, voltando à sua pátria, depois de ter recebido o título de rei, diz: “Tragam-me aqui aqueles que não queriam que eu reinasse sobre eles e matem-nos diante de mim” (Lc 19,27). Ou ainda o conto sobre o proprietário da vinha que “virá e matará os lavradores para entregar aos cuidados de outros a sua vinha” (Lc 20,16). Hoje, não podemos propor fatos de guerra e violência como imagens do Reino de Deus. Como, então, compreender a violência presente na Bíblia?<sup>5</sup>

Maria Clara Bingemer, teóloga organizadora do volume *Violência e Religião* (2001), explica esses textos violentos com o conceito de “pedagogia progressiva”. Deus vai educando progressivamente o seu

---

<sup>4</sup> Barry MOSER, *Blood and Stone: violence in the Bible and the eye of the ilustrator*, in *Cross Currents*, New York, Summer, 2001, vol. 51, n. 2.

<sup>5</sup> Carlo, Cardinal MARTINI, *Fede e Violenze*, *Cattedra dei non credenti*, 1996, disponibilizada na Internet e publicada em livros pela Arquidiocese de Milão, 1996.

povo a partir de seus condicionamentos culturais até um ponto no qual a violência possa ser superada. Ela explica que, mesmo textos como Dt 20,10-18, que nos parece muito violento, já encerra em si mesmo certo controle da violência que, na época em que foi escrito, podia ser maior e mais geral. Assim sendo, a revelação bíblica caminha para a não violência e o amor absoluto.<sup>6</sup>

De fato, esta evolução da pedagogia divina também é defendida pelo teólogo espanhol Andres Torres Queiruga. Ele escreveu *Do terror de Isaac ao Abbá, Paizinho, de Jesus*.<sup>7</sup> Nesse livro, mostra que as imagens de Deus no início desse processo são das divindades cananeias. Nomes divinos como *El Shaddai* (*O Deus da montanha*) e *Deus Shabbaot* (*O Deus dos exércitos*) são divindades tribais que, através de guerras santas, protegem as tribos contra seus inimigos. A própria transcendência divina é apresentada como sinal do seu poder contra os inimigos. Insiste-se que a guerra feita em nome de Deus não pode ser de conquista, nem de opressão, mas deve ser pela justiça. Só posteriormente a imagem do Servo Sofredor (Is 42,1-7; 50,4-9 e 52,13-53,12) vai pouco a pouco revelando um projeto divino que liberta sem ser através do poder e da guerra.

Creemos na Bíblia como a escritura de uma palavra divina que se faz plenamente humana e inserida em culturas antigas e na história de um povo. Então devemos ser humildes em reconhecer que, embora traga para nós a palavra divina, ela não deixa de ser humana, limitada e mesmo com elementos a serem corrigidos. A 2ª Carta de Pedro diz: “a palavra dos profetas (a Bíblia) é apenas uma pequena lâmpada que brilha no escuro (nesse sentido nos ajuda), até que o dia clareie e a estrela da manhã brilhe diretamente em nossos corações” (2Pd 1,19). Não precisamos desculpar a Bíblia ou justificá-la, seja como for. Queremos, sim, reler seus textos a partir de um chamado divino que hoje recebemos para ser testemunhas do amor divino por todas as culturas. Ele se manifesta na diversidade religiosa como apelo para construirmos todos juntos um mundo de paz e justiça.

---

<sup>6</sup> Maria Clara BINGEMER (org.), *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo, três religiões em confronto e diálogo*, São Paulo, Loyola, 2001, p. 21.

<sup>7</sup> Andres Torres QUEIRUGA, *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, São Paulo, Paulinas, 2011.

## 1.2. De quem é Deus?

Todas as religiões, mesmo a fé bíblica, têm a tentação de pensar: “Deus é nosso”. Apesar disso, a Bíblia mostra que Deus se revela ensinando as pessoas e comunidades a dialogar e descobrir sempre a presença dele no outro. De acordo com os textos do Gênesis e conforme a tradição judaica, desde o primeiro momento Deus cria tudo, não para si, e sim para a vida de todos. Ao criar o Universo, não se afirma nem se impõe. Cria, retirando-se para dar lugar à criatura, ao outro (interpretação do rabino Luriá, século XVI). Esse gesto divino de diálogo com o ser humano, respeitando-o como outro e autônomo, repete-se em cada momento da Revelação. Deus se revela como muito próximo e ao mesmo tempo escondido. É um amor que se revela para libertar e se esconde para deixar que o outro seja livre e viva.

Desde o início, as pessoas e comunidades se posicionam diferentemente diante dessa proposta de abertura e respeito ao outro. Já no capítulo 4 do Gênesis, o mito de Caim e Abel busca compreender a oposição entre pequenos pastores seminômades e criadores já de posse da terra. A Bíblia apresenta Caim como a figura do religioso que se sente mal com a bênção que o outro (o irmão) recebe. Caim quer monopolizar a bênção para si mesmo. Como as pessoas que pensam que somente sua religião está certa e Deus só deve aceitar o seu sacrifício, e não o do irmão. Já nessa história, vemos como um exclusivismo religioso, fechado, está sempre ligado à questão do poder. Na história, as religiões e comunidades podem ser exclusivistas e fechadas às outras quando se tornam poderosas no plano sociopolítico. Ao contrário, o patriarca Noé é a figura de todo ser humano, e não apenas de um patriarca judeu. Ele reconhece uma aliança divina feita com todo o Universo (cósmica). Na bênção de Deus a Noé, o único mandamento é a responsabilidade que cada ser humano deve ter pelo seu irmão: “Nunca derramar o sangue do irmão” (Gn 9,6). O único projeto de Deus é cuidar do ser humano. Novamente aí vemos a relação entre abertura ecumênica e solidariedade social. De quem é Deus? Deus não é propriedade de ninguém. Nós é que somos de Deus.

Hoje, quem lê a Bíblia tende a pensar que, desde o tempo dos patriarcas, Deus se revela como o único Deus e o povo bíblico teve de abandonar os outros cultos. De fato, isso foi um processo lento e complexo. Nomes como *El Shabbaot* (o Deus dos exércitos), *El Shaddai* (o Deus altíssimo) e outros eram nomes de divindades cananeias, cada uma com suas características. Alguns desses deuses foram considerados pela tradição como nomes válidos para o Deus de Israel. O Êxodo explica: “Eu sou IHWH (Adonai, o Senhor). Eu apareci a Abraão como *El Shaddai* (o Deus todo-poderoso), mas não lhe dei a conhecer o meu nome: IHWH” (Ex 6,2-3).

Os estudos sobre a religião dos patriarcas bíblicos mostram:

A revelação bíblica não rompeu com o passado. A manifestação de Deus, da qual os patriarcas foram destinatários, não significou que eles tivessem entrado em um mundo religioso novo. O Deus que se revelou a eles era um deus que eles já adoravam. Era o mesmo El dos cananeus que eles já conheciam. O que pouco a pouco se tornou novo foi não tanto a figura de Deus, mas o jeito de viver a relação com ele.<sup>8</sup>

Nesse processo sincrético de assimilação de divindades cananeias à adoração do único Deus, algumas divindades foram aceitas e outras rejeitadas. Em certa etapa, a Bíblia aceita que o povo adore a Serpente de Bronze como imagem do verdadeiro Deus (cf. Nm 21,9). A serpente era uma divindade cananeia. Mais tarde, a mesma Bíblia elogia o rei Ezequias por ter destruído a Serpente de Bronze (cf. 2Rs 18,4). O Êxodo considera a adoração do bezerro de ouro (outra divindade cananeia) idolatria que ofendia a Deus (Ex 32). Uma divindade que fazia bem ao povo (como no caso da Serpente que curava doenças) era aceita. Outra que desviava o povo do projeto de libertação (como o bezerro de ouro) era rejeitada. Assim, hoje, podemos concluir que Deus assume as imagens e rostos dos Orixás e divindades indígenas

---

<sup>8</sup> Cf. M. HARAN, *The religion of the Patriarchs: beliefs and practices*, in B. Mazar (ed.), *Patriarchs, The World History of the Jewish People*, II, Tel Aviv, 1970, pp. 219- 245, citado por Giovanni ODASSO, *Bibbia e religioni*, Roma, Urbaniana University Press, 1998, p. 127.

que ajudaram as comunidades e povos oprimidos a resistir à escravidão e à opressão, mas não aceita as imagens divinas de uma Teologia que atribui a Deus o lucro e a exploração econômica de um ser humano sobre outro. Nesse sentido, quando bancos e notas de dólares têm escrito: “Nós confiamos em Deus”, devemos nos perguntar: “Em que deus?”.

O Deus bíblico assumiu nomes e rostos de divindades patriarcais, mas ganhou também características de antigas divindades femininas (Astarté, a deusa mãe; Rahamin, a deusa da compaixão ou do amor uterino, e Hokmá, a Sabedoria). Algumas dessas antigas divindades femininas foram sincretizadas na imagem da Tenda do Testemunho (*Shekina*), presença uterina de Deus, na imagem da Sabedoria e até de divindades estrangeiras, como a antiga deusa egípcia Maat (cf. Pr 8,22).

Não podemos identificar monoteísmo com exclusivismo teológico e eclesiológico e politeísmo com pluralismo. O teólogo Moltmann afirma não gostar da expressão “monoteísmo”, porque, na história da sociedade cristã, frequentemente, a fé no *l’Eis Theos* andou de braços dados com a opressão política e o totalitarismo, enquanto uma visão mais trinitária parece mais respeitadora do modelo complexo e diferenciado da sociedade humana”.<sup>9</sup>

Os profetas da Bíblia não substituíram os deuses do Egito e de Canaã por um deus novo. Questionaram a própria noção de Deus. “Não pronunciem o nome... não façam imagens... Deus habita por trás de uma nuvem escura”. O que está em jogo é a imagem de Deus. Na Torá, o mandamento de Deus foi: “Não farás para ti imagem nenhuma do que existe no céu, na terra e nas águas que estão debaixo da terra” (Ex 20,4; Dt 5,8). O primeiro e mais importante desafio para uma teologia cristã da libertação falar de Deus a partir de um paradigma pluralista não parece ser tanto o de abandonar ou relativizar o monoteísmo. Deve rever o caráter dogmático e intolerante que está por trás da imagem monoteísta de Deus. O monoteísmo que crê

---

<sup>9</sup> Cf. Geoffrey WAINWRIGHT, Verbetes “Dio”, in *Dizionario del Movimento Ecumenico*, Bolonha, EDB, 1994, p. 411.

em um Deus patriarcal que castiga os desobedientes e premia os fiéis é pernicioso porque impede o ser humano de ser livre e construir autonomamente sua história.<sup>10</sup>

## QUESTÕES:

1. Nesta introdução ao tema, o que você achou mais importante e o que mais o questionou?
2. Como a visão patriarcal e senhorial de Deus, ainda comum nas Igrejas, influi sobre as comunidades e concretamente na sua paróquia, congregação ou grupo?
3. Que tipo de relação temos com grupos e pessoas que vivem a teologia e a espiritualidade de uma forma nova? Como, a partir desses contatos, poderíamos ajudar a nós mesmos/mesmas e a nossas comunidades a transformar a forma de adorar e de falar de Deus?

## II. UMA PORTA DE ACESSO À BÍBLIA

A Bíblia é como uma casa na qual se pode entrar por muitas portas. Já vimos que podemos ler a partir de um princípio ou de outro contrário. O mais honesto é tentar descobrir o rumo para o qual aponta a revelação divina, o desenvolvimento da história narrada pelos textos. Por isso, pedimos a vocês a permissão para resumi-la em alguns itens que de modo algum pretendem nos dar uma visão completa. Não são textos exclusivos ou únicos em seu conteúdo. Entretanto, mesmo parciais e incompletos, apontam em uma direção que cremos ser a revelação bíblica sobre esse tema.

### 2.1. As alianças de Deus com a humanidade

Para a tradição bíblica, a noção de aliança com Deus é fundamental. Hoje, muitos grupos espirituais e tradições religiosas preferem falar de imanência, de uma consciência da divindade em nós como

---

<sup>10</sup> Para aprofundar mais a discussão teológica atual sobre monoteísmo e exclusivismo teológico, ver Luiza E. TOMITA, José M. VIGIL, Marcelo BARROS (orgs.), *Teologia Latino-americana Pluralista da Libertação*, São Paulo, ASETT, Paulinas, 2006, pp. 110ss.

“um eu mais íntimo a mim do que eu mesmo”, ou como um útero de amor no cosmos e no coração de cada ser vivo. Mas, em uma sociedade teocrática (tudo era religioso) que precisava se libertar, era necessário dar ao ser humano certa autonomia. Isso exigia a distinção entre o mundo divino e o universo humano. O Salmo reconhece: “O céu é de Deus, mas a terra ele entregou aos seres humanos” (Sl 115,16). Nesse contexto social e histórico, o jeito de insistir em uma intimidade com Deus sem ao mesmo tempo cair na fusão ou diluição do humano no divino foi salientar o tema da aliança. A teologia da aliança com Deus não é dos primeiros escritos da Bíblia, embora desde muito antigamente se compreendesse que cada povo tem seu deus, é como filho para esse deus e esse deus está comprometido com aquele povo. Israel é o povo de JWHW (o Senhor), assim como os moabitas são o povo de Camos ou Quemós (cf. Nm 21,29 e 11,24). A expressão Deus de Israel designa uma divindade concreta, assim como “povo do Senhor IWHW” revela uma compreensão de aliança. No começo, isso não significava que só existe o nosso Deus. Cada povo tem seu deus. Nós só temos um que é o nosso. E ele só tem a nós como povo. Pouco a pouco, essa visão foi alargada. Depois do exílio da Babilônia, as comunidades bíblicas começaram a compreender que Deus, sendo como é, não faria aliança somente com Israel. Sua aliança deve abranger toda a humanidade e mesmo todo o cosmos. Conforme a Bíblia, o compromisso de amor (aliança) que, através de Noé, Deus assumiu com o universo e toda a humanidade (cf. Gn 9) concretizou-se de modo histórico e exemplar na aliança feita com Abraão e seus descendentes. Essa aliança de Deus com o povo de Israel estende-se a todas as pessoas do mundo que procuram viver o projeto do reinado divino no mundo. Esse reinado divino não se esgota no plano social e político, mas se manifesta nele. De acordo com as tradições bíblicas, Deus renovou a sua aliança com Abraão e seus descendentes (Gn 15 e 17). A circuncisão, costume tribal comum entre clãs do Oriente antigo e até hoje presente em alguns povos da África, foi assumida como sinal dessa aliança com Israel. Assumir esse rito comum a vários povos poderia ser compreendido como um sincretismo perigoso para a pureza da fé javista.

Entretanto, os profetas bíblicos o assumem e o cumprem. De acordo com outra tradição, Deus renovou a aliança com Moisés e o povo dos hebreus (Ex 19–24). Conforme a cultura de uns, essa aliança foi selada através do sinal do sangue de um cordeiro, aspergido sobre o povo e derramado em torno do altar (Ex 24). De acordo com outra cultura, a aliança foi feita através de duas tábuas de uma pedra que nas religiões antigas era considerada sagrada (Ex 33). A Bíblia conta tanto uma tradição como a outra, sem condenar nenhuma das duas nem dizer que uma é a correta e a outra estaria errada. Elas correspondem a culturas diversas.

Quem lê a Bíblia sabe que o primeiro testamento é uma história de desentendimentos, cobranças mútuas, decepções e sofrimentos que o povo interpretou como sendo castigos de Deus. Entretanto, Deus nunca desistiu do diálogo e, mesmo em meio a conflitos e choques, insiste na linguagem do amor e da ternura, do respeito e do diálogo.

Muitas passagens bíblicas dão a impressão contrária. Como o povo hebreu foi escravo no Egito e muitas vezes se viu oprimido por culturas e religiões estrangeiras, defendia-se proibindo o contato com o estrangeiro ou impedindo o diálogo com religiões e culturas que o ameaçavam. Fazendo uma leitura fundamentalista desses textos, alguns grupos judeus e cristãos rejeitam o diálogo inter-religioso e intercultural. Condenam qualquer pessoa que não pense como eles. Mas não há uma verdadeira razão para isso. É o que se chama de leitura fundamentalista<sup>11</sup> da Bíblia. Desde o começo, Israel conviveu com outras religiões e culturas e a base da sua fé não é o isolamento ou falta de diálogo, e sim o contrário: a comunhão. A maioria dos/das exegetas conclui: “As comunidades de Israel, assim como as primeiras gerações cristãs, passaram por um longo processo de inculturação. Viveram vários sincretismos religiosos e culturais. A Bíblia, em si mesma, é um documento de aprendizado intercultural. Pouca coisa da Bíblia não sofreu influência de Ugarit, do Egito, da Assíria e da

---

<sup>11</sup> Fundamentalismo é a leitura ao pé da letra. Dizem que “a Palavra de Deus está no próprio fundamento (linguagem, expressão, tudo!)”. Então, interpreta-se rigidamente o texto da Bíblia, ou do Corão islâmica ou de outra religião, tendendo-se ao fanatismo e até à violência.

Babilônia. Esse entrelaçamento cultural e religioso pode ser provado não somente pelos textos bíblicos, mas até pela arqueologia e pelos motivos artísticos encontrados até hoje na Palestina”.<sup>12</sup>

O importante para evitar a idolatria é não absolutizar nenhuma imagem de Deus, nem as imagens de madeira ou barro, nem imagens literárias ou intelectuais. Deus é maior do que o que dizemos dele. O mesmo livro bíblico que proíbe fazer imagens religiosas (Ex 20) manda o povo fazer duas imagens de querubins de ouro e colocá-las em cima da arca da aliança (Ex 25,18-20). Ora, os querubins eram deuses persas. Seria como hoje mandar fazer imagens de orixás africanos ou divindades indígenas e colocar ao lado da estante da Bíblia ou do altar da nossa igreja.

## 2.2. Profetas bíblicos e a diversidade cultural e religiosa

A maioria dos profetas e profetisas da Bíblia viveu em comunidades consagradas à escuta de Deus e à prática de sua Palavra. No começo eram videntes, adivinhos e religiosos de culturas nas quais Israel se inseriu. O livro dos Números chama de profeta a Balaão, feiticeiro babilônico (cf. Nm 22–24). O livro de Samuel esclarece “o que antes o povo chamava de vidente, se tornou profeta – *nabi*: chamado (1Sm 9,9). Alguns dos profetas viveram em um tempo de opressão estrangeira. Elias enfrentou a política do rei Acab, casado com Jesabel, princesa de Tiro, que queria impor a Israel a religião dos fenícios. Elias luta contra os profetas de Baal e não se mostra nada tolerante com a religião dos outros (por exemplo, 1Rs 18). Mas devemos compreender isso no contexto político da época. Seu discípulo Eliseu teve outra relação com cultos estrangeiros. Curou Naamã, oficial do rei da Síria. Quando o homem curado se despede do profeta, o consulta sobre um tema delicado: “Se o meu patrão, o rei, vai ao templo de Remon (deus dos sírios) e se apoia em mim, se eu também precisar me prostrar diante de Remon, como fazer?”. Eliseu poderia proibi-lo de ir a um templo pagão e se prostrar diante de um ídolo. Entretanto, responde: “Está bem. Vá em paz!” (2Rs 5,18-19).

<sup>12</sup>Silvia SCHROER, Documentos de natureza intercultural na Bíblia, in *Concilium* 251, 1994, n. 1, p. 10.

Alguns profetas bíblicos lutaram contra o sincretismo existente no templo da Samaria. Eram cultos ligados a políticas estrangeiras. Amós e Oseias denunciam o culto ligado à injustiça social como idolátrico (ver Amós 4,1-5; Oseias 6,4-6). Oseias propõe uma volta ao deserto e à renovação da aliança baseada na justiça e na misericórdia (Os 2,16ss).

Através dos profetas, Deus promete fazer uma nova aliança, baseada no conhecimento amoroso e no diálogo respeitoso com todos (Jr 30-31). Conforme Jeremias, essa nova aliança se realiza no próprio Judaísmo. Os cristãos não têm o direito de achar que ela só é verdadeiramente cumprida com Jesus Cristo. O que caracteriza essa nova aliança, seja no Judaísmo, seja no Cristianismo, é a distinção que Deus faz entre essa nova e as antigas alianças: “Desta vez, eu colocarei minha lei em seu peito. Escreverei em seu coração. Serei o seu Deus e eles serão meu povo. Ninguém mais precisará ensinar o seu irmão a conhecer a Deus porque todos, grandes e pequenos, me conhecerão” (Jr 31,33-34). Isso significa uma religião não baseada em instituições externas, e sim centrada na interioridade e na presença divina no próprio ser humano, independentemente de sua pertença cultural e religiosa.

A noção de um povo eleito, escolhido entre todos, teve seu papel na história como “instrumento da salvação para todo o mundo” (Is 40), mas muitas vezes gerou divisão entre os de Deus e os de fora. Amós protestou: “Israelitas, vocês são para mim iguais aos núbios da África. Eu tirei Israel do Egito, assim como tirei os filisteus de Creta e os sírios de Quir” (Am 9,7).

### 2.3. Outros “escritos” de tempos difíceis

A tradição rabínica divide a Bíblia em três partes: a Torá (o Pentateuco), os Profetas e uma série de outros livros que se chamam “Os escritos” (*ketubin*). A maioria desses escritos se insere no que se chamam “livros sapienciais”. Neles, se afronta o desafio da relação entre a cultura e a religião de Israel e o mundo helenístico. É importante perceber que esses livros expressam uma abertura ao diálogo com outras culturas e a partir desse diálogo interpretam de modo novo a

própria tradição judaica. Sílvia Schroer, teóloga suíça, mostra que o conceito de “Sabedoria” é elaborado nesses livros como desafio ou contraponto ao culto grego de Iside, praticado no antigo Egito. Para isso, os escritos sapienciais de Israel personificam a Sabedoria. “No lugar de demonizar a religião de Ísis ou Iside, os escritos contrapõem a Ísis uma figura equivalente: a da Sabedoria. E isso é feito de forma crítica: a Sabedoria simboliza o exercício da crítica ao poder e a luta contra as tiranias e a divinização dos reis.”<sup>13</sup>

Desses escritos, um dos primeiros é o livro de Jó. O livro conta a parábola de um patriarca persa (“na terra de Hur, na Caldeia”). Não faz nenhuma alusão direta à aliança com Israel. Trata de um problema humano e universal. Por que a pessoa justa sofre? Como se compreende Deus diante do sofrimento dos inocentes? O livro contesta a teologia judaica que dizia “quem é de Deus vai sempre bem e prospera”. A Jó, Deus fala do meio da tempestade (no meio dos sofrimentos) e insiste em uma teologia mais negativa do que positiva. Pergunta: “O que você sabe de Deus para falar dele isso ou aquilo? Respeite o mistério e não diga nada” (Jó 38-42). Essa humildade e cuidado diante do divino são muito ecumênicos.

Outro escrito é o livro dos Provérbios. Grande parte desse livro é composta de provérbios egípcios (22,17–24,22). O capítulo 30 é atribuído a um estrangeiro (Agur, filho de Jaces, o massaíta). A parte mais nova do livro (Pr 1–9) contém poemas de elogio à Sabedoria como uma divindade que se tornou auxiliar do Deus de Israel. Destes poemas, o mais belo é inspirado nos mitos da deusa egípcia Ma’at, adolescente e brincalhona que dá cambalhotas diante de Deus e o ajuda como mestra de obra da criação (cf. Sb 8,22-31).

Alguns dos escritos foram redigidos em grego e por isso não são considerados sagrados pela Bíblia hebraica. De qualquer modo, fazem parte da literatura bíblica e nos ajudam no diálogo com outras culturas e religiões. O Eclesiástico diz: “Oferecer sacrifícios com bens adquiridos injustamente é zombar de Deus. [...] Oferecer sacrifícios

<sup>13</sup> Sílvia SCHROER, *Trasformazioni della fede. Documenti di apprendimento inter-culturale nella Bibbia*, revista *Concilium*, XXX (1994), n. 1, p. 28.

com os bens tomados dos pobres é como assassinar um filho diante do próprio pai da vítima. [...] Não tente corromper a Deus com presentes injustos. Deus não aceita suborno...” (Eclo 34,18–35,15). Esse texto marcou a conversão do frei Bartolomeu de las Casas, que se tornou defensor dos índios contra a escravidão e a evangelização forçada. Novamente aí temos o critério correto que distingue a fé verdadeira da idolatria: é a adoração a Deus baseada na justiça ou na injustiça. Provavelmente, o último livro escrito do primeiro testamento foi redigido por judeus da Diáspora, em Alexandria, no Egito. É o livro da Sabedoria. Até hoje, todo ano, na festa de Pentecostes, as Igrejas antigas iniciam a celebração cantando um versículo desse livro: “O Espírito de Deus, O universo todo encheu, tudo abarca em seu saber, tudo enlaça em seu amor” (Sb 1,7).

#### **2.4. A abertura dos Salmos para outras culturas**

Tudo indica que o livro dos Salmos foi concluído apenas no terceiro ou segundo século antes de nossa era. Entretanto, muitos desses poemas e orações foram recolhidos através das diversas etapas da vida do povo bíblico. A primeira parte do Salmo 19 era um antigo cântico cananeu ao Sol, deus da fecundidade. O Salmo 29 nasceu como invocação ao deus da tempestade. O Salmo 65 pode ter sido uma oração à divindade da chuva. Sem dúvida, o Salmo 104 nasceu como hino egípcio a Aton Ra, o Sol. A partir desse núcleo, o Salmo foi ampliado para a adoração ao Senhor IHWH. Vários outros Salmos trazem versículos ou partes que vêm de cultos estrangeiros. Vários Salmos, principalmente os do reinado divino, que vêm do ambiente pós-exílico, trazem elementos apologéticos e de luta feroz contra os cultos a outros deuses (cf. Sl 96,4-5; Sl 97,7; Sl 106,34-37). O Salmo 115 é uma liturgia contra os ídolos: “são prata e ouro. Obra de mãos humanas. Têm boca e não falam, têm olhos e não veem. Têm ouvidos, mas não ouvem, nariz e não cheiram... Sejam como eles os que os fabricam e todos os que neles confiam” (Sl 115,4-8). Sobre essa intransigência, é bom perceber o contexto histórico e político em que nasceram. Os deuses dos babilônios e persas são os legitimadores

do imperialismo e da dominação sobre o povo de Israel. Não se trata apenas de uma questão religiosa, mas política. Os deuses da natureza, adorados pelas comunidades pobres, não são atacados. Entretanto, os que legitimam opressões e injustiças são considerados ídolos. O Salmo 82 é muito claro: Um *Elohim* (nome cananeu de Deus) convoca os deuses para um julgamento. Interpela-os justamente sobre a justiça. “Até quando dareis sentenças injustas e vos colocareis do lado dos injustos?” (Sl 82,2). “Defendei o desvalido e o órfão, fazei justiça aos humildes e aos necessitados” (Sl 82,3-4). Entretanto, o que esses deuses dos impérios fazem não é isso. “Não sabem e não entendem. Caminham às escuras. Por isso, eu declaro: embora sejais deuses e filhos do Altíssimo, morrereis como qualquer ser humano” (Sl 82,5-7).

O primeiro Salmo já deixa claro: “Feliz (abençoado por Deus) é quem não anda no caminho dos maus, não se detém com os malfeitores e não senta na roda dos injustos” (Sl 1,1).

### QUESTÕES:

1. O tipo de leitura e interpretação bíblica que você tem escutado tem sido mais nesta linha aberta e pluralista ou ainda insiste na intolerância e no exclusivismo religioso em nome de Deus? Cite exemplos de uma nova interpretação de textos nos grupos e comunidades das quais você tem participado.
2. Muitas vezes, na história, a leitura fundamentalista e exclusivista dos textos bíblicos levou os cristãos a conflitos violentos e a atitudes de intolerância e perseguição aos chamados hereges ou infieis. Como colaborar hoje para que as Igrejas transformem este modo de interpretar a Palavra de Deus?

### III. O NOVO TESTAMENTO E A UNIVERSALIDADE DA FÉ

O Novo Testamento não é uma mera continuação da Bíblia judaica. Nem é uma revelação à parte que faria do primeiro testamento algo superado ou caduco. Se uma ou outra palavra dos primeiros cristãos vai nesse sentido, só se pode compreender isso no contexto dos con-

flitos internos que dentro da sinagoga os discípulos de Jesus tiveram com os rabinos de seu tempo. Por exemplo, Paulo opõe o ministério de Jesus à antiga aliança como “ministério de morte” (2Cor 3,6-9). Essa palavra poderia ser compreendida em um sentido antijudaico, embora necessariamente não o seja. Nas últimas décadas do século I, houve uma ruptura entre as comunidades judaicas e as cristãs. Isso pode explicar palavras como a da Carta aos Hebreus (Hb 8,13), que novamente parece opor o Novo Testamento ao Antigo. De fato, os textos do Novo Testamento se propõem simplesmente a reler os textos do primeiro testamento à luz de Jesus Cristo e no sentido inverso, compreender a pessoa e a missão de Jesus à luz das Escrituras. Paulo fez isso ainda trabalhando com comunidades que faziam parte da religião judaica.

### 3.1. As comunidades paulinas e a diversidade

Os primeiros escritos do Novo Testamento são as cartas de Paulo. Nos anos 50, ele escreveu aos tessalonicenses e depois aos coríntios, aos gálatas, filipenses e, finalmente, aos romanos. É possível que algumas cartas atribuídas a Paulo tenham sido escritas mais tarde por discípulos seus. Paulo fundou comunidades de discípulos e discípulas de Jesus em meio às comunidades judaicas da Ásia Menor (hoje Turquia) e da Europa. Essas comunidades deviam conviver com uma forte diversidade cultural. Eram ao menos dois mundos diferentes: o da cultura judaica e o da cultura grega vigente no Oriente Médio e mesmo na Europa da época. Paulo não só foi capaz de viver nesses dois mundos, como trabalhou muito para intensificar esse diálogo intercultural e mesmo, às vezes, inter-religioso.

Dizem os exegetas que, nas sinagogas, Paulo tentou chamar para a fé cristã não tanto os judeus de nascimento, nem os chamados prosélitos (pagãos convertidos ao Judaísmo) e sim as pessoas denominadas “tementes a Deus”, isto é, pessoas não judias, não ainda membros das sinagogas, mas simpatizantes da religião judaica. Essas eram as pessoas às quais se dirigia mais diretamente a missão de Paulo. Entretanto, Paulo insistia que todos pudessem conviver como irmãos. “Judeu ou

grego, escravo ou livre, homem ou mulher, todos nós somos um só em Cristo” (Gl 3,27-28). Ele ou alguém vindo do seu grupo escreveu mais tarde: “Cristo é nossa paz. De dois povos (judeus e gregos), ele fez um só. Em sua carne, derrubou o muro de inimizade e ódio que separava os povos. Aboliu a lei dos mandamentos e preceitos. Quis, a partir do judeu e do pagão, criar em si mesmo um ser humano novo...” (Ef 2,14-15).

Um dos elementos mais profundos do ensinamento de Paulo é tentar explicar aos israelitas que a aliança de Deus que os israelitas da sua época tinham a tentação de considerar como se fosse uma propriedade deles, de fato, não era. Já vários textos do primeiro testamento insistem em que Deus estabelece uma aliança, um casamento com toda a criação (cf. Dt 27–30; Is 40–55). A aliança tem um caráter cósmico e ecológico. Paulo aprofunda essa visão e a explicita mais e mais (cf. Cl 1,15-20; 1Cor 15 e Rm 1–11). Ora, essa visão é profundamente macroecumênica e universal.<sup>14</sup>

Frei Carlos Josaphat explica:

Paulo viveu em dois mundos culturais, o grego e o judaico. Ele nos ensina a distinguir as religiões e a idolatria. A idolatria é uma ameaça universal, penetrando de maneira mais insidiosa toda marcha do ser humano para Deus. Com todo o Novo Testamento, as epístolas paulinas estigmatizaram a ganância e a corrupção, a ambição de ter e ajuntar cada vez mais, a famosa *pleonexia*, denunciada pela ética grega e pela espiritualidade judaica. A *pleonexia*, essa patologia profunda do desejo humano, vem a ser fonte primeira de toda idolatria, que impede o acesso à verdadeira fé ou ameaça constantemente a retidão da vida dos fiéis e das comunidades. Ver, por exemplo, Cl 3,5; Ef 4,19; Em Ef 5,5 se diz: a pessoa gananciosa, o *pleonectès*, a pessoa possuída pela ganância (*pleonexia*), pela sede de concentrar riquezas é o verdadeiro idólatra. A raiz de todos os males é a cobiça do dinheiro (a fi-

<sup>14</sup> Sobre como Paulo liga Aliança e criação, ver N. T. WRIGHT, *Paulo, Novas Perspectivas*, São Paulo, Loyola, 2009, p. 39ss.

*lagyria*), o que declara em 1Tm 6,10. O tema da *pleonexia* é a antítese da *koinonia*, da comunhão dos bens e do Espírito.<sup>15</sup>

Então, a idolatria é este sistema iníquo que impede a comunhão igualitária das pessoas.

Na Carta aos Coríntios, Paulo diz que a cruz de Jesus contradiz toda cultura humana. É escândalo para os judeus e loucura para os gregos (cf. 1Cor 1,22-23). Por outro lado, Paulo encoraja as comunidades cristãs a pensar e viver de acordo com a própria cultura (Fl 4,8). E coloca como princípio para os cristãos convertidos: “Cada um/uma continue a viver de acordo com a condição na qual o Senhor lhe chamou” (1Cor 7,17). Cada pessoa permaneça na condição (social e cultural) na qual estava quando foi chamado (1Cor 7,20). Esse critério pode parecer até conservador ou conformista (por exemplo, parece conivente com a escravidão), “mas é uma postura a favor da estabilidade cultural, social e familiar”.<sup>16</sup>

### 3.2. Jesus e a abertura às outras culturas e religiões

Os quatro Evangelhos revelam que cada ato e palavra de Jesus mostram uma pessoa permanentemente em diálogo com o Pai e que se deixa mover pelo Espírito de Deus. Sua primeira referência é a intimidade com o Pai. Ele o chama de “Abba”, termo que denota extrema intimidade, primeiro nome com o qual a criancinha chama o pai ou mesmo, em alguns casos, a mãe. Isso hoje é importante para superarmos a imagem patriarcal de Deus. O fato de Jesus chamar Deus desse modo íntimo e familiar assustou tanto os adversários como os próprios discípulos e discípulas. Um teólogo peruano dizia: “O termo ‘Abba’ tinha uma tonalidade vulgar para a linguagem e sensibilidade religiosa da época. Aplicá-la a Deus poderia parecer não só sinal de pouco respeito, mas até mesmo algo errôneo e blasfematório”.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Frei Carlos JOSAPHAT, *Evangelho e Diálogo inter-religioso*, Loyola, 2003, p. 18- 19.

<sup>16</sup> Cf. A. VANHOYE, *Nuovo Testamento e inculturazione*, in *La Civiltà Cattolica*, 1984 (a. 40), p. 119.

<sup>17</sup> Hugo ECHEGARAY, *A prática de Jesus*, Vozes, 1982, p. 132.

Toda a vida de Jesus, especialmente os acontecimentos pascais, mostra que a fé do Cristo e de quem quer ser seu(sua) discípulo(a) tem uma identidade essencialmente dialógica e aberta ao outro. Conforme os Evangelhos, desde que nasceu em Belém de Judá, Jesus foi apresentado como Salvador para todos (Lc 2) e foi reconhecido e visitado por magos do Oriente, sacerdotes de outra religião e cultura (Mt 2). Tornou-se profeta, batizado por João no Jordão. Com esse gesto profético, Jesus assumiu a missão de ser Servidor do povo em nome de Deus e foi testemunhar a proximidade do reinado divino na Galileia, entre as pessoas mais pobres e sem religião (Mt 4,12ss). Em sua primeira missão, ficou nos limites de Israel. Disse aos discípulos que não fossem até as cidades dos samaritanos e pagãos. Em Cafarnaum, cura o filho ou empregado do oficial romano, chefe do exército de ocupação no país. Conforme Mateus, quando o oficial lhe diz que não merece ser visitado por ele ou que não ficava bem Jesus ser visto entrando na casa de um romano, este afirma: “Nunca encontrei uma fé tão grande em ninguém de Israel. Muitos virão do Oriente e do Ocidente e se sentarão à mesa do Reino dos céus” (Mt 8,10-11). Conforme Mateus e Marcos, um dia em que passava em uma região estrangeira, uma mulher cananeia, natural daquela região, lhe pede para que ele cure a sua filha doente. Segundo os Evangelhos, Jesus explica que só foi enviado às ovelhas perdidas de Israel e chega até a explicar o pensamento comum entre os judeus: “Não é bom tirar o alimento dos filhos para jogá-lo aos cachorrinhos” (Mt 15,26). Ela insiste no diálogo e chega a converter Jesus do seu fechamento cultural judaico. Revela ao próprio Jesus que, seja como for, ele tem de antecipar esse amor de Deus aos outros e abrir as suas portas para todos. Ele acaba se convencendo e cura a filha da estrangeira, que provavelmente tinha outra religião (Mt 15,28). Do mesmo modo, manifestou essa abertura com os samaritanos, com os gregos, simpatizantes do Judaísmo que o Evangelho de João conta que ele acolheu (Jo 12,20). Jesus revela que, no Juízo Final, todos serão julgados não pela religião a que pertencem, mas pelo fato de terem ou não percebido o rosto divino no irmão e irmã, especialmente nas pessoas carentes (cf. Mt 25,31ss).

Parece histórico que Jesus tenha se autodenominado “Filho do Homem”. Esse título podia simplesmente significar “O Homem”, ou “o humano”. Mas era também um título religioso da antiga religião cananeia. Jesus não se incomodou de usar um título vindo de outra religião.

O Evangelho de João começa dizendo: “No princípio estava a Palavra. Essa Palavra era a Luz (a Lei) e a Luz era a vida dos seres humanos” (Jo 1,1). De certa forma, interpreta toda a missão de Jesus a partir da preocupação com a vida. Esse Evangelho, escrito já na passagem do primeiro ao segundo século, quer ajudar as comunidades cristãs a enfrentarem diversos conflitos culturais, seja internos às comunidades (cristãos de origem judaica e de cultura grega, cristãos tentados ao gnosticismo e outros de linha diferente), seja conflitos sociais externos (com o Império). Por isso, uma vez ou outra, contém termos que podem parecer antisemitas, ou exclusivistas com relação a outras religiões. Por exemplo, uma das palavras mais usadas contra uma compreensão pluralista da fé é a afirmação de Jesus: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6). Essa palavra, dita no discurso após a ceia, está no contexto da intimidade entre Jesus e os discípulos. Não parece ser uma norma geral de doutrina. De qualquer modo, o Caminho, a Verdade e a Vida é Jesus, e não o Cristianismo. Há pessoas que confundem isso. Por outro lado, crer que Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida pode significar que ele assume todo o caminho humano para o Pai. cremos que ele adota e santifica todas as buscas e intuições religiosas e culturais da humanidade. Não as absorve ou cristianiza, mas as valoriza e as confirma como elas são. A pessoa que segue Jesus deve ter fé em Jesus, mas procurando viver a mesma fé que Jesus viveu. “Tenham em vocês o mesmo sentimento do Cristo Jesus” (Fl 2,5). Jesus é “o autor e consumidor da nossa fé” (Hb 12,2). Ora, a fé que Jesus viveu foi o Judaísmo aberto a todas as culturas e religiões.

Jesus faz parte de uma cultura. Assume-a profundamente, mas, ao mesmo tempo, nenhuma cultura é capaz de exaurir a

figura e a missão do Cristo. Jesus revela uma grande capacidade de inculturação no sentido de viver a fé e a aliança com Deus a partir do judaísmo popular dos galileus de seu tempo. Ao mesmo tempo, ele revela uma resistência à tendência que a cultura dominante tem para nivelar tudo a si.<sup>18</sup>

### 3.3. Judeus e pagãos, Igreja aberta a todos (Atos dos Apóstolos)

Nos anos 50, em suas cartas, Paulo lutou para que as comunidades cristãs se abrissem a judeus que cumpriam a Lei e também pessoas vindas de outras religiões. Isso não era fácil em um contexto cultural no qual as comunidades judaicas eram formadas pelos rabinos a se protegerem e se defenderem da sociedade dominante que de certa forma acabava impondo sua cultura. Os judeus procuravam não se comunicar muito com os não judeus. Menos ainda estariam abertos a constituir comunidades mistas. Desde o Primeiro Testamento, vários textos pediam esta abertura do Judaísmo aos outros povos. Isaías já falava da vinda dos outros povos para Sião atraídos pela Palavra de Deus (Is 2,2-5). Um discípulo do profeta anunciava a Jerusalém: “Multidões de camelo te invadirão. Do Oriente virão multidões trazendo ouro e incenso para louvar o Senhor (no Templo)” (Is 60,6). Da mesma escola, outro profeta dizia que o Templo deveria ser “casa de oração para todos os povos” (Is 56). Entretanto, o costume judaico tornava essa teologia quase impraticável. Entre os chamados apóstolos, parece que havia três tendências: a primeira representada por Tiago, em Jerusalém, e que exigia da pessoa que queria ser da comunidade cristã que passasse, ao menos, pela observância da lei judaica (Sábado, circuncisão etc.). A tendência de Paulo era oposta a isso: que os cristãos de origem judaica seguissem a Lei, mas os de cultura grega se sentissem livres da lei judaica. Pedro representava uma tendência

<sup>18</sup> Karl Josef KUSCHEL, Expressão da cultura, protesto contra a cultura, in *Concilium* 269, 1997, 1, p. 23. Se você quiser aprofundar mais o assunto desse capítulo, leia:

Eduardo HOORNAERT, *O movimento de Jesus*, Vozes, 1994; Marcelo BARROS, *O sonho da paz*, Vozes, 1996; Marcelo BARROS e Iralton MELO, O divino rosto do diferente (Jesus e as culturas nos Evangelhos Sinóticos), in *Curso de Verão XI*, Paulus, 1999.

intermediária entre a de Paulo e a de Tiago. O que estava em jogo não era, como hoje é, o pluralismo cultural e o diálogo entre religiões. Era sim a abertura da Igreja a pessoas vindas de culturas religiosas diferentes do Judaísmo. Nesse sentido, os Atos dos Apóstolos, escritos provavelmente pelos anos 80, contavam que desde o dia de Pentecostes, os discípulos de Jesus receberam o Espírito Santo para serem capazes de falar de forma que os judeus e prosélitos vindos de vários lugares do Império pudessem compreendê-los, cada um em sua língua e cultura (cf. At 2). Esta abertura a outras línguas e culturas ainda de certa forma se dava dentro do mundo judaico. Ali só havia judeus e prosélitos (pagãos convertidos ao Judaísmo). Entretanto, no capítulo 10, os Atos dos Apóstolos contam que o Espírito Santo desceu sobre os pagãos, do mesmo modo que desceu sobre os de origem judaica. É o Pentecostes dos pagãos. Conforme o texto, Pedro teria se convertido. Tanto por uma visão que teve em sonhos, como pelo contato com Cornélio, capitão de um destacamento romano, Pedro e outros que estão com ele testemunham que “o Espírito desceu sobre os pagãos do mesmo modo que veio sobre nós” (At 11,15). Essa abertura da Igreja aos não judeus é decidida no primeiro encontro dos apóstolos e anciãos, com a participação de Paulo e Barnabé. Ali se decide acolher os pagãos sem lhes impor nenhuma obrigação ou lei, a não ser o que era indispensável à fé e à convivência com os outros (cf. At 15). Seria bom lermos hoje esse texto pensando nas comunidades eclesiais que vivem hoje a fé cristã a partir das culturas africanas, asiáticas ou ameríndias. Como desocidentalizar a pregação cristã para que os negros, índios ou chineses não precisem se tornar culturalmente europeus para ser cristãos? Ainda nos Atos dos Apóstolos, o autor conta que Paulo foi a Atenas. No Areópago, depois de ter aludido ao “Deus desconhecido”, cujo altar ele tinha visto no santuário, Paulo apresenta esse Deus que não habita em templo de pedras e no qual “vivemos, nos movemos e somos”. Essa palavra do poeta grego Arato serve a Paulo como referência. Ele não cita nenhum texto do Antigo Testamento e apenas pede conversão de vida (cf. At 17). Esse discurso de Paulo é para os Atos dos Apóstolos como correspondente ao discurso de Pedro no dia de Pentecostes (At 2). Assim como o discurso de Pedro

serve de referência para a pregação do Evangelho aos de cultura judaica, este discurso de Paulo em Atenas deveria servir de modelo para a pregação aos pagãos. A alusão ao Deus desconhecido não é apenas uma estratégia para captar a atenção e o agrado dos ouvintes. É mais do que isso. É uma perspectiva teológica na mesma linha que já vimos no tempo dos patriarcas, quando o Deus de Israel assumia as imagens dos deuses cananeus. Agora assume a imagem do Deus desconhecido dos atenienses, como pode assumir o nome e a figura das divindades ou imagens divinas dos diversos povos.

### 3.4. Para concluir sem fechar o assunto

Se vocês acompanharam essa reflexão, viram como o diálogo entre comunidades, Igrejas, religiões e culturas é o caminho para se viver o projeto de Deus e como pode ser importante para a paz do mundo. Entretanto, todos sabemos como é um caminho exigente e quanto nos falta trilhar para obedecer a isso que Deus pede de nós. Nas Igrejas cristãs, um desafio importante para esse diálogo é o trabalho de desocidentalizar a teologia e a expressão da fé. Como explica Leonardo Boff: “O catolicismo europeu e oficial é fruto do sincretismo (conceito analiticamente positivo) da experiência religiosa antiga dos gregos, romanos e bárbaros com a tradição judeu-cristã. É preciso armar-se de coragem para um novo e surpreendente ensaio de encarnação da fé cristã. É preciso que Cristo fale nossas línguas, se revista de nossa cor, seja celebrado com nossas danças e louvado em nosso corpo”.<sup>19</sup>

No diálogo com outras culturas e com a humanidade de hoje, crentes de todas as tradições espirituais, somos chamados a superar ou ao menos relativizar uma visão da fé na qual ainda compreendemos Deus como alguém externo a nós e que vive em outra dimensão da existência, em um plano sobrenatural, com o qual nos relacionamos em um diálogo de certa forma exterior. Não é fácil para nós que fomos educados a nos relacionar com um Deus Pai do céu, situado nas alturas, mas é preciso sermos capazes de acolher e dialogar com

---

<sup>19</sup> Leonardo BOFF, *O Caminhar da Igreja com os oprimidos*, Vozes, 3ª ed., 1988, p. 31- 32.

quem vive o caminho espiritual, reconhece o Mistério como realidade última, mas não aceita a imagem de um Deus pessoal nas figuras da tradição bíblica ou islâmica. Mestre Eckarth, místico cristão da Idade Média, afirmava:

Tudo o que você faz e pensa sobre Deus, é mais você do que ele. Se absolutiza isso, você blasfema porque o que realmente ele é, nem todos os mestres de Paris conseguem dizer. Se eu tivesse um Deus que pudesse ser compreendido por mim, não gostaria nunca de reconhecê-lo como meu Deus. Por isso, cale-se e não especule sobre ele. Não lhe ponha roupas de atributos e propriedades, mas aceite-o "sem ser propriedade sua", como um ser superior a tudo e como um Não Ser superior a tudo.<sup>20</sup>

### QUESTÕES:

1. Desta reflexão sobre o Novo Testamento, o que você conclui para a nossa relação com as expressões culturais e religiosas diferentes da sua?
2. Como crer em Jesus Cristo como Mestre sem considerá-lo exclusivo e sem fazer dele obstáculo para o diálogo e a inserção com os outros caminhos religiosos?
3. Sugira elementos e aspectos a partir dos quais nossas Igrejas precisam se desocidentalizar e ser mais universais?

---

<sup>20</sup> Cf. F. PFEIFFER, *Meister Eckhart*, Aalen, 1962, p. 183.

## 4.

### ESPIRITUALIDADE DO RESPEITO AO OUTRO E À NATUREZA, DO CUIDADO E DO DIÁLOGO, NA BUSCA DA JUSTIÇA E DA PAZ

Ivone Gebara<sup>1</sup>

O amplo título que foi proposto para esse momento do *Curso de Verão 2012* indica, entre outras coisas, a necessidade de termos um pouco de clareza em relação às palavras que o constituem. Se eu me atrevesse a trabalhar os muitos significados de cada palavra, talvez não chegaria aos objetivos propostos pelo curso. Por essa razão, tomo como ponto de partida para esta reflexão que as palavras presentes no título – como espiritualidade, respeito, cuidado, diálogo, justiça e paz – têm um sentido mais ou menos comum para nós ou ao menos sabemos algo sobre elas. E não só isso, mas são palavras vitais para nós e indicam a necessidade que temos de afirmá-las como valores em nossa vida. De certa forma, podemos dizer que a maneira como o próprio título foi escrito indica uma organização de sentido e até certo ponto uma carência. Buscamos não aquilo que já temos, mas aquilo de que necessitamos. E parece que estamos necessitados de algo que preencha alguns dos muitos vazios presentes em nossa vida, nesse momento da história do mundo e da história do planeta.

Por essa razão, mesmo que não saibamos bem dar uma aula sobre espiritualidade ou sobre o respeito ao outro, ou ainda sobre a justiça e a paz, sabemos mais ou menos intuitivamente o que essas palavras querem dizer para nós. Do ponto de vista que nos é familiar, apesar

---

<sup>1</sup> Ivone Gebara, paulistana, filósofa e teóloga feminista. É membro da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora. Tem sua residência em Camaragibe, Pernambuco. Viaja pelo mundo dando cursos e seminários sobre as relações entre filosofias e teologias na perspectiva feminista e ecológica. Tem vários livros e artigos publicados em português e em outras línguas.

das inevitáveis contradições, essas palavras significam sempre coisas boas, especialmente para a vida humana. Esse conhecimento familiar cotidiano que carregamos conosco será a base para os aprofundamentos que irei propor nesses dias.

Minha reflexão constará de duas partes principais:

1. A espiritualidade no interior da materialidade da vida.
2. A mobilidade do desejo humano e de sua busca de Deus.

## **1. A espiritualidade no interior da materialidade da vida**

Quando falamos de espiritualidade, na maioria das vezes queremos falar de algo bom, de algo necessário e de algo que nos faz bem. É como se a espiritualidade fosse algo que não contivesse as contradições da materialidade da vida. E mais, é como se fosse algo quase acima das coisas ruins que nos fazem sofrer. Mas, de onde vem esse algo bom e como esse algo bom nos faz bem? Ou a quem ele faz bem? Que tipo de bem provoca naquela ou naquele que o busca ou o desenvolve ou o experimenta?

Se, depois de uma caminhada ao sol, alguém nos oferece um copo de água fresca, dizemos que essa água fez bem ao nosso corpo. Se alguém nos oferece um prato de boa comida, depois de um dia de trabalho quase passado em jejum, dizemos que revigoramos nossas forças. Se alguém nos dá a mão depois de uma queda numa rua movimentada, dizemos que essa pessoa nos ajudou a cuidar de nossas feridas e dores. Sabemos o que estes gestos materiais provocam em nós. Por isso é preciso perguntar: o que “essa coisa” que chamamos de espiritualidade provoca em nós? Que tipo de alimento é? Que benefício nos oferece? Podem alguns viver sem ela? E se podem, por que se privam desse “algo” que parece tão bom?

Quero ajudá-los e ajudá-las a aprender a pensar sobre as coisas acerca das quais raramente pensamos. Em geral, vivemos muitas coisas sem pensar sobre elas e uma delas é a *espiritualidade*. Por isso, o método reflexivo que lhes proponho quer nos ajudar a não viver de forma alienada ou separada de nossas crenças e nos convida a

assumir as grandezas e os limites de nossa própria condição. Vou enumerar algumas formas daquilo que se costuma chamar de espiritualidade em nosso meio, na tentativa de identificar melhor suas formas e algumas das razões da vivência de diferentes grupos. É claro que esse elenco não esgota a realidade do que podemos encontrar em nossa história atual, mas apenas exemplifica algumas formas, para que possamos pensar sobre nossas convicções e escolhas. É uma metodologia reflexiva que não pode dar conta da complexa realidade de todas as vivências humanas, mas que pretende mostrar o quanto o que chamamos “espiritualidade” tem a ver com a materialidade de nossa vida. Podemos criar seres extraterrestres, anjos da guarda, imaginar deuses poderosos ou um só Deus que do céu nos sustenta. Estamos, em todas as situações, inexoravelmente buscando o sustento de nossa materialidade física, psíquica e emocional. Trata-se de uma metodologia que tenta valorizar o vivido e pensar sobre ele, apostando em nossa capacidade de ser uns para os outros as coisas bonitas nas quais acreditamos e amamos.

### *1.1. Segurando a corda lançada por Deus: pedido e submissão*

A palavra espiritualidade vem de espírito entendido como “algo” para além da matéria. Para os cristãos, tem a ver com o Espírito Santo, o Espírito de Deus enviado para estar conosco. Não desenvolverei de forma direta uma reflexão sobre o Espírito Santo, mas seu sopro estará sempre presente em nós. Não há como sair dele e viver sem ele.

É interessante notar que, no meio popular, a palavra *espiritualidade* não é muito usada. Raramente ouvimos pessoas pobres dizendo que precisam de espiritualidade ou que têm uma espiritualidade. A palavra parece ser do vocabulário de uma elite cultural religiosa presente nos diferentes credos religiosos.

No mundo das periferias pobres, ouve-se muito falar de pedir a Deus para se obter isso ou aquilo, orar para ter a proteção divina, rezar pela saúde de A, pela viagem de B, pela filha de C. É como se Deus estivesse estendendo do céu uma corda para que nos segurássemos a ele para seguir nosso caminho. Não podemos largá-la. Mas às vezes temos a impressão de que ela escapou de nossas mãos e fazemos de

tudo para recuperá-la de novo. Segura na mão de Deus ou segura na corda que Deus lhe estende... Para viver em nosso mundo, é preciso a ajuda do mundo de Deus. Seria isso espiritualidade? Creio que, para muitos, sem dúvida.

No fundo, tem muita coisa que se chama de espiritualidade. Para alguns, a espiritualidade tem a ver com uma relação de troca com Deus ou com os santos, de forma que nos humilhamos ou nos sacrificamos para que algo nos seja concedido. Essa espiritualidade se confunde com um modelo de religiosidade ainda muito presente na cultura latino-americana. Esta guarda traços psicológicos e emocionais particularmente hierárquicos. Funciona como se Deus fosse um Senhor riquíssimo e poderoso, com uma tenda de objetos e de favores a serem distribuídos, sobretudo aos que mais se humilharem ou aos que mais oferecerem presentes ou aos que mais se rebaixarem diante do ser supremo. Ele, então, tendo sua glória satisfeita ou aumentada, pode favorecer ou não ao pedinte.

Um aspecto interessante nessa relação é que, no imaginário popular, parece que Deus acha agradável o sofrimento e a humilhação daquele que pede. Parece que Deus ama ver um enfermo andando de joelhos, alguém com uma pedra na cabeça, alguém fazendo jejum disso ou daquilo. O crente acrescenta sofrimento sobre sofrimento, privação sobre privação, dor sobre dor para conseguir aquilo que está pedindo e acredita estar sendo agradável a Deus. É um comportamento a partir do qual o crente aposta sua chance de ser agraciado e, finalmente, se consegue obter o pedido, considera-se privilegiado por Deus. Se não for agraciado, deve consolar-se, pois os desígnios de Deus são desconhecidos e, portanto, Deus deve ter razões particulares que nossa razão mortal não pode compreender. No fundo, é como se o crente quisesse lembrar a Deus de suas necessidades e para isso imagina o que poderia agradecer a Deus. Em geral, pensa-se em um Deus que se satisfaz com sacrifícios e louvores exteriores, um Deus mais ou menos à nossa imagem. Esse modelo espiritual primitivo aponta para uma concepção de Deus bastante especial. Deus se assemelha ao comportamento dominador dos reis absolutos ou dos imperadores cuja palavra era lei absoluta sobre os súditos. Os monarcas não

hesitavam em exigir sacrifícios imensos de seus súditos em troca de favores. Essa relação com os poderosos foi transferida ao chamado ser supremo, aquele considerado mais forte e mais poderoso do que todos os outros seres. O modelo de Deus presente nessa relação de pedintes aproxima-se do modelo imperial em que os súditos tinham suas vidas nas mãos dos imperadores, dos reis ou dos príncipes. Continuamos reproduzindo na religião essas hierarquias celestes, mesmo se hoje, em muitos lugares, se esteja vivendo, politicamente, regimes democráticos. A política da religião ainda não entrou na fase democrática. E por isso a espiritualidade da dependência é mais forte do que a da responsabilidade comum.

### *1.2. A corda que seguramos em conjunto: a força interior que nos sustenta*

Para outras pessoas, a espiritualidade é uma espécie de força interior difusa que nos leva a agir de determinada maneira. É como se fosse uma respiração ao compasso de certos valores éticos que faz com que as pessoas tentem agir na direção do bem comum. Nesse sentido, a espiritualidade se aproxima de uma ética que exige certa hierarquia de valores e ações em conformidade com ela. Também se poderia dizer que a espiritualidade se identifica à fé ou à convicção em uma maneira de viver a relação com os outros e consigo próprio. Para essas pessoas, falar de fé ou de espiritualidade não tem necessariamente a ver com o pertencimento a uma religião. Essa convicção está relacionada aos diferentes aspectos da vida cotidiana e é capaz de marcar diferenças em nossos comportamentos. Por exemplo, lembro-me da vida de um educador que conheci muito bem. Na idade madura, ele afirmava que não pertencia a nenhuma religião e não seguia nenhum credo religioso. No entanto, a dedicação desse homem aos seus alunos, às lutas que promoveu na linha de uma educação com participação da comunidade e em vista de valores em favor do bem comum, revelava uma pessoa de enormes qualidades humanas e compromisso social. Será que devemos concluir que ele não tinha nenhuma espiritualidade? Ou que sua espiritualidade era o seu jeito de viver?

Muitos poderiam alegar que esse homem vivia apenas um humanismo e não uma espiritualidade. No fundo, creio que ele vivia uma convicção forte e que nós que utilizamos em nosso vocabulário a palavra “espiritualidade” reconhecemos sua vivência como espiritual, ou seja, como brotando do mais profundo de sua vida, de sua interioridade.

As pessoas que vivem a espiritualidade como força interior ligada a Deus, Fonte de Vida da qual vivemos, podem ser de vários credos religiosos ou de nenhum. Apesar dos limites e contradições inerentes a todas as vidas humanas, apesar do egoísmo e crueldade que vivem em nós, ainda apostam nas possibilidades dos seres humanos de se ajudarem mutuamente. Nessa linha, podemos dizer que muitos cristãos vivem esse modelo de espiritualidade. É como se fosse uma corda que todos sustentamos juntos e quando um fraqueja o outro sustenta. A força que nos sustenta pode ser chamada de “Deus em nós”.

O que nos interessa captar nessas duas primeiras posturas é que, de todas as maneiras, a finalidade da espiritualidade é provocar benefícios para a materialidade da vida. É, portanto, em vista de nosso corpo ou de nossos corpos, ou da materialidade de nossa vida, que falamos ou buscamos uma espiritualidade.

Quando penso na materialidade da vida, penso-a como a realidade palpável de nossa existência, como a condição terrena na qual vivemos. Refiro-me a esse corpo nosso, sofrendo, gemendo ou se alegrando com muitas coisas. Afirmar a materialidade da vida e de nossos corpos é ao mesmo tempo afirmar nossa capacidade de sonhar com aquilo que não existe, inclusive com mundos perfeitos, com divindades e com utopias para além da história imediata. Tudo isso tem a ver com as carências atuais de nossos corpos, com nossas necessidades individuais e coletivas.

Nossas utopias e nossos sonhos de amor começam em nossos corpos e são direcionados para os nossos corpos. Nossa imaginação e nossas utopias são por isso mesmo radicalmente corpóreas, mesmo quando parecem estar para além da materialidade imediata de nossos corpos.

Não há ciência dos seres espirituais, embora alguns acreditem estar em contato direto com eles. As ficções imaginativas sobre anjos ou

espíritos evoluídos ou um tipo de crença que afirma a possibilidade da relação com seres extraterrestres não são a experiência comum de nossas vidas. Contudo, afirmar a radical experiência da materialidade de nossos corpos nessa forma simples e direta não significa diminuir as tradições religiosas passadas e presentes, mas tentar olhar o mundo desde a perspectiva de nossos próprios corpos. Tudo acontece neles e a partir deles. Nós somos nossos corpos e sua própria história. E nossos corpos individuais são temporais e sua vitalidade é situada e datada. Nascem, crescem e morrem. Mesmo quando algumas pessoas fazem promessas e sacrifícios físicos, fazem-no para obter algum benefício em vista dos limites da materialidade da vida. Obter uma terra para plantar, pedir chuva, pedir saúde, ter sorte no amor, conseguir uma casa ou a volta de um ente querido têm a ver com a materialidade ou com a corporeidade de nossa existência. Tudo tem a ver com nossos corpos vivos e é por eles que investimos naquilo que chamamos forças espirituais. É justamente por causa dessa realidade vital que tento explicitar a espiritualidade dentro da materialidade da vida.

### *1.3. A revolução eletrônica e a acentuação da espiritualidade da dependência*

Todos nós sabemos o quanto o desenvolvimento da tecnologia da comunicação abriu-nos para outra concepção da vida e ativou novas vivências, inclusive religiosas. Hoje a televisão, o computador e o rádio podem transmitir em tempo real não só os grandes acontecimentos políticos e sociais, mas também experiências religiosas de massa. Bênçãos, curas e exorcismos perdem seu caráter íntimo e são mostradas publicamente pelos meios de comunicação. A religião torna-se também mercadoria e espetáculo! E mais, a religião torna-se uma opção de entretenimento e até disputa radiofônica e televisiva entre diferentes igrejas. Cada um mostra seus fiéis, sua leitura da Bíblia, seus milagres. A TV aberta abriu-nos para o consumismo religioso. A pergunta: o que buscamos quando empenhamos parte de nossa vida na produção e manutenção do espetáculo religioso? Sim, porque de fato é um espetáculo visto e comentado, sobretudo pelos adeptos que recebem benefícios e pelos espectadores maravilhados com o poder dos

pastores. A satisfação em imaginar heróis imbatíveis, poderes ocultos, feitos gigantescos e maravilhosos é parte de nossa estrutura psíquica.

Estamos em tempos de livre mercado, de acesso, pela internet, aos mais diferentes *sites* e redes sociais. O conhecimento fácil está na ordem do dia. Apesar das muitas dificuldades e opressões, cada um consegue desenvolver em si o direito de fazer suas mais variadas escolhas pessoais e acreditar que as escolhe e as vive livremente. A sociedade de consumo oferece a quase todos os cidadãos o direito de afirmar o seu caminho religioso, de erigir seu altar, fazer suas preces ou ficar calado em seu canto. Cada um pode ter seu guru que não cobra nada a não ser uma ajuda para manter a casa da prece... Podemos ver na televisão nosso programa religioso preferido, obter curas, milagres e participar de celebrações eucarísticas. Tudo “à la carte”! Basta mudar de canal se não estamos gostando desse programa e queremos um líder pastor mais jovem ou mais milagreiro ou cantor. Estamos num tempo privilegiado de escolhas individualistas. A religião televisiva está aí... E é tudo livre, ou quase... Para trás os coletivismos religiosos bem regrados e o rigorismo dos tempos antigos, fim do silêncio exigido nas liturgias. Para trás as exigências éticas de um Deus ético. As comunidades eletrônicas estão aí facilitando a vida. Nem preciso sair de casa para entrar em oração com meu grupo e, se quiser, posso até desconectar-me do encontro marcado. Afinal, sou ou não sou livre? Uma nova concepção de ser humano singular e plural está sendo diariamente construída.

A propaganda religiosa invade nossa casa eletronicamente. Leva-nos a acreditar que agora é minha vez de encontrar a profundidade obscura e escondida de meu ser... Ouço o pastor clamando: “Esqueça-se do mundo exterior e encontre sua interioridade na intimidade de seu quarto, diante de seu aparelho de TV”; “Agora, levante-se e dobre os joelhos diante de seu Senhor... Ele está aí para resolver todas as suas dificuldades. Basta chamar por ele!” Então recebemos de modo direto pela TV ou por via eletrônica a bênção do Santíssimo, ou participamos de alguma oração, ou fazemos uma comunhão espiritual televisiva, ou somos curados de nossas dores.

O que é mesmo que buscamos e o que encontramos? Que solução, que paz? E quando não temos um quarto pessoal para orar?

E quando não temos casa nem TV? E quando fomos expulsos de nossa terra?

Outros participantes do mercado religioso ou da autoajuda nos enviam outras soluções: “*Aprenda a fazer meditação...*” Seu desempenho profissional poderá ser favorecido. Diariamente, o mestre X estará à sua disposição para ensiná-lo a encontrar o seu eu profundo. Você pode convidá-lo para sua empresa e ensinar seus funcionários a meditar para evitar o *stress* de cada dia. A ajuda é totalmente gratuita, mas qualquer contribuição é bem-vinda, pois ajuda a manter a nossa sede!

*Alguns outros nos dizem: “Leia a Bíblia”*: o pastor F estará pronto para orientá-lo a descobrir a partir da Bíblia os caminhos de Deus em sua vida. Seus fardos pesados serão aliviados. O curso é grátis e sua Bíblia será entregue em sua casa com um disco na voz de seu cantor preferido. Escolha a voz, preencha o cupom e deposite no Banco Y sua oferta, sem esquecer de adicionar o custo do envio. Tudo para a glória do Senhor! Amém.

*Só o Senhor salva...* Priorize Deus em sua vida. Não deixe de vir ao templo do Reinado do Rei Senhor de todas as coisas. Procure o templo mais próximo de sua casa. Lá você tem um encontro marcado com seu Senhor. Só Ele poderá transformar a sua vida. Deposite no altar do Altíssimo a sua dádiva e Ele lhe dará o cêntuplo. Creia e será salvo! Pois sabemos bem que quem prioriza o Senhor será priorizado por Ele. Creia e verá grandes coisas acontecerem na sua vida...

*Ou ainda: Cure-se pelas plantas...* Prepare você mesmo seus florais e cremes nutritivos... Pelo preço de três aspirinas diárias você poderá fazer seu curso, preparar a combinação de elementos que se ajustam a seu momento e, sobretudo, encontrar a paz interior... Só a natureza é capaz de fazer milagres! Experimente e comprove! Estamos à sua disposição para ajudá-lo a reequilibrar suas energias. Método fácil e ao alcance do grande público!

*Cure-se pelas cores...* Método eficaz e natural. Afinal convivemos com as cores, mas não conhecemos seu poder sobre nossas vidas. Acesse o nosso *site* e obterá as informações de que necessita. Se estiver interessado, avise-nos que lhe enviaremos um manual... e em seguida poderemos manter com você um contato regular. Através de

uma pequena contribuição mensal, cores e flores farão a diferença em sua vida!

Estamos fazendo *a reforma agrária de Deus*... Visite nosso projeto na Bahia e no Piauí. Centenas de famílias trabalham na terra de Deus... Você pode ser mais um investidor na seara do Senhor! Ele resolverá o que os governos não resolvem! Fará as reformas que nenhum governo é capaz de fazer. E mais, seu investimento rende para você, ajuda os outros e é agradável ao Senhor. Não perca a oportunidade de fazer o bem e receber o bem! Sua felicidade eterna depende em grande parte de você!

*Sirva ao poder de Deus*... Quem serve ao Senhor está sempre protegido e cuidado. Vejam o que aconteceu no Haiti, onde o povo é idólatra seguidor do vodú! Que horror o vodú! Que primitivismo! Com suas crenças, atraíram o demônio e só deu terremoto, fome, morte, destruição... Mas, você, ouça a voz do único Senhor, o Senhor que escreveu sua vontade na Bíblia. O verdadeiro culto se realiza quatro vezes por dia nos nossos diferentes templos. Nossos pastores estão preparados para lhe dar a ajuda espiritual de que necessita e, sobretudo, livrá-lo das sutis garras de Satanás. Temos pastores e apóstolos preparados para a luta contra o demônio!

A espiritualidade eletrônica vem atingindo uma população enorme, sobretudo nos meios populares. A busca de solução de problemas, de alívio imediato, de consolo e proteção está na raiz desse crescimento. As pessoas buscam soluções imediatas e, com isso, correm o risco de entregar às forças celestes representadas pelos pastores das novas igrejas a solução de seus problemas. Acabam acreditando que o que lhes acontece nos limites da vida cotidiana tem a ver com forças demoníacas extraterrestres e, portanto, só as forças divinas têm poder para virar o jogo. Identificam a crença nessas forças à fé no poder de Deus. Os processos psíquico-religiosos e sociais envolvidos nessas situações são extremamente complexos e nos convidam a um discernimento para que sejamos respeitosos com as pessoas e suas dificuldades, sem deixar de denunciar o dinheiro fácil que se ganha à custa da dor dos pobres. Por isso precisamos nos perguntar sempre de novo: o que buscamos quando procuramos a ajuda das religiões? Ou que sentido tem essa

espiritualidade para as pessoas que a buscam? Que tipo de sociedade essas religiões alimentam e a que necessidades imediatas respondem?

#### *1.4. Pensando alguns desafios de hoje*

Uma das coisas que podemos constatar é que, no passado recente, falar de “mercado religioso” era uma ofensa para uma ou outra igreja. Os adeptos da teologia da libertação, por exemplo, criticaram duramente o mercado religioso. Embora suas críticas sejam ainda atuais e de certa forma presentes também neste texto, hoje sua força é menor. Como quase tudo foi mercantilizado, começamos a nos habituar ao uso de certas expressões e até usá-las de forma natural. Hoje não se fala tanto nos meios de comunicação de mercado religioso, mas de *marketing* religioso. O *marketing* é mais facilmente aceito porque parece envolver-se na lógica da globalidade da sociedade globalizada. Mas, apesar desse lado da moeda, existe o outro que continua dramático. A deterioração das relações humanas, nos diferentes níveis, e as grandes ameaças aos processos vitais estão nos convidando a construir novas relações, a partir da materialidade de nossa vida. Buscamos outras relações no mundo. É mais uma vez em vista delas que falamos de espiritualidade.

A fome ainda é o grande mal do qual padecem milhares de pessoas; é fome de pão, de alimento saudável, de terra para plantar e colher, de casa digna para morar. É a fome de companhia, de amizade e de solidariedade, embora estejamos ao mesmo tempo ouvindo os números da crise econômica e do produto interno bruto que cresceu ou diminuiu. As novas religiões não estariam nos enganando em relação à solução de nossos problemas? Não estariamos situando a espiritualidade num lugar distante de nós, esperando a interferência do plano extraterrestre? Ou não estariamos nos esquecendo de novo do compromisso coletivo buscando apenas nossa salvação individual?

Estamos sendo desafiados/as a olhar de novo para as feridas que produzimos uns nos outros, a enfrentar os efeitos da crueldade de que somos capazes e tentar sempre de novo ser o próximo ou a próxima uns dos outros.

Quando olhamos para a materialidade de nossos corpos, o que vemos?

Por um lado, corpos saciados, aparentemente felizes, gozando dos prazeres e das muitas coisas que o excesso de dinheiro pode oferecer. Monumentos artísticos, construções suntuosas, novidades da ciência e da tecnologia. Cada dia uma novidade para excitar nosso desejo.

Por outro, corpos sexualmente violados de mulheres e crianças com marcas indelévels na realidade material de seus corpos; a destruição das florestas e dos rios, a poluição crescente manifesta, doenças no corpo da terra e em nossos corpos; a obesidade mórbida de muitos corpos atesta o excesso de substâncias químicas que se introduzem tanto na agricultura quanto nos alimentos industrializados; o crescimento de doenças psíquicas e emocionais que se manifesta em nossos corpos e na maneira como organizamos a convivência humana. Nunca produzimos e consumimos tantos antidepressivos, nem fizemos tanto tratamento contra o pânico, a angústia, a insônia. E esse não é apenas o problema das classes mais abastadas da sociedade, mas dos mais diferentes grupos sociais e, de maneira particular, dos mais pobres. A expansão da indústria farmacêutica através da produção de genéricos atesta o enorme consumo de remédios também pela classe C. É como se, através deles, quiséssemos esquecer nossos sofrimentos e angústias, abafar nossas perguntas e tentativas de resposta.

É como se, ao adormecermos através dos muitos remédios, esquecéssemos a angústia trágica em que nossa vida se transformou, visto que estamos tornando, de diferentes maneiras, nossa vida inviável. Não podemos nos esquecer também do consumismo excessivo e do alcoolismo como respostas ao tédio existencial que acomete de formas diferentes, para diferentes pessoas. O sofrimento produzido é cada vez maior e mais complexo. Ao mesmo tempo se criam antídotos para acalmá-los e pouco se faz para que enfrentemos coletivamente essa espécie de tédio enfermizo e depressão constante que nos assolam. Sentimo-nos inseguros, ameaçados, temerosos como se o mundo a qualquer hora pudesse desabar sobre nós. Ameaças e violências dos mais diferentes tipos abrem as notícias do dia enquanto tomamos o café da manhã. E à noite adormecemos ouvindo mais ou menos as mesmas catástrofes ou notícias que diminuem nossa força vital e perturbam o nosso sono. Quase não sabemos mais o que é o silêncio,

sobretudo nas grandes cidades. A noite é atravessada pelos ruídos das motos, dos carros e das sirenes policiais sem falar na música ruidosa dos bares e no estrondo periódico dos tiros de revólver nas periferias das cidades. Viver hoje é mais inseguro do que no passado...

O aumento da produção de guerras acompanha o crescimento das indústrias de armamento dos mais variados tipos. Dessa forma, a economia de um país que depende em parte da indústria de armamentos necessita da guerra para que permaneça em equilíbrio e possa continuamente criar, produzir e vender novas armas. A arte de matar se aperfeiçoa a tal ponto que elimina qualquer responsabilidade pessoal e qualquer consciência da morte de seus semelhantes. A pretensa legítima defesa ou a defesa pública da democracia autoriza os maiores crimes e intervenções nos países. A questão que nos é lançada é a de nos enfrentarmos a materialidade da vida capaz de produzir tanta crueldade, muitas vezes sem nos fazer sentir que somos cruéis uns com os outros. E nessa situação ainda buscamos uma espiritualidade. Para que buscá-la? O que buscamos nela? Que função pode ter no contexto de guerra e insegurança cotidianas no qual vivemos?

Atrás das muitas perguntas irrompem nossas buscas e somos convidados a pensá-las e a acolhê-las como frutos de nossas vidas.

### *1.5. Velas e ruelas de nossas buscas*

Há algo que a simples observação de nossa vida e das pessoas que nos rodeiam nos mostra. Todos nós necessitamos de ajudas e sentidos para viver. Ninguém pode bastar-se a si mesmo. Todos nós necessitamos das tradições familiares, dos amigos, da sabedoria do passado e das novidades do presente, para sustentar sentidos para nossa vida. Cada nova geração retoma as mesmas questões de sempre: Por que existimos? Por que o mal acontece? Por que somos capazes de destruir-nos? Por que nos aconteceu isso? Por que a morte? De onde vem o mundo onde vivemos e para onde vai? São perguntas antropológico-religiosas e científicas que povoam nosso pensamento. Cada um de nós tenta responder ou buscar uma resposta, mesmo que provisória, dentro dos limites de sua história e de suas escolhas de vida. Nossa busca de ajuda e de sentido abre-se em muitas buscas e

encontra diferentes respostas, visto que cada um de nós é único. Não há respostas que satisfaçam a todos, assim como não há alimentos que sejam igualmente do gosto de todos. É a diversidade que sustenta e mantém o equilíbrio de nossas vidas. E é a partir dela que organizamos nossa vida como se fosse uma belíssima colcha de retalhos, cada um com seu colorido próprio, sua forma e absolutamente necessário para manter o tecido.

A partir da consciência dessa diversidade que assumiu uma forma especial no século XXI, alguns sentimentos têm habitado a vida de muitas pessoas outrora muito religiosas e, sobretudo, atuantes em movimentos cristãos. Falo em sentimentos e creio que nossa razão é também uma razão guiada por sentimentos, muito embora queiramos às vezes negar esse fato. Os sentimentos são indicadores das muitas vivências cotidianas e expressam no seu claro-escuro coisas importantes em nossa vida. Às vezes não temos clareza nos raciocínios e por isso dizemos: “*Não sei bem explicar, mas é o que eu sinto*”. Então precisamos tentar entender nossos sentimentos e nossas emoções, precisamos ouvi-los e deixar que emerjam em nosso cotidiano, para que nos ensinem mais coisas, sobre nós mesmos.

Muitos de nós estamos sentindo o quanto os antigos conteúdos religiosos e particularmente do cristianismo já não conseguem dar conta da complexa realidade em que vivemos. Já não adianta mais dizer “*não faça isso pelo amor de Deus*” ou “*esta é a vontade de Deus*” ou “*não foi isso que Jesus ensinou*”, ou mesmo “*Deus vai te castigar*”. A palavra Deus tem cada vez menos autoridade moral sobre nossas vidas, muito embora continue sendo profusamente utilizada. Estamos sentindo a necessidade de algo que nutra e sustente a vida, para além do pão cotidiano e das crenças já gastas pelo tempo e pela manipulação dos poderosos. Não é que estejamos inventando o mundo de novo, mas estamos continuando a recriá-lo cada dia com o que dispomos em nosso presente. E, nessa nova invenção ou recriação, queremos tentar reler particularmente nossa herança cristã, a partir dos novos desafios que o mundo atual está nos lançando.

Acredito que o mundo de hoje está rascunhando novas formas de espiritualidade não necessariamente controladas pelas antigas insti-

tuições religiosas. É bastante difícil explicitar através de uma teoria explicativa o que se passa conosco. Mas, há algumas constatações que podem ser verificadas a olho nu e, se partilhadas em forma de esboços e observações empíricas, poderão mostrar o novo que vem emergindo no meio de nós. O novo não significa novidade sem problemas. É novo no sentido de explicitar-se de forma diferente do passado, mas sempre a partir do que foi passado. Esse novo nos convida a repensar a vida, a viver a vida de forma diferente. Vou enumerar alguns acontecimentos e situações que, embora sigam uma ordem numérica de apresentação, estão entrelaçadas umas às outras.

1. Nossa condição atual está marcada pelo surgimento de novas políticas identitárias que não apenas se afirmam a partir de uma pertença nacional, mas a partir de uma pertença étnica, religiosa, de gênero, de raça, de idade, de orientação sexual. A cada nova subdivisão, a complexidade se torna maior. Essa dinâmica contém, por um lado, elementos importantes em vista do respeito à diversidade que nos constitui e nos mostra a beleza dessa diversidade. Entretanto, por outro lado, também produz uma significativa desintegração sociocultural, formas de separatismo e até o terrorismo internacional. Assim, grupos e culturas se mantêm através de práticas controvertidas que não podem simplesmente ser solucionadas por políticas de improvisação da convivência entre os diferentes grupos. Temos que agir localmente na preservação de nossa humanidade e do mundo que é a nossa circunstância. Temos que perguntar à tradição religiosa que escolhemos como ela pode ajudar a vida de hoje com suas contradições e desafios. Os problemas que nos afligem e atemorizam revelam um mundo diferente daquele do século passado. Há novas formas de produção da violência e de construção da paz.

As tradicionais formas de expressão da fé cristã parecem ainda querer converter os outros e salvá-los a partir da insistência da mensagem universal do cristianismo com seus conteúdos próprios. Sem dúvida elas subsistirão, mas não conseguiram dar respostas significativas aos desafios de um mundo cada vez mais complexo e diverso. Precisamos enfrentar-nos comunitariamente a rever os sentidos de nossa fé

e criar pequenos espaços de convivência onde o sentido e a amizade possam habitar.

2. A consciência feminista em alta ascensão desde o século passado não tem sido valorizada pelos ambientes religiosos tradicionais. As mulheres estão afirmando novas linguagens, novos valores e novas simbologias. Estão modificando não apenas a compreensão da antropologia e da teologia, mas abrindo espaços para uma nova convivência humana. A tradicional espiritualidade cristã não dá conta dos muitos avanços das mulheres. Há uma ameaça mútua. Por um lado as mulheres representam um novo poder emergente e por outro as Igrejas representam o poder da tradição patriarcal considerada quase imutável por muitos. As tensões nos fazem antever surpresas nessa difícil relação. A aproximação possível se fará de diferentes formas à condição de partirmos da consideração das vidas concretas, de suas perguntas e busca. Soluções de princípio e afirmações dogmáticas não ajudarão mais no diálogo entre os grupos. Dualismos e maniqueísmos não nos farão avançar. Uma nova relação cultural entre mulheres e homens, raças e povos, religiões e sabedorias é exigida.

3. Os desafios da tecnologia e da propaganda a serviço do consumismo nos levam a excessos e a uma atitude de desperdício crescente das riquezas naturais. Do ponto de vista do sentido da vida, consumir passou a ser uma forma de consolar-nos em relação ao crescente tédio de nossas vidas. Trata-se de um tédio semelhante a uma insatisfação contínua com o que consumimos. Nada nos satisfaz. Queremos novidade. A de ontem já não serve e precisamos economizar ou usar meios ilícitos para preencher o vazio que se abre em nós diante da nova necessidade ou do novo produto que queremos adquirir. Falo de tédio não apenas para as classes mais abastadas da sociedade, mas tédio no meio dos pobres, que têm seu desejo por melhores condições de vida ou seu desejo consumista continuamente frustrado. Cada dia mais uma novidade é lançada no mercado e, como todos os grupos, eles também anseiam por sua posse. Que espiritualidade para esses tempos de tédio consumista? Quem nos ajudará a reequilibrar as forças da vida em nós? Que tradições cristãs resgatar e como resgatá-las,

para que nos ajudem a encontrar o gosto de viver e de ter prazer na convivência humana?

4. Muitas coisas hoje podem apaziguar nosso corpo e algo de nossa ansiedade. A proliferação das academias de ginástica, do hábito de malhar para obter uma forma ideal para o corpo tem sido um caminho. Igualmente a proliferação de uma ideia de viver de forma natural: comer de forma natural, beber e dormir de forma natural. O natural é elevado a uma forma de religião ou de espiritualidade. Mas o que é mesmo o natural? Estaríamos querendo viver sem agrotóxicos e sem poluição? Estaríamos chamando isso de natural? Estaríamos desenvolvendo através dessa formas apenas nosso bem-estar individual? E os/as outros/as caídos/as na estrada? E a Terra, nosso corpo maior? Seria essa uma espiritualidade natural? Serviria para muitos grupos?

5. Muitas pessoas, apesar de terem nascido numa religião, vivem uma pertença plural a diferentes credos religiosos. É como se buscassem frutos produzidos em diferentes lavouras. Não sentem mais a necessidade de uma pertença estável a um grupo religioso. Abrem-se para o pluralismo religioso na vivência cotidiana individual. De certa forma, essa liberdade a que se dão nos convida a pensar as novas formas de pertencimento às religiões. Hoje, permitimo-nos discordar de uma autoridade religiosa, contestamos sua opinião pública, criticamos a manipulação que exerce, propomos novas posturas. À revelia das monarquias religiosas de direito divino, estamos introduzindo a contestação democrática no interior dos espaços religiosos. Estamos exigindo não só o respeito à diversidade dos seres humanos, mas uma partilha do poder religioso a partir de outros referenciais. Isso tudo não está mudando nossa espiritualidade? Isso não tem a ver com a materialidade de nossa vida, com o lugar que ocupamos na sociedade, com a luta por nossa dignidade e com a esperança de crescer em qualidade humana em nosso relacionamento? Que caminhos buscar para que nos salvemos da crueldade de que somos capazes? Que novos amores podem apaixonar nosso coração, para que as utopias e a esperança não saiam de nossa vida?

Não há clareza total, mas pequenas lanternas iluminam nosso caminho e nos permitem dar passos...

Hoje, mais do que no passado, há comidas materiais e espirituais disponíveis para todos os gostos. Cada um pode dizer que tem suas preferências, embora sinta dificuldade de encontrar lugares comuns ou uma comunidade onde as pessoas tenham fomes parecidas, onde gostem de sabores que se assemelham e sintam prazer em ouvir músicas que falem ao coração. Apesar das dificuldades, de repente a gente se descobre, se reconhece, se aproxima um do outro, como se fôssemos cativos de uma mesma saudade. E fazemos uma comunidade mais ou menos fluida, onde sentidos, cumplicidades, solidariedades e amizades circulam.

Às vezes, muitos de nós nos sentimos meio fora da roda religiosa imediata, mesmo da chamada “roda da libertação”... É como se nos sentíssemos muito longe da palavra espiritualidade e de tudo o que se relaciona com ela. Alguns reconhecem a orfandade que nos acomete, especialmente aos mais vulneráveis. Sentimos a fome de sentido que nos é própria e intuímos que o caminho que acalmaria nosso coração é outro. Para alguns, não dá mais para dar razão a todos, explicar tudo, justificar tudo, entender tudo... Não dá para usar o nome de Deus em vão, o nome do amor, ou dos valores que sustentam a nossa humanidade. A saída da orfandade é para nós o encontro com a irmandade, uma irmandade plural e diversificada.

Há algumas coisas que precisamos reafirmar como expressão de nossa fé ou expressão de nossa crença na dignidade dos seres. Por isso acreditamos na tradição da verdade, da ajuda mútua, da irmandade, da simplicidade como forma de vida capaz de gerar um pouco mais de respeito entre nós. Ainda acreditamos que precisamos nos educar para não sermos lobos uns para os outros, para criar bons hábitos, belos ritos, fazer memória coletivamente. Não podemos ter medo de afirmar a inadequação de nossas crenças com o espetáculo religioso ou com o mercado espiritual individualista que se desenvolve entre nós. A chave do espetáculo atual são as palavras PODER, LUCRO e VAZIO, fantasiadas de todo o vocabulário religioso tradicional... Cada um quer fazer crer aos outros o poder de seu deus através de suas pregações. Cada um quer acumular bens em seus próprios baús.

Cada um tenta, segundo seu próprio modo, iludir o outro preenchendo os vazios da vida com um palavreado sem fim e sem sentido... Sem querer ser juíza ou moralista, me vêm ao espírito as palavras de Isaías, também evocadas por Jesus, no evangelho de Mateus (Mt 15,8): “Este povo me louva com os lábios, mas seu coração está longe de mim...” (Is 29,13).

Entretanto, apesar dos pesares, muitas pessoas ainda buscam na arte, na poesia, no canto, enfim, na beleza, uma forma de manter a grandeza da criação humana. Acreditam nas coisas simples da vida, capazes de nos abrir para uma experiência de beleza e ternura. Acreditam na luta pela partilha dos bens e no respeito às muitas formas de vida. Nossa salvação parece começar aí... e nossa espiritualidade também.

Apesar do efêmero de nossa vida e de nossas paixões, lutar contra a banalização da vida, contra a grosseria de todos os tipos que nos agride e, sobretudo, agride os mais pobres, continua sendo um desafio para nossa sobrevivência como espécie. E aqui incluo também as religiões e seus espetáculos. Creio que alguns românticos ou, simplesmente, aqueles e aquelas que ainda lutam pela vida digna acreditando que ela “é bonita, é bonita e é bonita” anunciam algo que parece escapar de nosso cotidiano violento e trágico. Anunciam os pequenos caminhos de redenção, os instantes fugidios de beleza através das coisas simples e talvez até banais. Fazem-nos intuir o quanto necessitamos perceber que ainda podemos encontrar coisas belas, gestos de justiça e ternura, ainda podemos captar a singeleza de uma rosa, a complexidade de uma borboleta ou a agilidade de um pássaro... Coisas tão simples, mas únicas realidades capazes de transfigurar o mundo e nos convidar a acreditar de novo na frágil grandeza do ser humano. Está escuro, mas quero recomençar a cantar e tentar “*olhar os lírios dos campos*” (Mt 6,28b). Está escuro, mas vou preparar uma simples macarronada e convidar alguns amigos para o jantar. Está escuro, mas quero retomar hoje a tradição humanista de Jesus e atualizá-la na linguagem e nos desafios que a vida nos apresenta. Está confuso, mas muitas/os de nós queremos tirar a tradição do Movimento de Jesus de um mundo sobrenatural

e hierárquico que nos dita interpretações dogmáticas e aprisiona a mensagem libertadora do Evangelho.

## QUESTÕES:

1. Como entendemos a espiritualidade vivendo na materialidade da vida?
2. O que buscamos, quando buscamos uma vida espiritual?
3. Que armadilhas a sociedade de consumo lança à integridade de nossa vida e que substitutivos ela oferece?

## 2. A mobilidade do desejo humano e a busca de Deus

Começo partilhando com vocês algo sobre a mobilidade do desejo humano, pois é no desejo humano que situo grande parte de nossa busca de sentido. Mobilidade é mudança, movimento, transformação, processo evolutivo de nosso desejo em busca de objetivos provisórios, muito embora às vezes os nomeemos como definitivos. Tentarei, em seguida, esboçar algo sobre a busca de Deus, num registro diferente daquele ao qual estamos habituadas/os. Isso porque aquilo que chamamos de “o desejo” de Deus corresponde a algo que não necessariamente se expressa através de uma atitude teísta ou mesmo atea, e que permitiria a alguns o privilégio de uma experiência humana fundamental. Em outros termos, suspeito que exista uma experiência humana mais ou menos comum, uma base vital expressada de diferentes maneiras e com diferentes linguagens. Intuir essa experiência comum poderá nos ajudar a resgatar energias positivas para vivermos com mais respeito, qualidade de vida e sentido. A partir daí, pouco a pouco, poderemos entender melhor a relação entre desejo e espiritualidade/materialidade e o significado da expressão “desejo ou busca de Deus” nos dias de hoje.

### 2.1. *Distinção entre necessidade e desejo*

A partir da tradição filosófica do século XX, distinguimos entre necessidade e desejo. Distinguir não significa separar, visto que todas as coisas estão interligadas, mas distinguimos para entender melhor o que estamos vivendo.

A necessidade é alguma coisa que nos satisfaz no imediato de nossas vidas. É algo urgente, sem o qual não sobrevivemos. Por exemplo: respirar, comer, beber, dormir, vestir-se, reproduzir-se, acolher as necessidades fisiológicas para continuar a espécie. A necessidade toca de maneira especial a conservação da individualidade de minha pessoa, de minha e de nossa sobrevivência individual cotidiana. É necessidade manter a vida e protegê-la. Por isso nos defendemos de qualquer ameaça à nossa integridade física. Nesse sentido, proteger a vida e satisfazer nossa necessidade de comer e beber é até certo ponto indissociável.

A necessidade é algo que temos em comum com todos os seres vivos, tanto animais quanto vegetais. E, nesse sentido, é bom lembrar que a maioria dos movimentos sociais ao longo da história humana preocupou-se prioritariamente com a satisfação de necessidades em vista da manutenção da vida material. É porque somos capazes, em nome de nossas muitas ideologias, de nossa ganância e crueldade, de retirar do outro o direito de sobrevivência, que organizamos lutas para a afirmação de nossos direitos fundamentais. Por isso também instituímos leis, o direito e penalidades para quem infringir o contrato social estabelecido.

Falar de desejo é falar de um horizonte que abre uma brecha diferenciada entre os seres humanos e os outros seres vivos. O desejo se apresenta como um movimento em direção a uma felicidade imaginada e querida, ou a um desejo de liberdade, mesmo se ainda com contornos pouco claros. Essas aspirações orientam-se na direção de algo que parece satisfazer o sentido da vida humana. O desejo é a afirmação das muitas ausências que nos habitam, mas são ausências que revelam a especificidade do ser humano em relação aos outros viventes. São as ausências ou carências que nos fazem viver a angústia de nossa mortalidade ou a angústia da falta de sentido que pode assolar nossa vida. Sem dúvida, essas ausências ou esses vazios podem se conectar às nossas necessidades básicas, mas tento distingui-las intelectualmente para que possamos entender algo da especificidade de nosso desejo. São os nossos desejos que nos levam a construir utopias sociais e religiosas ou a buscar um bem comum para além de nosso egoísmo

ou individualismo. São eles que fazem de nosso caminho uma espécie de marcha sempre renovável e que nos tornam, até o fim de nossas vidas, “*seres desejantes*”. O desejo é sempre abertura a alguma coisa e é sem fim ou sem finalização, mesmo quando conseguimos realizar algo de nosso desejo. É parecido, embora diferente, da sede ou da fome, que fazem parte integrante de nossa sobrevivência cotidiana.

O desejo cresce e se aprofunda nas mais diferentes situações de nossa vida e, quando achamos que estamos satisfeitos, eis que ele reaparece de novo. Por isso, pode-se dizer que o desejo está voltado para algo sempre para além de si mesmo e talvez para algo interior e exterior a si mesmo. É claro que falar de “interior e exterior” significa tocar em nossa condição humana de sermos ao mesmo tempo para nós e para os outros ou com os outros.

Esse desejo é constitutivo do ser humano, ou seja, ele é fruto de nossa evolução e de nossa própria afirmação de seres humanos autônomos e ao mesmo tempo interdependentes. Ele é, portanto, mais do que desejar comer e satisfazer-se momentaneamente. Ele é a aspiração de sentido sem fim e sem fronteiras precisas, e nos permite ser o que somos. Dizer, por exemplo, “desejo uma sociedade mais justa”, ou “desejo ser feliz”, ou “desejo ser livre”, ou “desejo fazer a vontade de Deus”, significa que não há uma realização imediata e completa desse desejo. O desejo é mais do que sua expressão oral ou escrita. O desejo é sempre mais do que a forma de senti-lo. Ele guarda uma dimensão simbólica que nos permite apenas, de certa forma, delinear em pensamentos o mundo no qual desejaríamos viver. Desejamos aquilo que não temos ou aquilo que ainda não existe. E nosso desejo precisa ser continuamente interpretado porque é móvel, ou seja, muda conforme as novas situações e desafios. Quando dizemos “buscamos a liberdade”, temos que tentar expressar no claro e obscuro de nossos desejos o que para nós significa a liberdade. Nenhum desejo pode ser completamente satisfeito. Há sempre algo diferente do desejado porque estamos sempre à mercê do conflito de opiniões, desejos e interpretações. Apenas a morte individual é capaz de extinguir tanto a necessidade quanto o desejo. Entretanto, é bom notar que a necessidade individual não pode ser herança deixada aos outros. Não

podemos deixar nossa fome individual como herança. Mas podemos deixar, como herança, nossos desejos ou nossos sonhos de justiça ou nossas utopias que serão transformadas em seguida pela subjetividade dos herdeiros. Os desejos podem tocar em certa universalidade. Por exemplo, falamos em realizar “os desejos de justiça de Jesus” ou “continuar o processo revolucionário pensado por Marx, até chegarmos à superação das classes sociais”.

No fundo, muitas pessoas religiosas pertencentes a diferentes credos pensam poder reproduzir em sua vida a vida daqueles que tomam como referência divina. Por isso, pode-se dizer que, do ponto de vista social, político e religioso, podemos viver um processo de nos considerarmos herdeiros dos que fundaram nossa religião ou dos líderes que encabeçaram o movimento político e social ao qual pertencemos. É desse processo que construímos as tradições religiosas e as tradições políticas. É também desse processo que continuamos dizendo que realizamos a vontade de Deus descoberta na Bíblia e na História. Sem dúvida, é um processo muitas vezes paradoxal e cheio de contradições inevitáveis. Mas sabemos bem que ninguém pode reproduzir em si a vida de ninguém e que os processos históricos do passado não voltam a acontecer da mesma forma. Somos criadores de nosso presente e recriadores de nossas tradições.

Nas lutas sociais, como assinalei anteriormente, as necessidades e os desejos se misturam e se afirmam como elementos e como direção de um mesmo processo. O desejo exige não só uma direção, mas uma prática para que possa ser traduzido em ações, para que possa efetivar-se na história presente. Por essa razão, costumamos falar de *hermenêutica do desejo*, ou seja, da arte de interpretar os nossos desejos, de tentar entendê-los no presente imediato de nossa história. Nossos desejos são como textos que precisam ser interpretados e reinterpretados. Cada nova situação exige uma nova interpretação. Nossa vida e nossos sonhos são como textos que escrevemos individual e coletivamente. Precisam, como qualquer texto literário, ser situados, datados e interpretados nas suas circunstâncias próprias. Da mesma forma exigimos uns dos outros um aprendizado de leitura e

compreensão de nossos desejos para não correr o risco de nos iludirmos com aquilo que julgamos ser nosso desejo atual, mas que na realidade é um desejo de outro grupo vivendo em situações bastante diferentes. O desejo do outro ao qual damos autoridade pode muitas vezes obscurecer nossa real visão do presente. E, sem percebermos, acabamos valorizando mais os projetos do passado e não os desafios de nosso presente, ou ainda a vontade de um líder do passado e não do povo no presente. O desejo humano é mutável como todas as coisas e, além disso, o mesmo desejo pode se expressar de diferentes maneiras, segundo as pessoas, os grupos e as situações. Por essa razão é bom refletirmos um pouco sobre a polissemia do desejo humano e perceberemos que nessa polissemia também está presente aquilo que chamamos de desejo de Deus.

## *2.2. O caráter polissêmico de nosso desejo*

Polissemia significa pluralismo ou pluralidade de sentidos, de conteúdos e de interpretações. Dizer que nosso desejo é polissêmico é afirmá-lo como plural, mesmo quando dizemos que temos um único desejo de, por exemplo, “conquistar a igualdade social”, ou mesmo que “desejamos Deus”. E isso, sem dúvida, porque somos indivíduos cada um com sua subjetividade única, apesar da busca de comunhão entre nós. Nosso desejo é cheio de conflitos e esses se mostram de diferentes maneiras: nos conflitos pessoais com nós mesmos, nos conflitos familiares, nos conflitos sociais, econômicos, políticos e religiosos. É no palco da vida que nosso desejo aparentemente individual e único se mostra na sua polissêmica multiplicidade. À primeira vista, nossos desejos são todos bons para nós, mas à medida que vamos vivendo podemos captar a destruição presente em alguns de nossos desejos, o caráter violento de outros, o desejo de eliminar quem compete com eles e assim por diante. Não só meus limites limitam meu desejo, mas também o desejo dos outros entra em confronto com o meu. Caim eliminou Abel porque não podia suportar os privilégios do irmão mais novo. Em Caim percebemos em nós o mau desejo, aquele que é capaz de nos tornar fraticidas. E, muitas vezes, a cumplicidade com a morte dos outros não é percebida

no início do caminho, mas no meio. Da mesma forma, a cegueira em relação ao desejo do outro e a urgência de querer realizar nosso desejo imediato nos impossibilitam de reconhecer no outro nosso semelhante. Em nosso desejo, ou melhor, no seu caráter obscuro e contraditório, originam-se os conflitos, as guerras, a competição desenfreada do lucro sempre em benefício próprio. Por isso, não podemos mais ser ingênuos em relação a nós mesmos. Cada um é para si mesmo e para os outros uma armadilha mortal, caso não estejamos atentos e tentando nos ajudar mutuamente a não tornar as forças de morte mais importantes do que a vida. Tudo isso não é fácil no dia a dia de nossas ações e múltiplos interesses. Por isso, “vigiai e orai”, para não serdes assassinos uns dos outros, para não permitir que meu ego suprima a liberdade dos outros.

O desejo nos abre para múltiplas aspirações, muitas vezes previstas e muitas vezes imprevistas. O mais elementar desejo que está em nós é o desejo de ter proteção e cuidado. Se não somos cuidados desde pequenos, se não nos protegem, perecemos imediatamente. Este desejo vai continuar presente ao longo de toda a nossa vida, muito embora com formas e intensidades diferentes. O desejo sexual, embora bastante individualizado na sua forma e intensidade, também parece constitutivo do ser humano. É como se algo em nós quisesse experimentar satisfação, alívio e fusão em outro corpo. É como se a sexualidade despertasse o sentimento de incompletude, de desejo de proximidade, de unicidade. Por isso Platão falava do mito andrógino, ou seja, quando habitávamos o mundo dos deuses éramos dois em um. Éramos um único ser fusionado, embora constituído de duas partes. Caímos do Mundo das ideias para a materialidade da terra, mas continuamos buscando a parte da qual nos separamos. Reinterpretando esse mito, numa outra chave de leitura, podemos dizer que somos visceralmente necessitados da presença dos outros, apesar dos conflitos e das diferentes formas de violência que instituímos uns contra os outros.

Outro desejo que está presente em nós e pode ser acordado de diferentes maneiras é o desejo de justiça e de liberdade. Não suportamos que nossa vida pessoal seja subjugada por outros e de certa forma

estamos continuamente reavivando em nós o desejo de expressarmos a nossa unicidade individual e, portanto, nossa autonomia. Não suportamos que nos oprimam e que nos rebaixem a seres inferiores. Esse desejo se reacende em nós e em nossa história coletiva de diferentes maneiras.

A polissemia do desejo em nós, seres humanos, é um processo em contínua evolução, visto que a vida em nós evolui continuamente. Do ponto de vista filosófico, podemos dizer que os conflitos em nosso desejo aparecem de forma especial no conflito entre nossa finitude e nosso desejo de infinitude. A consciência da morte no interior do processo evolutivo criou em nós sofrimentos e temores além do desejo de infinitude. Pensar que a vida individual se acaba é tremendamente doloroso e, por isso, de alguma maneira, nos lançamos na aventura da infinitude de nosso desejo. Necessitamos da infinitude para contrabalançar a fragilidade de nossa finitude. E mais, necessitamos da infinitude para limitar a vontade de possuir o outro, de eliminar seu desejo, seu direito, o espaço que ocupa e que pode interferir no meu espaço. É dessa experiência que nasceram as doutrinas sobre a imortalidade, a ressurreição, a infinitude de Deus e outras.

A história humana é o conflito da polissemia de desejos e necessidades, cada um tentando buscar, impor, eliminar, se apossar uns dos outros. A partir de nossos desejos, construímos ideologias, acreditamos nelas e passamos a fazer delas nossa verdade. A luta de classes, a luta entre as etnias, entre os sexos, entre partidos políticos, religiões fazem parte da grande epopeia do desejo humano. Mais uma vez, a polissemia do desejo é a diversidade de sons, de sentidos, de expressões de nosso desejo. São o claro-escuro, sombra e luz, escravidão e liberdade, paixões e contradições que constroem nossa existência. Tudo isso nos convida a uma atenção particular à diversidade de desejos e formas de provisória realização. É nesse momento que cabe uma breve reflexão sobre o desejo feminino e o desejo masculino. Não são desejos que se excluem, nem radicalmente diferentes, mas, dada a afirmação das várias identidades, tendo por base o biológico culturalizado “masculino e feminino”, precisamos

esboçar uma breve reflexão para afirmarmos as diferenças históricas na manifestação feminina e masculina do desejo de Deus.

### *2.3. A diversificação entre o desejo masculino e o feminino na tradição cristã*

Em tempos de crescimento do feminismo, começamos a nos perguntar se existem diferenças entre o que se pode chamar de desejo masculino e desejo feminino. Isso porque não nos parece possível captar o desejo em geral, mas apenas o desejo vivido dentro dos limites de nossa diferenciada condição humana. Em outros termos, estamos sendo desafiados a tentar captar uma história do desejo humano, nas suas diferentes expressões. Dizer apenas masculino e feminino é sem dúvida dizer algo muito genérico, visto que sabemos o quanto esses conceitos são ambíguos e não dão conta da complexidade da subjetividade humana. Entretanto, no atual contexto dessa reflexão, temos que, de certa forma, nos contentar com algumas generalidades, com o preciso intuito de mostrar a complexidade do desejo humano e a complexidade maior da construção de nossa subjetividade. Minha intenção é me situar na chave do desejo religioso, e mais especificamente a partir do Cristianismo, visto que é nesse caldo religioso que a maioria de nós nasceu e se afirmou como pessoa de desejo. Tentarei apresentar uma descrição mais ou menos relacional e interdependente entre o masculino e o feminino, embora, dada a minha condição de mulher, privilegie mais o feminino.

Na tradição patriarcal cristã, o desejo dos homens e das mulheres deve se submeter a um desejo maior, ou seja, o desejo divino. Este parece situar-se para além dos desejos humanos e, em algumas vezes, até oposto aos desejos humanos. Em outros termos, afirmamos que Deus tem vontades ou Deus tem desejos sobre nós. Por isso se reza “Senhor, que eu faça a tua vontade” ou “Que eu realize o teu desejo”. Dentro da tradição hierárquica patriarcal, há ALGUÉM diferente e acima de nós, que conhece melhor a nossa vida e os rumos que deve seguir. É como se, de antemão, os dados de nossa existência já estivessem lançados e nosso trabalho fosse o de descobrir por que caminhos andar, para descobrir e seguir o jogo feito de antemão. Por

isso também perguntamos na oração: “Senhor, qual é a TUA vontade sobre mim”? Vivemos como se nossa pequena vontade fosse submetida a uma vontade maior, que conhece e dirige tudo. É como se jogássemos uma partida desigual: de um lado, um Jogador que conhece as regras, o começo, o meio e o fim do meu jogo pessoal e, de outro, *eu*, na tentativa de acertar. É um jogo de poderes e de conhecimentos desiguais. Mas, apesar dos limites dessa analogia, podemos dizer que, de certa forma, nos comportamos, sobretudo no passado, mais ou menos assim.

Como sabemos, para a grande maioria dos grupos cristãos, a imagem histórica de Deus, o único conhecedor absoluto de meu jogo, é tradicionalmente masculina. Isso significa não só que nos relacionamos com uma imagem masculina de Deus, mas que o fundo do desejo humano é apresentado na religião cristã como masculino ou habitado por uma presença de expressão psíquica identitária masculina. É a esse equívoco que o feminismo e, em particular, a teologia feminista tentou contestar e responder. Vale contar algo dessa complicada história cheia de lados obscuros.

Na tradição cristã patriarcal, nosso desejo pessoal, particularmente das mulheres, deveria desaparecer para fazer aparecer o desejo de um OUTRO, um desejo maior, poderoso e do qual dependemos. Por isso, o pedido de muitos fiéis, e entre eles de muitas mulheres, era que o desejo de Deus se faça em nós. A realização do desejo de Deus era uma garantia para que as coisas caminhassem como deveriam, para que a história seguisse um rumo de verdade e felicidade, e que nós não nos sentíssemos perdidas com a polissemia de nossos desejos. Por isso, muitas catástrofes foram interpretadas como castigos divinos pelos desregramentos de um ou de vários grupos. O desejo do OUTRO, do Deus maior e mais poderoso do que tudo o que existe, é a garantia para uma vida harmoniosa, visto que ele conhece melhor do que nós o que nos faz bem. Temos que acolher seu desejo, mesmo que muitas vezes ele seja contrário ao nosso. Mas, a grande questão sempre foi a de saber como conhecemos o desejo de Deus? Quem nos traz o conhecimento desse desejo ou dessa vontade soberana? A resposta que podemos tirar da história cristã é que sempre houve

mediadores que se encarregavam de explicitar a vontade divina; estes eram os homens e, de maneira especial, o clero. Esses homens eram munidos de um pensamento filosófico e religioso que entendia o mundo a partir de dualidades hierarquizadas que se opunham. Assim, havia o céu e a terra, a natureza e a cultura, a vontade de Deus e a vontade dos homens, a força dos homens e a fraqueza das mulheres, e assim por diante.

Nós mulheres éramos sempre consideradas a parte fraca e, portanto, facilmente nosso desejo podia ser colonizado pelo masculino e, sobretudo, por Deus, de cara histórica masculina. Desenvolvemos uma desconfiança em relação a nós mesmas, ao nosso desejo e às nossas necessidades e poderes. Começávamos a nos considerar quase ontologicamente inferiores aos homens e, sem dúvida alguma, quase nada diante de Deus. Todo o nosso esforço era o de descobrir o desejo do Outro, daquele que representava o soberano bem e a soberana verdade. Queríamos apagar os traços de nosso desejo tão corpóreo, tão inferior e tão terreno para poder provar, já nesta terra, das delícias espirituais, dos manjares celestiais. À força de querermos fazer a vontade de Deus, muitas vezes fomos acometidas de angústia, de depressão, num insano combate entre aquilo que chamávamos de alma e nosso pobre corpo faminto de pão e de afetos. Não se esqueçam de que me refiro aqui às mulheres que viviam segundo os ditames da religião cristã. Apesar da cultura patriarcal, nem todas foram submissas a essa ordem hierárquica. E as exceções são hoje inspirações para muitas de nós.

Toda a dinâmica que nos foi culturalmente imposta e que aceitamos como nosso destino é que precisávamos tentar sempre de novo ser perfeitas, como Deus é perfeito, sem entender bem o significado dessa ordem. A onipotência que atribuíamos a Deus deveria ser vivida por nós em nível de nossa vida espiritual e material. Por isso os sacrifícios físicos, os sofrimentos para matar nosso próprio desejo eram considerados em algumas formas de vida espiritual como caminhos de aproximação de Deus. Em outros termos, queríamos de certa forma nos igualar a Deus puro espírito! Nossa pretensão nos levou a muitos estados de doença psíquica e de comprometimento físico. Chegar até o desejo de Deus pela negação de nosso próprio

desejo era o caminho mais ou menos imposto às mulheres. E, por isso mesmo, até as mães de família e esposas também deveriam se esquecer de si, para estar totalmente a serviço do esposo e dos filhos. Não foram poucas as “Amélias, mulheres de verdade” que deveriam levantar cedo, cumprir todas as tarefas do lar e estar prontas para servir a seus deuses e senhores ao anoitecer.

O árduo caminho espiritual das mulheres nas diferentes tradições cristãs é um caminho para pensar a diversificação de nosso desejo, a partir de uma visão das *relações de gênero*. Sabemos o quanto o clero teve uma função importante na educação do desejo das mulheres. Foram eles os orientadores, os confessores, os diretores espirituais, os representantes da vontade divina. Foram eles que as ajudaram a não ter desejos pessoais, mas a se submeterem à ordem familiar e social vigente, para que a vontade divina se realizasse nelas. Por isso, muitas não hesitaram em crucificar de muitas maneiras seus corpos no altar de suas casas, de suas famílias, dos conventos e da Igreja. O desejo de Deus se traduzia assim nas diferentes formas de submissão das mulheres à ordem patriarcal dominante.

Apesar das muitas rebeliões femininas do passado, foi o feminismo do século XX que, de uma maneira significativa, denunciou a ideologia do desejo de Deus e colocou as mulheres na pista do encontro com seu próprio desejo. O feminismo expresso de diferentes maneiras em nossa cultura foi uma das fontes de identificação e de libertação de nosso desejo. Dizer isso significa que conseguimos colocar-nos a caminho na direção da descoberta de nossas muitas identidades e desejos. Libertação como capacidade de ousar, sentir-nos e vivermos diferentemente da ordem estabelecida, embora dentro de uma realidade de muitas facetas interdependentes.

Libertar o desejo feminino através do próprio esforço das mulheres é captar a existência de um novo referencial de vida cultural, social e religiosa para as mulheres e, em consequência, também para os homens. Tomamos consciência de que a submissão religiosa de nosso desejo ao desejo de Deus todo-poderoso, com rosto histórico masculino, foi igualmente expressão de nossa cidadania diminuída, tanto na sociedade quanto nas instituições religiosas. E mais, anulou ao longo

da história de muitas culturas a dimensão sagrada das outras formas de vida cultuadas como sagradas. O antropocentrismo e androcentrismo estão sendo abalados. Eles, que nos deixaram nos esquecer de nossa irmandade com todos os seres vivos, vêm desafiando a compreensão que temos de nós mesmos. Hoje começamos a acordar e todo acordar da consciência é penoso, lento e inconstante. Nosso corpo precisa se ajustar às novas crenças e talvez outras palavras precisem ser criadas, para expressar a nova invenção que estamos fazendo de nós mesmos. Hoje, nos lembramos de outro jeito de que somos água, terra, ar e fogo, e que somos uma das muitas expressões da Vida que segue seu curso criativo de forma interdependente. Devemos ao movimento ecológico e às ciências físicas e astrofísicas essa abertura a uma nova compreensão dos seres vivos. Tudo respira da mesma respiração, tudo vive da mesma energia em ritmos semelhantes e ao mesmo tempo diferenciados. A complexidade e a simplicidade nos envolvem. O um e o múltiplo nos habitam. Não estaria toda essa intensa modificação do mundo e da compreensão dos seres humanos modificando nosso desejo religioso? A resposta é afirmativa e é, por essa razão, que muitas e muitos dentre nós já não conseguem se satisfazer com as respostas dogmáticas e patriarcais dadas ao nosso desejo de Deus.

Mulheres e homens estão vivendo processos de saída lenta da obediência a uma lei sobrenatural acima de nós, uma lei mediatizada pelas hierarquias terrestres e particularmente por aquelas que comandam as religiões. Já não conseguimos acolher uma única interpretação dos textos sagrados de nossas tradições. Fazemos hermenêuticas, a partir de nossa própria situação, para tentar resgatar outro universalismo menos vertical e menos elitista. Esse universalismo é agora um universalismo plural, que deseja permitir a cada um e cada uma que se expressem em sua própria língua, que falem de sua verdade e que, em consequência, não se submetam a uma ordem preestabelecida, considerada a única expressão da Fonte da Vida. O respeito exigido às diferentes apreensões do real em nós e fora de nós exige uma compreensão plural de nós mesmos. Essa compreensão não é predeterminada ou preestabelecida pela lei de um único Deus Pai todo-poderoso, mas pelo respeito à expressão plural da vida em nós e pelas escolhas que

vamos fazendo em favor do bem comum. É a diferença que nos une, embora seja fonte de conflitos. E diferença não significa permissividade, competição violenta, mas consciência crescente da necessidade de mudar nossas relações, de forma a favorecer relações sadias e solidárias. Essa diferença se torna uma espécie de lei interior, que nos leva a regulamentar na sociedade e nas comunidades com referência religiosa o respeito às nossas diferenças. Sem dúvida, essa proposição parece para muitos inviável, visto que estamos habituados com a Lei do Pai, lei que é nossa tradição comum e tradição individual de nosso corpo. Sem a Lei do Pai, nos sentimos perdidos. Sem as hierarquias que mantêm a sociedade e dominam até o nosso desejo interior, não saberíamos viver e temos até a impressão de que pereceríamos. Mas a questão da hierarquia não pode mais ser a hierarquia dos privilégios sociais, de gênero, de raça ou religiosos, mas a hierarquia dos valores que promovam a vida da coletividade constituída de individualidades.

Em tempos de destruição de importantes formas de vida, de destruição dos seres humanos por eles mesmos, não é chegado o momento de começarmos a aprender a viver de forma diferente? Há sinais que indicam essa possibilidade. Basta estar atentos para o que acontece no nosso meio e perceber os esforços para resgatar uma qualidade de vida, para além do consumismo e das formas hierárquicas tradicionais. Sem dúvida, esses esforços não são homogêneos e majoritários. Mas as grandes mudanças começam pelas pequenas, motivadas pela consciência da necessidade de reorganizar nossas vidas e relações.

Mulheres e homens de hoje, a partir de relações marcadas pela diferença e pela igualdade, queremos expressar a tradição cristã como um novo *humanismo inclusivo*. Acreditamos na importância de continuar na tradição do Movimento de Jesus, vivendo a misericórdia, a justiça, a compaixão e a solidariedade como expressões do amor que dá força às nossas vidas. Apostamos que esses valores recriados a partir das novas situações de vida são capazes de continuar nos ajudando a construir novas relações sociais. E, finalmente, podemos dizer que nosso desejo profundo ou desejo de Deus, nutrição

e repouso na Fonte da Vida na qual existimos e somos não significa uma harmonia ou um estado de felicidade suprema, sem dúvida inexistente. Buscamos apenas educar em nós o sentido do outro, da outra, dos outros semelhantes e diferentes, todos nós viventes e mortais, ensaiando cada dia um novo passo na complexa aventura que é viver. Somos desejo dessa Fonte que nos sustenta, desejo que necessita ser ternamente reinterpretado, no momento mais importante de nossa história: HOJE.

Tudo isso nos leva a esboçar algumas frágeis intuições sobre nossa busca de Deus.

#### *2.4. A busca de Deus: frágeis intuições partilhadas*

A humanidade sempre buscou expressar de alguma maneira o fascínio e o temor diante da criação da qual é parte integrante. Todas as culturas tentaram não só entender nossas origens, mas as origens do mundo em que vivemos. A imaginação criativa em relação às desconhecidas origens foi pródiga na criação de mitos que tentavam, ao menos provisoriamente, explicar aquilo que se vivia, sem poder entender. E o que não entendemos tem sem dúvida alguma força sobre nós. Vivemos durante séculos convivendo e nos alimentando desses mitos. E continuamos ainda, embora hoje estejamos num outro momento dessa longa história. De certa forma, não ultrapassamos os antigos conflitos entre as ciências e as religiões, mas estamos vivendo com eles novas aproximações repletas de novos sentidos e novas esperanças. Começamos a perceber que ciência e religião expressam, cada uma à sua maneira, dimensões da vida humana e que não necessariamente precisam se excluir. Mas isso à condição de respeitarmos a especificidade de cada campo e de abriremos um frutuoso diálogo entre eles. É nessa perspectiva que hoje ciência e religião entram numa nova aventura dialogal, cada uma tentando expressar e delimitar seu terreno. Cada tentativa de explicação apresenta seus limites devidos ao ponto de partida, instrumentos e finalidades que há para além das diferentes subjetividades que atuam nas diferentes áreas. No fundo, cresce em todos nós a consciência de que cada campo, à sua maneira, tenta entender e expressar algo sobre nós e sobre o mundo, de forma

provisória e limitada. Cada nova geração de certa forma refaz esse caminho em busca de suas origens e na afirmação dos sentidos que dá a vida. Cada nova teoria científica e interpretação religiosa expressam as motivações do tempo e das subjetividades que intuíram através de tal ou qual aproximação. Cada uma delas expressa curiosidades, entusiasmos e intuições sobre as maravilhas do universo e da vida dentro de suas limitações próprias.

Não seria essa curiosidade sobre nossas origens, assim como nossos temores diante da morte, a origem desta “coisa”, “força”, “ser” que denominamos busca de Deus? Não seria essa espécie de medo ou ameaça à integridade de nossa vida a expressão mais originária de nossa busca de proteção ulteriormente denominada de busca de Deus? Não seria a necessidade de apaziguar as muitas angústias que assolaram nossa vida nas diferentes gerações uma das muitas pontinhas do complexo *iceberg* de nossa vida? Não seria também uma espécie de desejo de conhecimento total de tudo, tentação contínua da humanidade e a partir dela a resposta de que Alguém, um Deus, conhece esse TUDO? Nas referências religiosas do passado, Alguém deve conhecer tudo e esse conhecimento total seria uma das diferenças entre o que chamamos de Criador e as criaturas. Hoje falamos de evolução criativa progressiva e de conhecimento progressivo. Não pretendemos ter a ciência total, nem afirmamos que um Ser Superior a possui. Estamos aí, expostos e expondo-nos à maravilhosa fragilidade da vida. A busca de nossas origens e das origens do universo é revestida com uma enorme dose de humildade, reveladora de que o que sabemos nos permite viver sem certezas absolutas nesse momento único de nossa história pessoal e de nossa história comum. E mais, não necessitamos de certezas absolutas... Tanto a ciência como as novas releituras da fé cristã nos situam no provisório da vida, aguardando a manifestação do amanhã como surpresa da vida.

A busca originária expressa na busca das razões da vida e dos acontecimentos ainda habita nossa consciência, mas se transformou e se desdobrou em diferentes direções, expressando o pluralismo das religiões, das sabedorias de vida e ciências. E foi justamente na

observação diversificada e perspectivista de nossas vidas que se originaram as nossas variadas concepções sobre ela. Afirmamos leis e regras para sustentar a vida. Intuímos sentidos, construímos mitos e hipóteses científicas que nos acalmaram e suscitaram uma razoável tranquilidade em nós.

Divindades e explicações científicas, apesar de sua provisoriidade, ajudam-nos a viver e a não nos sentirmos totalmente expostos às nossas angústias e às intempéries do planeta Terra. Nossa busca de conhecimento expressa dessa forma uma espécie de consciente conexão com a Fonte de Vida que nos sustenta e sustenta o Universo. Mas, independentemente dessa conexão consciente, estamos nela e ela em nós. A consciência é um elemento importante, mas não a condição de estarmos vivendo na Fonte da Vida. Mais uma vez lembro que algumas pessoas chamaram essa Fonte Primordial e Atual de Deus. Outros lhe deram outros nomes, seguindo suas culturas e os pontos de vista a partir dos quais se situam no mundo. Por isso, podemos dizer que a afirmação da integridade de nossa vida expressa através de nossas lutas históricas, assim como da busca do respeito às diferentes formas de vida, é na realidade nossa busca de Deus, nome da FONTE de VIDA que sustenta nossas vidas de forma extraordinariamente bela e misteriosa. As tradições religiosas se inscrevem na busca por essa FONTE, começo, meio e fim do que existe. Mas, começo, meio e fim em movimento, em desdobramento contínuo e por isso mesmo fugindo a qualquer tentativa de posse, de dogma, de pretensão de verdade totalizante.

Tudo isso nos convida à simplicidade, à humildade e a uma atitude de respeito pelo muito que conhecemos e pelo muito que desconhecemos.

### **Concluindo:**

O título de nossa reflexão enunciado na primeira página termina com uma direção para a espiritualidade que deveria orientar nossa vida: *“a busca da justiça e da paz”*. Os itens que desenvolvemos acima foram, na realidade, tecidos com um sentido implícito de justiça e paz no interior mesmo de nossas relações cotidianas. Tentamos assim ul-

trapassar modelos preestabelecidos de justiça e de paz, especialmente os modelos economicista, bélico e sobrenatural. Colocamos a vivência da justiça e da paz como valores fundamentais para a convivência humana nos diferentes níveis de nossa vida cotidiana, de forma a abrir seu significado para a multiplicidade de nossas vivências culturais e religiosas. Assim, nossa busca de Deus passa a ser igualmente tecida com os valores de liberdade, paz e justiça, para que não nos deixemos manipular pelas ofertas disponíveis na sociedade de consumo, ofertas muitas vezes alienantes e que estão muito presentes em nossa realidade atual.

Estamos sendo convidadas/os a explicitar sempre de novo o sentido que damos à justiça e à paz. Esses valores considerados universais só têm consistência se forem explicitados nas mais variadas situações de nossas vidas. Justiça e paz não são apenas o final de uma guerra, não são apenas os tratados de paz assinados entre as nações, nem apenas a condenação de criminosos de guerra ou de criminosos comuns. Justiça e paz na perspectiva que desenvolvemos têm a ver com algumas sabedorias presentes em todas as culturas humanas e que muitas vezes repetimos sem nos darmos conta de que estas afirmações precisam ser vividas em nossas relações diárias:

- “ama o próximo como a ti mesmo”;
- “não faças ao outro o que não queres que te façam a ti”;
- “partilha o teu pão e teus bens”;
- “o bem que queres para ti mesmo e para tua família, faze-o aos outros”;
- “ama os teus inimigos e perdoa aos que te fazem mal”.

Não seriam esses sábios ditames algumas luzes que inspiram ensaios de vivências da justiça e da paz? Não seriam eles orientações para nossas vivências ordinárias e para as grandes vivências das nações, das economias, das políticas e dos processos educativos?

Na simplicidade desses sábios ditames encontramos a complexidade da vida e da constituição dos seres humanos sempre necessitados uns dos outros, para cuidar de nossa vida comum. Essa é sem dúvida uma tarefa sem fim... Por isso, a oração que chamamos “de Jesus”, o Pai-Nosso ou a Fonte da Vida, une necessidades e desejos, une o pão ao

perdão, o céu à terra, a tentação e o mal. Nossa vida é essa complexa mistura vivendo da mesma e única Fonte de Vida se expressando em multiformes realidades.

Termino esse texto com um belo versículo do profeta Miqueias:

Homem, eu já te expliquei o que é bom, o que o Senhor deseja de ti:

Que defendas a justiça e ames a lealdade, e que sejas humilde com teu Deus. Quão acertado é respeitares a ti mesmo (Mq 6,8).

Em termos contemporâneos, diríamos “caminha com integridade na mesma Fonte de Vida”, para que as vidas sejam respeitadas e amadas, pois cada uma/um de nós é um na mesma Fonte de Vida que está em todos.

## QUESTÕES:

1. Por que é importante refletir sobre a relação entre necessidade e desejo? Como isso nos ajuda a intuir algo de nossa busca de Deus hoje?
2. Como podemos afirmar que a ciência e a religião nos ajudam a manter uma espiritualidade orientada para a materialidade da vida?
3. Que afirmações presentes nos Evangelhos confirmam Deus como Fonte de Vida? Partilhar algumas experiências nossas que expressam experiências semelhantes.

## BIBLIOGRAFIA

- GEBARA, Ivone. *O que é Teologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O que é Teologia Feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O que é Cristianismo*. São Paulo, Brasiliense, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Vulnerabilidade, Justiça e feminismo. Antologia de Textos*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.
- GLEISER, Marcelo. *A dança do Universo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- RAMÓN, Lucía. *Queremos el pan y las rosas*. Madri: Hoac, 2011.



III

Seção pastoral



## 5.

### FRATERNIDADE E SAÚDE PÚBLICA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2012

*Pe. Luiz Carlos Dias<sup>1</sup>*  
*Dr. André Luiz de Oliveira<sup>2</sup>*

#### Introdução

Em 2012, com o tema “Fraternidade e Saúde Pública”, a Campanha da Fraternidade toca diretamente em uma problemática que manifesta, de modo evidente, uma das grandes fragilidades das políticas públicas do Estado brasileiro. E trata-se de uma questão crucial à própria vida, pois o desrespeito ao direito à assistência de saúde digna e eficiente, assegurado pela nossa Constituição a todos os cidadãos e cidadãs, coloca em risco muitas vidas.

A temática nos convida a empreendermos uma séria reflexão sobre o SUS, fruto de uma bela história de lutas por melhorias na saúde pública do Brasil, pautado por princípios diretores e organizativos, que o posicionam entre os mais bem elaborados pelos governos que procuram apresentar proposta de saúde pública de caráter universal.

No entanto, os problemas atuais verificados no SUS servem como exemplo de como, em nosso país, demanda muito tempo para se concretizarem as políticas públicas, mesmo as essenciais para a vida, como as do atendimento da saúde da população. Na maioria das vezes, as

---

<sup>1</sup> Pe. Luiz Carlos Dias, presbítero da Diocese da São João da Boa Vista, onde trabalhou na formação sacerdotal e outras pastorais. Fez a graduação dos cursos de Filosofia e de Teologia no CEARP, em Ribeirão Preto, e mestrado em Filosofia na PUG, em Roma. É o atual Secretário Executivo Nacional da CF e CE, na CNBB.

<sup>2</sup> André Luiz de Oliveira, médico, cirurgião geral do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia e do Hospital Municipal de Uberlândia; mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia e coordenador nacional da Pastoral da Saúde. Representante da CNBB no Conselho Nacional de Saúde e membro da Equipe de Apoio à Pastoral da Saúde do DEJUSOL do CELAM.

melhorias se efetivam após duros embates e ao custo de muitas vidas inocentes, como acontece com o SUS. O intuito desta Campanha é contribuir para a melhoria do nosso sistema de saúde pública.

Ao tratar da saúde e da doença, realidades que tocam a vida das pessoas, das famílias e da sociedade em geral, impondo a todos esses níveis, grandes limitações e dificuldades, esta Campanha também quer oferecer uma palavra de esperança, em relação ao tema do sofrimento humano, especialmente na doença.

Se hoje a experiência do sofrimento assombra ainda mais, pode se tornar um momento de aprofundamento e crescimento humano para a pessoa e a sociedade, desde que essa experiência seja bem conduzida. Por isso, o tratamento da saúde, de alguma forma, sempre contou com a colaboração das religiões. Eis uma oportunidade para se aprofundarem os laços entre as religiões, exercitando o sadio ecumenismo em ações em prol do ser humano em situação de fragilidade e necessitado de cuidados que extrapolam o tratamento oferecido pela medicina.

Diante disso, este artigo propõe introduzir a reflexão sobre o sistema de saúde pública em nosso país, mostrando seus ideais e princípios, como suas limitações e caminhos a percorrer, para se tornar eficiente, facilitar o acesso e proporcionar bom atendimento aos usuários.

No entanto, primeiramente será apresentada uma breve abordagem da dura realidade do sofrimento humano, cuja resposta aos questionamentos que suscita se encontra em Jesus Cristo. Ele é por excelência o Bom Samaritano que nos amou a todos ao se fazer solidário a nós ao sofrer na cruz e lançar luz definitiva a todo sofrimento com sua ressurreição.

Com esta Campanha, a Igreja no Brasil espera servir o nosso povo contribuindo para que “a saúde se difunda sobre a terra” (cf. Eclo 38,8), lema que aponta para o objetivo que visa alcançar.

## **1. A dádiva da vida, a saúde e a doença**

A vida é uma grande dádiva. No entanto, o ser humano, em sua jornada existencial, se depara com situações e fatos que o desafiam. O sofrimento, as doenças e a morte são exemplos dessas realidades

duras e desafiadoras, pois se constituem em ameaças à vida mesma e contrariam os naturais anseios de uma vida com bem-estar, uma obsessão em nossos dias.

Essas realidades desafiadoras que provocam sofrimentos e dores levam o ser humano à percepção de sua fragilidade e, normalmente, à procura por auxílio. No caso de quem adoece, isso é evidente, pois, para recobrar a saúde, precisa de cuidados de outros. Certamente, essa experiência nos ajuda a entender o fato de as línguas antigas utilizarem um mesmo vocábulo para expressar tanto saúde como salvação, como encontramos no latim *salus*.

Nesse sentido, a doença é, por excelência, um apelo à fraternidade e à solidariedade. É uma realidade que atinge a todos, não poupa a juventude, nem os que têm melhores condições de vida. E o sofrimento de uma pessoa quando enferma se constitui em oportunidade para o exercício do cuidado do outro. A solidariedade em momentos como esse se faz necessária, pois tais gestos aliviam e consolam quem é acometido pelo sofrimento.

## 2. O horizonte do sofrimento

A compreensão cristã sobre a vida é otimista, entende que o homem é destinado à alegria, apesar de se deparar com variadas formas de sofrimento e de dor.<sup>3</sup> Essas experiências são diversas em sua natureza: moral ou psicológica, provenientes de flagelos sociais ou de catástrofes naturais e provocadas por doenças. Esses últimos sofrimentos, pela constância na vida dos homens, despertam grande anseio de libertação: “Entre os sofrimentos, os provocados pela doença são uma realidade constantemente presente na história humana, tornando-se, ao mesmo tempo, objeto do profundo desejo do homem de se libertar de todo o mal”.<sup>4</sup>

Diante disso, é significativo que os Evangelhos mostrem a solicitude do Senhor para com as pessoas doentes e sofredoras: “Por isso, o

---

<sup>3</sup> Cf. ChL, n. 53.

<sup>4</sup> Congregação para a Doutrina da Fé. *Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura*. São Paulo: Paulinas, n. 3, p. 5.

Senhor, nas suas promessas de redenção, anuncia a alegria do coração ligada à libertação dos sofrimentos” (cf. Is 30,29; 35,19; Br 4,29). Ele é, de fato, “aquele que liberta de todos os males” (Sb 16,8).<sup>5</sup>

E suas ações em benefício desses enfermos, com inúmeras curas, foram dos sinais mais eloquentes da manifestação da presença do Reino de Deus na história. Tanto que a cura dos enfermos foi inserida entre as principais atividades de Jesus, juntamente com o ensino nas sinagogas, o anúncio da Boa-Nova do Reino. E o Senhor curava toda espécie de doença e enfermidade das pessoas com as quais se encontrava ou o interpelava, sem nenhuma discriminação (Mt 4,23-25).

Nesse sentido, vemos nos Evangelhos que as ações de Jesus em relação aos doentes são de um exemplar ecumenismo. Atendeu a todos, não se detendo aos doentes do território de Israel. Curou tanto os de dentro de Israel, como os de fora, desde o leproso samaritano, o único que voltou para agradecer (Lc 17,11-19), até os considerados “pagãos”, como a mulher cananea que intercedia por sua filha (Mt 15,21-28) ou o centurião romano, que pedia pelo seu servo (Lc 7,1-10).

Enfim, curou a todos em suas enfermidades, a ponto de transformar esse seu ministério em sinal messiânico, na resposta aos discípulos de João Batista, que o mandara interpelar desde a prisão: “És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?”. Em resposta, disse Jesus: ‘Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: cegos recuperam a vista, paralíticos andam, leprosos são curados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e aos pobres se anuncia a Boa-Nova’” (Mt 11,3-5).

### 3. A Igreja e os doentes

Continuadora das ações do Mestre, a Igreja sempre teve grande apreço pelos doentes e enfermos. Recentemente o Papa Bento XVI afirmou: “A Igreja, à qual é confiada a tarefa de prolongar no espaço e no tempo a missão de Cristo, não pode desatender estas duas obras essenciais: a evangelização e a cura dos doentes no corpo e no espírito”.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> *Idem. Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura.* São Paulo, Paulinas, n. 3, p. 5.

<sup>6</sup> Papa Bento XVI. Discurso na celebração do dia mundial do doente. *L'Osservatore Romano*, 13/02/2010.

A ação evangelizadora da Igreja é sua razão de ser. Ela é impulsionada pelo Espírito a testemunhar e anunciar a Boa-Nova da vida em Jesus Cristo e o Reino do Pai. Pois experimenta-se amada por Cristo que saiu de si e veio junto à humanidade marcada por situações de morte e pecado, fonte de dores e sofrimentos. Com gestos de alteridade e gratuidade, sobretudo em sua doação total na cruz, mostrando que o pecado só é vencido pela graça,<sup>7</sup> que gera a gratuidade e leva a responder ao mal com o bem.<sup>8</sup>

No centro desse anúncio se encontra o convite para que as pessoas tomem consciência desse amor vivificador de Deus, oferecido em Cristo morto e ressuscitado.<sup>9</sup> Nesse sentido, o discípulo missionário precisa estar enraizado em Jesus Cristo, em atitude de desprendimento e esvaziamento, para acolher e testemunhar o mistério divino como contínuo transbordar do amor do Pai pelo Filho, no Espírito.<sup>10</sup>

Dessa forma, a Igreja, comunidade constituída no amor e a serviço do amor, tem a caridade como sua grande tarefa. E como enfatizam as novas Diretrizes, mesmo tendo a mudança de época como o maior desafio a ser enfrentado, ela necessita trilhar o caminho do amor-serviço aos sofredores desta terra.<sup>11</sup> A interpelação advinda do outro que sofre constitui um caminho de convergência, para que neste auxílio haja integração de todas as formas de paixão pela vida, com o intuito de vencer os tentáculos da cultura de morte.<sup>12</sup>

Esse caminho foi indicado pelas Conclusões de Aparecida, para que a Igreja seja fiel à sua opção em prol da vida. Esta senda a conduz para as profundezas da existência, ou ao nascer e ao morrer, à criança e ao idoso, ao sadio e ao dever de cuidar dos enfermos. Aliás, as pessoas em situações como essas constituem autênticas catedrais do encontro com o Senhor Jesus.<sup>13</sup> Portanto, a evangelização e o cuidado

---

<sup>7</sup> Cf. DGAE, n. 12.

<sup>8</sup> Cf. Rm 12,17-21.

<sup>9</sup> Cf. DAp, nn. 347-348.

<sup>10</sup> Cf. DGAE, n. 16.

<sup>11</sup> Cf. DGAE, n. 27.

<sup>12</sup> Cf. DGAE, n. 67.

<sup>13</sup> Cf. DAp, n. 417.

dos doentes, além de se mostrarem autênticos deveres, edificam toda a comunidade eclesial.

#### 4. A experiência da Igreja ao se aproximar dos doentes

Existe o consenso de que o socorro ao ser humano em situação de sofrimento é um dever ético, pela dignidade da pessoa. Nesse debruçar-se sobre a dor humana, podemos entrever uma oportunidade singular para que as Igrejas façam uma bela experiência, dando as mãos no socorro aos necessitados. É um campo que pode, efetivamente, unir todas as religiões e também aquelas pessoas de boa vontade, mesmo as que não praticam nenhuma religião.

É uma causa humana por excelência e a parábola do bom samaritano nos convida a caminhar nessa direção. Os que deixam de socorrer o homem assaltado e ferido à beira da estrada são pessoas religiosas, um sacerdote e um levita, e quem o acode é um samaritano, considerado um inimigo religioso pelos judeus e um maldito aos olhos de Deus (Lc 10,25-37). Jesus transforma o samaritano em modelo para o cumprimento do mandamento do amor ao próximo: “Vai e faze tu também a mesma coisa” (Lc 10,37).

A Igreja, comunidade ouvinte da Palavra do Senhor, diante desse apelo, sempre procura se fazer samaritana, assumindo com solicitude o cuidado dos doentes. Entende não ser justo delegar o alívio do sofrimento dessas pessoas somente à medicina. E, em sua missão, por meio das pastorais que servem na área da saúde, como a Pastoral da Saúde, a Pastoral da Criança, a Pastoral da AIDS e a Pastoral dos Idosos, procura também responder às grandes interrogações da vida, que se colocam com mais intensidade em momentos de sofrimento e de morte, à luz da morte e ressurreição de nosso Senhor.<sup>14</sup>

Por meio da atitude de serviço e proximidade ao doente, a Igreja quer anunciar que Cristo foi solidário com a dura realidade do sofrimento humano, pois o assumiu sobre si com profundo amor, em livre obediência ao Pai. E realizou a redenção de todo o gênero humano, ao

---

<sup>14</sup> Cf. DAp. n. 418.

assumir a paixão e morte de cruz, e carregar sobre si todos os pecados, para cancelá-los e vencer todos os males, ressuscitando.

Desse modo, o sofrimento redentor de Cristo leva o homem a reencontrar-se com seus próprios sofrimentos. E, com a luz intensa advinda da ressurreição, o que sofre vislumbra um caminho de vida em meio às trevas dos sofrimentos, uma boa notícia para todos, especialmente para os doentes e moribundos.

## 5. Nova terra e novo céu, a bela imagem de Ap 21

A Igreja, com esse testemunho e anúncio, ao longo de sua história, suscitou entre os homens, de maneira nova e profunda, a capacidade de vivenciar de diversos modos os sofrimentos, o que é decisivo para a “humanização da humanidade”. Pois, como disse nosso Santo Padre, “a grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre”.<sup>15</sup>

Se é justo todo o empenho para superar o sofrimento, mesmo com a consciência de que não é possível eliminá-lo totalmente, a atitude de fuga dessa realidade dolorosa não contribui para o amadurecimento do ser humano, nem para se criar uma rede de solidariedade ao redor dos que sofrem.

No entanto, essa capacidade de sofrer encontra-se estreitamente relacionada à natureza da esperança que o ser humano alimenta em si.<sup>16</sup> Nesse sentido, encontramos um anúncio no Livro do Apocalipse que responde aos mais profundos anseios da humanidade diante dos sofrimentos e da própria morte: “A morte não existirá mais, e não haverá mais luto, nem grito, nem dor, porque as coisas anteriores passaram” (Ap 21,4). A resposta se completa com a bela expressão apocalíptica “um novo céu e nova terra”. É uma imagem densa de esperança de vida que supera as dores, o sofrimento e a morte, pois o homem é mortal, mas nascido para a eternidade.

---

<sup>15</sup> Cf. SS, n. 38.

<sup>16</sup> Cf. SS, n. 39.

Essa passagem do Apocalipse fortalece a Igreja em sua missão, pois tem a garantia do Senhor que assegura: “Eis que faço novas todas as coisas”. E faz novas todas as coisas por sua ação de doação gratuita à humanidade, a qual é incessante e contínua, atualizada na Eucaristia e na vida dos que se fazem autênticos discípulos missionários de Jesus Cristo. Assim, o Reino de Deus se torna presente na história e na sociedade, pois o novo céu e a nova terra começam já, mesmo que não encontrem acabamento perfeito nos meandros da história.

E o cuidado do ser humano enfermo é um dos melhores caminhos a ser percorrido pela Igreja para uma efetiva colaboração no crescimento do Reino. A doença simboliza a situação humana de dores e sofrimentos, que tomam forma na vida e na história, quer pela injustiça de nossas ações, quer pela fragilidade de nosso ser. Assim, a doença pode ser entendida como emblema da situação humana, pois é o homem na sua totalidade que precisa ser curado. Então, “que a saúde se difunda sobre a terra”!

## **6. A participação da Igreja na história da saúde pública do Brasil**

Desde os primórdios do processo de colonização, a Igreja, no exercício de sua missão, presta relevantes serviços à saúde e, inclusive, à saúde pública no Brasil.

Com a chegada dos portugueses não demorou a implantação do modelo das Santas Casas de Misericórdia. As primeiras apareceram na capitania hereditária de São Vicente, em 1543, fundada por Braz Cubas e, em Salvador, em 1549, por iniciativa de Tomé de Souza.

O avanço da colonização levou à criação de outros estabelecimentos hospitalares pelos senhores chamados “homens bons”, associados às Irmandades da Misericórdia. Tais irmandades eram sociedades civis, geralmente católicas, que se propunham a realizar determinadas obras de assistência social.

Capítulo importante nessa história escreveram os religiosos enviados para o novo mundo, especialmente os jesuítas, os quais desenvolveram um importante trabalho de intercâmbio entre as técnicas

européias de tratamento, que aqui introduziram, e aquelas cultivadas pelos nativos da terra, baseadas no potencial terapêutico da rica flora dos trópicos.

No entanto, o grande contributo da Igreja na área da saúde pública ocorreu pela via da assistência aos doentes, pois muitos deles, naqueles primórdios, chegavam a morrer ao léu, abandonados ao sofrimento e à morte.

## **7. Contribuições da Igreja no Brasil para a Saúde Pública pela CF**

Esta é a terceira vez que a Igreja vem contribuir por meio da Campanha da Fraternidade, junto à sociedade brasileira, para o avanço na qualidade da saúde da população e a melhoria do atendimento público de saúde.

Em 1981, a Campanha da Fraternidade foi realizada com o tema “Saúde e Fraternidade” e o lema “Saúde para Todos”. Esta Campanha contribuiu para a reflexão nacional do conceito ampliado de saúde. Na época, o Papa João Paulo II escreveu em sua mensagem para a Campanha, que a “boa saúde não é apenas ausência de doenças: é vida plenamente vivida, em todas as suas dimensões, pessoais e sociais. Como o contrário, a falta de saúde, não é só a presença da dor ou do mal físico. Há tantos nossos irmãos enfermos, por causas inevitáveis ou evitáveis, a sofrer, paralisados, ‘à beira do caminho’, à espera da misericórdia do próximo, sem a qual jamais poderão superar o estado de ‘semimortos’”.<sup>17</sup>

A discussão sobre a saúde foi retomada na CF de 1984, com o tema “Fraternidade e Vida” e o lema “Para que todos tenham vida”, partindo da citação bíblica: “pois eu estava com fome e me destes de comer... doente e cuidastes de mim” (cf. Mt 25,35-36). Essa Campanha buscou ser um sinal de esperança para as comunidades cristãs e para todo o povo brasileiro, a fim de que, num panorama de sombras

---

<sup>17</sup> JOÃO PAULO II, *Mensagem ao povo brasileiro por ocasião da abertura da CF 1981*. [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1981/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19810309\\_campagna-fraternita\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1981/march/documents/hf_jp-ii_spe_19810309_campagna-fraternita_po.html). Acesso em: 10/08/2011.

e de atentados à vida, experimentassem a luz de Cristo, que vence o egoísmo, o pecado e a morte, reforçando os princípios norteadores da valorização da vida, do seu início até seu fim.

Tais iniciativas constituem marcos importantes da ação da Igreja, tanto no campo da saúde como no da saúde pública, em nosso país. É amplo o leque das atividades ligadas à área da saúde exercidas no âmbito da Igreja. E, com satisfação, percebe-se que essas ações pastorais acabam se tornando um contributo da Igreja para o país cumprir as “Metas do Milênio”, com as quais o governo brasileiro comprometeu-se perante a comunidade internacional, mobilizando diretamente vários de seus setores.

## **8. A Campanha da Fraternidade de 2012 sobre a Saúde Pública**

No ano de 2012, o tema proposto para a CF é “Fraternidade e a Saúde Pública”, com o lema: “Que a saúde se difunda sobre a terra” (cf. Eclo 38,8). A saúde integral se encontra entre os maiores anseios das pessoas. E, há muito tempo, ela vem sendo considerada a principal preocupação e pauta reivindicatória da população brasileira, no campo das políticas públicas.

O SUS (Sistema Único de Saúde), inspirado em belos princípios, como o seu caráter universal, e com a proposta de atender a todos, indiscriminadamente, deveria ser modelo para o mundo. Hoje, no entanto, com algumas exceções, assemelha-se a um autêntico caos, sobretudo perante os olhos dos mais necessitados de seus serviços.

Entendendo ser um anseio da população, especialmente da mais carente, um atendimento de saúde digno e de qualidade, a Campanha da Fraternidade 2012 aborda o tema da saúde, conforme os objetivos a seguir propostos:

### *Objetivo geral*

Refletir sobre a realidade da saúde no Brasil em vista de uma vida saudável, suscitando o espírito fraterno e comunitário das pessoas na

atenção aos enfermos e mobilizar por melhoria no sistema público de saúde.

E os seguintes *objetivos específicos*:

- a) Disseminar o conceito de bem viver e sensibilizar para a prática de hábitos de vida saudáveis;
- b) Sensibilizar as pessoas para o serviço aos enfermos, o suprimento de suas necessidades e a integração na comunidade;
- c) Alertar para a importância da organização da Pastoral da Saúde nas comunidades, criando-a onde não existe, fortalecendo-a onde está incipiente e dinamizando-a onde ela já existe;
- d) Difundir dados sobre a realidade da saúde no Brasil e seus desafios, como sua estreita relação com os aspectos socioculturais de nossa sociedade;
- e) Despertar nas comunidades a discussão sobre a realidade da saúde pública, visando a defesa do SUS e a reivindicação do seu justo financiamento;
- f) Qualificar a comunidade para acompanhar as ações da gestão pública e exigir a aplicação dos recursos públicos com transparência, especialmente na saúde.<sup>18</sup>

## 9. A Saúde Pública em nossos dias

A Campanha da Fraternidade de 2012 quer suscitar uma ampla reflexão em nossas comunidades eclesiais e na sociedade civil sobre a situação dos serviços de saúde pública em nosso país. Diante disso, nossos olhares inevitavelmente são conduzidos para o Sistema Único de Saúde (SUS).

Em nossos dias, esse sistema vem sendo motivo de várias reportagens nos meios de comunicação que expõem suas fragilidades. São longas filas, pessoas enfermas em macas à espera de um leito, mortes de pessoas sem atendimento, outras com dificuldades de realização de exames. Também são apresentadas deficiências estruturais nas unidades de atendimento, falta de profissionais etc. Um quadro

---

<sup>18</sup> Cf. TB CF 2012, pp. 11-12.

realmente caótico e desanimador. No entanto, apesar de suas deficiências, não podemos simplesmente fustigar o SUS. Esse sistema representa um avanço, um grande avanço para a saúde pública no país. Vejamos:

### 9.1. *No conceito*

Houve um grande avanço do ponto de vista conceitual, pois, antes da Constituição, denominada cidadã, de 1988, o atendimento da saúde pública no Brasil era organizado segundo o modelo previdenciário, desenvolvido em alguns países da Europa, especialmente na Alemanha. Nessa concepção, os benefícios são correspondentes à contribuição das categorias de profissionais e das empresas em que trabalham. Nesse esquema, têm assegurado o direito ao atendimento de saúde somente os contribuintes. E é natural pensar que a qualidade dos serviços fornecidos será proporcional ao montante destinado ao convênio.

Entretanto, o SUS foi constituído para oferecer saúde para todos, indistintamente. Os princípios doutrinários que o inspiram, são: a universalidade, a integralidade e a equidade.

O princípio da universalidade traduz o que estabelece a Constituição, quando diz, no início da Seção II, “A saúde é direito de todos”. [...] atendimento a todo e qualquer cidadão [...] Do princípio da integralidade decorre a exigência de acesso a todos os serviços de que o Sistema de Saúde dispõe [...] O princípio da equidade visa assegurar que as ações e os serviços [...] sejam oferecidos a todo cidadão, sem privilégios.<sup>19</sup>

Mas também se estrutura a partir de princípios organizativos, que apontam para a descentralização conjugada com uma administração centralizada em cada esfera de governo:

- a) Regionalização – objetiva levar as ações do campo da saúde o mais próximo possível da população. Desse modo, os serviços

---

<sup>19</sup> Cf. TB CF 2012, n. 118.

se organizam em diversos âmbitos ou regiões, nas esferas municipal, estadual e federal.

- b) Hierarquização – as ações de saúde devem estar articuladas entre si de forma hierarquizada, desde o nível de atenção primária, passando pelo nível de atenção secundária, até o nível de atenção terciária. Alguns autores ainda consideram didaticamente a existência de serviços de atenção quaternária (como hospitais especializados e com alto nível tecnológico, sendo geralmente instituições de ensino e pesquisa).
- c) Descentralização – visa distribuir as responsabilidades quanto às ações e serviços de saúde entre os vários níveis de governo.
- d) Racionalização e resolução – são norteadores para que ações e serviços de saúde sejam definidos e organizados de modo a responder aos problemas de determinada região.
- e) Complementaridade do setor privado – prevê a Constituição de 1988, recorrer à contratação de serviços privados, por meio de contratos ou convênios, no caso de insuficiência do setor público. E que a escolha recaia sobre as instituições sem fins lucrativos. Há, porém, três condições: celebração de contrato; adequação da instituição privada aos princípios e às normas técnicas do SUS; os serviços privados sejam ofertados, com a mesma lógica organizativa do SUS.

## 9.2. *No controle externo*

Na estrutura do SUS está implícito o seu controle pela sociedade, com garantias constitucionais, sobretudo por meio de entidades representativas. Para isso, foram constituídas instâncias como os Conselhos e Conferências de Saúde, segundo as esferas governamentais.

Os Conselhos e as Conferências de Saúde merecem atenção especial, por serem espaços de participação democrática por meio dos quais se pode avançar na melhoria dos serviços públicos. Os Conselhos têm caráter deliberativo e a função de exercer o papel de formulação, acompanhamento e controle permanente das ações do governo em seus três níveis.

Assim se estabelece um canal permanente de relação entre o gestor, os prestadores de serviço, os trabalhadores e a população usuária. As Conferências de Saúde têm por objetivo avaliar, periodicamente (a cada 4 anos), o panorama da saúde e propor diretrizes para a política de saúde nos níveis correspondentes. É convocada pelo poder executivo ou, extraordinariamente, pelo Conselho de Saúde.<sup>20</sup>

Esta participação deve ser paritária entre os diversos atores sociais (50% usuários, 25% trabalhadores e 25% gestores e prestadores de serviço) (Res. 333, CNS, 2003).<sup>21</sup>

### *9.3. Pelo gigantismo do sistema*

É o maior sistema de atendimento de saúde público do mundo, pois a população do Brasil já se aproxima dos 200 milhões de pessoas. Disponibiliza mais de 50 mil unidades denominadas Assistência Médica Sanitária (MAS), entre públicas e particulares ou filantrópicas (especialmente as Santas Casas de Misericórdia). As estimativas indicam que o SUS realiza 12 milhões de internações/ano nos quase 432 mil leitos disponibilizados (35,4% públicos e 64,6% particulares ou filantrópicos) e mais de 100 milhões de procedimentos ambulatoriais. Seu orçamento alcança a cifra de 67 bilhões de reais.<sup>22</sup>

### *9.4. Pelos seus programas de atendimento à saúde*

Entre as ações do SUS, merece destaque a Política de Humanização de Serviços de Saúde (PNHAH), lançada em 2001, e a Estratégia de Saúde da Família.

A primeira intenta proporcionar melhor padrão de atendimento e assistência aos usuários do SUS, procurando introduzir nas relações

---

<sup>20</sup> Cf. TB CF 2012, n. 120.

<sup>21</sup> Resolução 333 do Conselho Nacional de Saúde, novembro de 2003. Ver em: [www.conselhosaude.gov.br](http://www.conselhosaude.gov.br). In: TB CF 2012, n. 119 (f).

<sup>22</sup> Cf. FORTES, P. A. C. SUS, um sistema fundado na solidariedade e na equidade, e seus desafios. *Vida Pastoral*, jan.-fev. 2011, ano 52, n. 276, p. 24. Cf. TB CF 2012, n. 109-113.

entre profissionais e usuários valores e atitudes que se traduzam em respeito à vida. Nesse sentido, é conhecida a expressão “Humaniza, SUS”, que visa atingir e transformar inclusive as estruturas de gestão. Essa perspectiva humanística estende o olhar para além das problemáticas e necessidades biológicas e técnicas, para tratar as circunstâncias próprias dos relacionamentos que acontecem no âmbito das instalações do SUS. A finalidade desse procedimento é proporcionar acolhida e respeito, de acordo com a dignidade da pessoa que procura atendimento para a sua saúde.<sup>23</sup>

Com o programa Estratégia de Saúde da Família (ESF), o SUS procura promover ações que resultem em benefício à saúde das pessoas e da comunidade. Essas ações se pautam pelo caráter preventivo, de recuperação ou reabilitação de doenças mais comuns. Para a operacionalização dessa estratégia, são compostas equipes com profissionais das principais áreas do atendimento à saúde, que se encarregam de determinado número de famílias residentes em certa área geográfica.<sup>24</sup>

O Programa Saúde da Família atinge atualmente 100 milhões de brasileiros, segundo o Ministério da Saúde. O país reduziu em mais de 70% a mortalidade infantil nos últimos 30 anos; ampliou o número de consultas de pré-natal; diminuiu a desnutrição; alcançou uma das maiores coberturas de vacinação para crianças, gestantes e idosos do mundo. Segundo o Ministério da Saúde, a transmissão do cólera foi interrompida em 2005. Eliminou-se a paralisia infantil e o sarampo em 2007, e a rubéola em 2009. Mortes por doenças transmissíveis, como tuberculose, hanseníase, malária e AIDS foram reduzidas.<sup>25</sup>

No campo de urgências e emergências, surgiu o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), que atende atualmente mais da

<sup>23</sup> Cf. *Idem*. *SUS, um sistema fundado na solidariedade e na equidade, e seus desafios*. Revista: Vida Pastoral, janeiro/fevereiro – 2011, ano 52, n. 276, pp. 25-26.

<sup>24</sup> Cf. BRASIL, Ministério da Saúde. *O que é o Humaniza SUS*. Disponível em <portal.saude.gov.br/portal>. In. *Ibid*, pp. 26-27.

<sup>25</sup> Cf. TB CF 2012, n. 133.

metade da população brasileira, reduzindo, de maneira considerável, a procura por atendimento nas unidades de urgência e emergência, e garantindo atendimento pré-hospitalar com qualidade.<sup>26</sup>

Foi criado também o programa de Farmácia Popular, que disponibiliza medicamentos com até 90% de desconto e, desde março de 2011, a população pode adquirir sem nenhum custo, ou seja, gratuitamente, vários medicamentos para o tratamento da hipertensão e do diabetes.<sup>27</sup>

## 10. Os desafios do SUS

Apesar dos avanços constatados, são notórias as deficiências do atendimento e serviços ofertados pelo SUS. A implantação desse sistema de Saúde, segundo seus princípios básicos, exige maior aporte de recursos financeiros, melhor organização, diminuição dos desperdícios e das irregularidades e estabelecimento de prioridades no atendimento, em benefício das classes sociais mais desfavorecidas, social e economicamente.<sup>28</sup>

### 10.1. O financiamento

Os recursos financeiros destinados à saúde pública em todo o Brasil são insuficientes. Para efeito de comparação, em 2008, enquanto o SUS consumiu 3,24% do PIB, a média de gasto público em saúde em países como o Reino Unido, Suécia, Espanha, Alemanha, França, Canadá foi, em média, 6,7% do PIB (OMS, 2008).<sup>29</sup>

O SUS precisou, literalmente, disputar recursos com outros ramos da seguridade social (Assistência Social e Previdência Social) desde a sua constituição. Na época, foi garantido no Ato das Disposições Transitórias que, enquanto não fosse regulamentada a lei de custeio da Seguridade Social, pelo menos 30% do total de seus recursos deveriam ser destinados para a saúde. Os anos que se seguiram à

---

<sup>26</sup> Cf. TB CF 2012, n. 134.

<sup>27</sup> Cf. TB CF 2012, n. 135.

<sup>28</sup> Cf. *Ibid*, p. 27.

<sup>29</sup> Cf. Organização Mundial da Saúde. Acesse em: [www.who.int](http://www.who.int). Acesso em: 06/07/2011.

Constituição de 1988 são caracterizados pela tensão permanente entre dois princípios: a construção da universalidade e a contenção de gastos na saúde.<sup>30</sup>

A resolução do problema da insuficiência dos recursos financeiros para o SUS passa pela definição do que são efetivamente ações da saúde e que devem ser financiadas com verbas próprias para a saúde e pela regulamentação dos percentuais da arrecadação das diversas instâncias do governo a serem destinadas ao financiamento da área da saúde pública. No Congresso Nacional, tramita a Emenda Constitucional 29 (EC 29), que procura resolver tal questão. No entanto, essa discussão vem se arrastando desde 1999, sem que se chegue a um acordo. É uma medida importante; a mera definição sobre ações próprias de saúde, em tese, já coibiria desvios de verbas para outras destinações nas instâncias governamentais. Enquanto isso, vemos distorções como a existência de um fundo de reserva especial para possíveis ressarcimentos, a qualquer serviço privado nacional e até internacional, de custos com a saúde dos parlamentares.<sup>31</sup>

## 10.2. Melhor organização

O SUS, além de mais recursos financeiros, necessita otimizar o uso do dinheiro público. Hoje é investido o dobro de recursos na cura de doenças (internações, cirurgias, transplantes) do que nas ações básicas de saúde (vacinas e consultas), que previnem a doença. Apesar disso, vemos um sinal alentador de mudança de perspectiva com o avanço, em alguns lugares, do projeto Saúde da Família.

E outros desafios se apresentam, pois uma pesquisa do IPEA<sup>32</sup> detectou aqueles que são considerados os problemas mais frequen-

<sup>30</sup> Cf. MARQUES, R. M. e MENDES, Á. A problemática do financiamento da saúde pública brasileira: de 1985 a 2008. *Artigo do projeto de pesquisa "Sistemas de proteção social brasileiro e cubano", financiado pelo CNPq (processo n. 620006/2008-0) e realizado pelos Programas de Pós-Graduação em Política Social (UFES), em Economia Política (PUC/SP) em Serviço Social (PUC/RS) e a Universidade de Havana (Cuba), agosto de 2010. In TB CF 2012, n. 125.*

<sup>31</sup> Cf. TB CF 2012, n. 128.

<sup>32</sup> Cf. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Pesquisa sobre a saúde brasileira, 2010. Acesse em: [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br). Acesso em: 07/06/2011.

tes nas unidades de atendimento: a falta de médicos (58,1%), a demora para atendimento em postos, centros de saúde ou hospitais (35,4%) e a demora para conseguir uma consulta com especialistas (33,8%).

### *10.3. Problemas mais específicos do SUS*

#### a) Acesso:

- falta de reconhecimento e de valorização à atenção básica, de-sarticulação de seus programas entre si e com a sociedade;
- superlotação das unidades de urgência e emergência (prontos-socorros);
- acesso precário, com longas filas para marcação de consultas, procedimentos (como cirurgias) e exames;
- falta de leitos hospitalares e desigualdade na distribuição pelas regiões do país, bem como insuficiência de leitos de UTI;
- insuficiente assistência farmacêutica à população;
- falta de humanização e de acolhimento adequados nas unidades de saúde;
- descaso com a saúde mental, mesmo diante do aumento indiscriminado de dependentes químicos no país, principalmente na camada mais jovem da população;
- tendência à judicialização na saúde, provocando demandas excessivas e corriqueiras ao poder judiciário e ao ministério público.

#### b) Gestão (de ordem administrativa e de recursos humanos):

- carência e má distribuição de profissionais de saúde pelo território nacional;
- sucateamento de material permanente e desabastecimento de material de consumo;
- carência de informações e esclarecimentos adequados à população;
- planejamento insuficiente ou inexistente dos serviços disponibilizados;

- tendência à terceirização de várias unidades públicas de saúde;
- profissionais de saúde com baixa remuneração, más condições de trabalho, bem como precarização da contratação da mão de obra;
- ausência dos profissionais, falta de cumprimento da carga horária em plantões e escalas de serviço, nas unidades de saúde e no Programa da Saúde da Família;
- fragilidade ou inexistência do complexo regulatório intermunicipal, interestadual e internacional;
- falta de regulação e organização dos serviços com sobrecarga de demanda em municípios-polo ou “de referência”;
- despreparo ou falta de gerenciamento e má gestão por parte dos responsáveis pela execução das políticas públicas em saúde;
- falta de capacitação e valorização da participação da comunidade no país, com preocupante desconsideração aos conselheiros de saúde.

c) Fatores externos:

- excessiva especialização do segmento de SADT (Serviço de Apoio Diagnóstico e Terapêutico) com demanda crescente por tecnologias de ponta, também mais onerosas;
- relação eticamente inadequada e contestável entre os profissionais de saúde e a indústria de insumos especiais, como órteses, próteses e medicamentos excepcionais ou de alto custo;
- processo falho de escolha dos delegados nas conferências de saúde, em todas as suas instâncias, e baixa implementação de suas propostas.<sup>33</sup>

## 11. Alguns elementos intervenientes na saúde e na sua assistência pública

Nas últimas décadas, ocorreram mudanças em nosso contexto que se refletem diretamente na saúde da população. As mudanças mais

---

<sup>33</sup> Cf. TB CF 2012, n. 147.

importantes dessa ordem foram em relação à demografia, à epidemiologia, à nutrição e à tecnologia.

É notória a transição demográfica em curso no país. As melhorias de condições de vida em geral para as pessoas propiciou o aumento da expectativa de vida dos brasileiros (hoje, em torno de 72 anos). Esse fato, somado à diminuição da taxa de crescimento dos nascimentos (1,17% entre 2000 e 2010), tende a envelhecer a população. Projeções apontam para um país que, em 2050, terá uma população composta de 13% (em 2009, 26%) na faixa entre 0 a 14 anos e 22% de idosos (em 2009, 6,67%). É necessário que o sistema de saúde se prepare para uma maior demanda e procure se adequar a essas projeções, pois os idosos são mais sujeitos a doenças, especialmente desenvolvendo políticas de prevenção e promoção da vida saudável.

Na saúde pública, vemos a transição que ocorre em relação às principais doenças. No passado recente, doenças infecto-parasitárias, com desfecho rápido, eram as grandes causas de morte na população brasileira. Atualmente, as doenças crônico-degenerativas (como diabetes, hipertensão, demências), os cânceres (neoplasias) e as causas externas (mortes violentas) se encontram entre as maiores causadoras de mortalidade.

Notamos mudanças também no padrão físico do brasileiro, com o crescimento alarmante da obesidade (índice de massa corpórea) entre pessoas na faixa de 25 a 30 anos e acima de 30. Segundo o IBGE, em 2009, o sobrepeso atingiu mais de 30% das crianças entre 5 e 9 anos de idade; cerca de 20% da população entre 10 e 19 anos; 48% das mulheres; 50,1% dos homens acima de 20 anos.<sup>34</sup> Segundo estimativas,<sup>35</sup> 48,1% da população brasileira está acima do peso, 15% são obesos.<sup>36</sup>

Por fim, devemos atentar para uma transição tecnológica. A tecnologia, um fenômeno próprio do nosso tempo, que cada vez mais permeia as estruturas vitais, tornou-se importantíssima na medicina.

<sup>34</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *POF (Pesquisa de Orçamento Familiar)*, 2009. Acesse em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 07/06/2011.

<sup>35</sup> VIGITEL Brasil 2010. *Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Ministério da Saúde, 2011

<sup>36</sup> Cf. TB CF 2012, n. 63.

Proporciona inúmeros benefícios, mas implica custos altíssimos e o perigo de se relegar a humanização ao segundo plano.

## 12. Grandes preocupações no horizonte da saúde pública no Brasil

Podemos apresentar o panorama dos grandes desafios relativos à saúde da população brasileira em 5 temas:

1. doenças crônicas não transmissíveis (doenças cardiovasculares, hipertensão, diabetes, cânceres, doenças renais crônicas e outras);
2. doenças transmissíveis (AIDS, tuberculose, hanseníase, *influenza* e/ou gripe, dengue e outras);
3. fatores comportamentais de risco modificáveis (tabagismo, dislipidemias por consumo excessivo de gorduras saturadas de origem animal, obesidade, ingestão insuficiente de frutas e hortaliças, inatividade física e sedentarismo);
4. dependência química e uso crescente e disseminado de drogas lícitas e ilícitas (álcool, *crack*, *oxi* e outras);
5. causas externas (acidentes e violências).<sup>37</sup>

Esse olhar para a situação da saúde do povo brasileiro não pode ser desvinculado dos elementos denominados de determinantes sociais, pois estão profundamente relacionados à preservação ou deterioração da saúde. Trata-se das condições mais gerais em que se desenvolve a vida dos cidadãos, como as socioeconômicas, culturais, ambientais e de condições de vida dos cidadãos: trabalho, serviço de saúde, educação etc.

As doenças e os determinantes sociais estão em profunda interdependência. É impossível avançar na defesa eficiente da saúde para todos sem melhorias nas condições estruturais da sociedade e de vida das pessoas em geral. Ao se oferecerem às pessoas condições adequadas de trabalho, educação, habitação e bons serviços sanitários,

---

<sup>37</sup> Cf. TB CF 2012, n. 65.

alimentação, integração com o meio ambiente, coopera-se para a melhoria da saúde em geral, especialmente em relação àquelas doenças geradas pela pobreza e miséria.

Por isso, é necessário avançar ainda mais no processo de inclusão em curso no país, não obstante os bons resultados já alcançados. A concretização da proposta de universalização e equidade que inspira a estrutura do SUS, em grande parte, está condicionada à melhoria nas condições gerais de vida do povo.

### Considerações finais

Ao longo da história, a Igreja sempre procurou se empenhar no cuidado dos doentes. O cuidado das pessoas acometidas por doenças foi um dos sinais que o próprio Cristo escolheu para indicar que o Reino estava presente. Ele mesmo foi ao encontro dos adoentados para curá-los, o que para as pessoas da época significava uma libertação que ultrapassava as meras moléstias do corpo, pois a pessoa era sanada na sua totalidade.

Nesse sentido, as ações da Igreja na área da saúde se desenvolvem em duas linhas de ação. Uma, no suprimento das necessidades para a cura e restabelecimento do doente e superação de situações que geram doenças; outra, proporcionando consolo aos enfermos em seus duros sofrimentos, com o anúncio de Jesus Cristo, que se fez solidário com todos os nossos sofrimentos na cruz, quando venceu todos os males e pecados.

Desse modo, uma Campanha da Fraternidade, ao abordar um tema relacionado à saúde, mesmo a saúde pública, não pode deixar de apresentar uma palavra acerca do sofrimento humano sob a luz da *Kenosis* de Jesus Cristo, que se encarnou entre nós e assumiu a morte de cruz. Diante desse gesto de Cristo, o homem é levado a reencontrar seus sofrimentos com um sentido novo, pois ele ressuscitou. Esse fato descortina a perspectiva de uma vida nova, com um imenso horizonte. Mas esta contemplação convida ao empenho como discípulos-missionários na transformação das estruturas de pecado deste mundo.

E, ao abordar a realidade da saúde pública no país, as atenções se voltam para o SUS, o qual ainda não consegue oferecer tratamento de saúde digno para a parcela mais necessitada da população, apesar dos avanços que essa estrutura de saúde representa na história do atendimento de saúde no Brasil, como pudemos ver.

Dentre os maiores problemas, sobressai o insuficiente financiamento do SUS, como a necessidade de melhor organização para se otimizarem os gastos dos recursos disponíveis. Entretanto, a Igreja, em sua sensibilidade de mãe, também se preocupa com a falta de sensibilidade diante do sofrimento ignorado dos usuários, mesmo em perigo de morte.

Para esse propósito, o Evangelho nos dá uma grande lição com a parábola do Bom Samaritano. Essa palavra sempre inspirou a Igreja como mãe a aproximar-se dos doentes e cuidar deles. Suscitou vidas consagradas, instituições de caridade e congregações dedicadas ao cuidado dessas pessoas. Ainda hoje, milhares de pessoas atuam no seio da Igreja em várias pastorais nessa área. É um belo serviço que anima a vida eclesial.

Diante disso, esta Campanha quer lembrar a todos os envolvidos no sistema de saúde, desde os gestores aos diversos profissionais, que são chamados a servirem de modo a atualizarem a figura do Bom Samaritano, o próprio Cristo. Essa atitude geradora de vida precisa ser reproposta para se contrapor à frieza desumanizadora do “profissionalismo tecnificante” e das mazelas nas políticas públicas, para que a saúde se difunda e gere vida entre nossa gente sofredora.

## BIBLIOGRAFIA

### Documentos pontifícios

Bento XVI. Carta encíclica *Spe Salvi*. Brasília: Edições CNBB, 2007.

Bento XVI. Discurso na Assembleia do Pontifício Conselho para a Pastoral no campo da saúde. *L'Osservatore Romano*, 22/3/2007.

Bento XVI. Discurso na celebração do Dia Mundial do doente. *L'Osservatore Romano*, 13/02/2010.

João Paulo II. Exortação Apostólica *Chistifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 1989.

João Paulo II. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*. Petrópolis: Vozes, 1984.

### **Documentos do Magistério da Igreja**

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PASTORAL NO CAMPO DA SAÚDE. *Ao lado do doente*. *L'Osservatore Romano*, 13/02/2010.

### **Documentos das Conferências Episcopais**

CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015*. 2ª edição. Brasília: Edições CNBB, 2011.

### **Artigos**

FORTES, P. A. C. SUS, um sistema fundado na solidariedade e na equidade, e seus desafios. *Vida Pastoral*. São Paulo: Paulus, ano 52, n. 276, jan.-fev. 2011, p. 22-27.

MARQUES, R. M. e MENDES, A. A problemática do financiamento da saúde pública brasileira: de 1985 a 2008. Artigo do projeto de pesquisa “Sistemas de proteção social brasileiro e cubano”, financiado pelo CNPq (processo n. 620006/2008-0) e realizado pelos Programas de Pós-Graduação em Política Social (UFES), em Economia Política (PUC/SP) em Serviço Social (PUC/RS) e a Universidade de Havana (Cuba), agosto de 2010.

### **Internet**

1. Ministério da Saúde (MS). Acesse em: [www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)
2. *Vigilância Sanitária*. Acesse em: [www.portal.saude.gov.br](http://www.portal.saude.gov.br)
3. *Dados do Sistema Único de Saúde (Datasus)*. Acesse em: [www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br)
4. *Conselho Nacional de Saúde (CNS)*. Acesse em: [www.conselho.saude.gov.br](http://www.conselho.saude.gov.br)
5. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Acesse em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)
6. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Acesse em: [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)
7. Organização Mundial da Saúde (OMS). Acesse em: [www.who.int](http://www.who.int); <http://www.unric.org>
8. Pastoral da Saúde Nacional (PS). Acesse em: [www.pastoraldasaudenacional.org.br](http://www.pastoraldasaudenacional.org.br)
9. Pastoral da Criança (PC). Acesse em: [www.pastoraldacrianca.org.br](http://www.pastoraldacrianca.org.br);
10. Relatório Mundial sobre Drogas (UNDOC). Acesse em: [www.unodc.org.br](http://www.unodc.org.br)
11. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Acesse em: [www.unifesp.br/dpsicobio](http://www.unifesp.br/dpsicobio)

12. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico (VIGITEL). Acesse em: [www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)
13. *The Lancet*. Saúde no Brasil. Acesse em: [www.thelancet.com.br](http://www.thelancet.com.br)



# Anexo



Conselho Mundial de Igrejas  
Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso  
Aliança Evangélica Mundial

# O Testemunho Cristão num mundo multirreligioso

*Recomendações práticas*  
28 de junho de 2011

*Traduzido do francês por*  
Laura Souza Pinto



## PREÂMBULO

**A** missão faz parte da natureza da Igreja. Anunciar a Palavra de Deus e testemunhá-la, no mundo, é compromisso essencial para cada cristão. No entanto, é preciso fazê-lo de acordo com os princípios do Evangelho, com respeito e amor total a todos os humanos.

Conscientes das tensões que existem, não só entre as pessoas e as comunidades de diferentes convicções religiosas, mas também entre as diferentes interpretações do testemunho cristão, o Conselho Pontifical para o Diálogo Inter-religioso (CPDI), o Conselho Ecumênico das Igrejas (COE) e, a convite do COE, a Aliança Evangélica Mundial (AEM) elaboraram, ao longo de cinco anos de encontros e de reflexão, o presente documento.

Este documento não é uma declaração teológica sobre a missão, mas uma orientação para o testemunho cristão no mundo, propondo-se tratar questões práticas ligadas ao testemunho cristão num mundo multirreligioso.

O objetivo do presente documento é encorajar as Igrejas, os conselhos de Igrejas e as organizações missionárias a refletir sobre suas práticas atuais e utilizar as recomendações aqui formuladas, quando elas forem úteis, como subsídios, para preparar sua própria orientação, sobre o testemunho e a missão, junto aos membros das diferentes religiões ou àqueles que não professam nenhuma religião particular.

Esperamos que os cristãos, no mundo, estudem este documento, à luz da prática do testemunho de sua fé em Cristo, em palavras e atos.

## Uma base para o testemunho cristão

1. Para os cristãos, é um privilégio e uma alegria ter consciência da esperança que os anima e poder proclamá-la com respeito e afabilidade (1Pd 3,15).

2. Jesus Cristo é o testemunho supremo (Jo 18,37). O testemunho cristão é sempre uma participação do seu testemunho, apresentando-se como o anúncio do Reino, do serviço do próximo e do dom total de si, mesmo que essa doação possa levá-lo à cruz. Como o Pai enviou o Filho, no poder do Espírito Santo, aqueles que creem são enviados em missão, para testemunhar em palavras e ações o amor de Deus-Trindade.

3. O exemplo do ensinamento de Jesus Cristo e da Igreja primitiva deve servir de guia à missão cristã. Durante dois mil anos, os cristãos têm procurado seguir o caminho de Cristo, partilhando a Boa-Nova do Reino de Deus (Lc 4,16-20). O testemunho cristão, num mundo pluralista, implica manter diálogo com as pessoas de diferentes religiões e culturas (At 17,22-28).

5. Os cristãos continuam, encarregados por Cristo, a testemunhá-lo, fiéis e solidários entre si, ainda que, em determinados contextos, viver e anunciar o Evangelho seja difícil e até proibido (Mt 28,19-20; Mc 16,14-18; Lc 24,44-48; Jo 20,21; At 1,8).

6. Se os cristãos vivem a missão de modo inadequado, recorrendo à falsidade ou a meios coercitivos, traem o Evangelho e podem causar sofrimento aos outros. Essas faltas devem levar ao arrependimento e nos lembram que precisamos sempre da graça de Deus (Rm 3,23).

7. Os cristãos afirmam que, embora tenham a responsabilidade de ser testemunhas, a conversão é sempre obra do Espírito Santo (Jo 16,7-9; At 10,44-47). Reconhecem que o Espírito sopra onde quer; nenhum ser humano o controla (Jo 3,8).

## Princípios

Para cumprir, como se deve, o mandato recebido de Cristo, particularmente em contextos inter-religiosos, os cristãos são chamados a seguir os seguintes princípios:

1. **Agir no amor de Deus.** Os cristãos creem que Deus é a fonte de todo o amor e, por isso, no seu testemunho, são chamados a viver uma vida marcada pelo amor e a amar seu próximo como a si mesmos (Mt 22,34-40; Jo 14,15).

2. **Imitar Jesus Cristo.** Em todos os aspectos de sua vida, e particularmente no seu testemunho, os cristãos são chamados a seguir o exemplo e os ensinamentos de Jesus Cristo, participando do seu amor, dando glória e honra a Deus, o Pai, no poder do Espírito Santo (Jo 20,21-23).

3. **Manifestar as virtudes cristãs.** Os cristãos são chamados a viver com integridade, caridade, compaixão e humildade, e a ultrapassar todo tipo de arrogância, de condescendência e de crítica (Gl 5,22).

4. **Praticar atos de serviço e de justiça.** Os cristãos são chamados a praticar a justiça e a amar com ternura (Mt 6,8). São também chamados a servir os outros, reconhecendo Cristo nos menores de seus irmãos e irmãs (Mt 25,45). A prestação de serviço como a educação, os cuidados com a saúde, a ajuda e os atos de justiça e de defesa das causas integram o testemunho do Evangelho. A exploração das situações de pobreza e de necessidade não cabe na vida cristã. Nos seus atos e na sua prestação de serviço, os cristãos devem não só denunciar, como também se abster de todas as formas de artifício, inclusive as incitações e as recompensas financeiras.

5. **Provar o discernimento no ministério de cura.** Como parte integrante de seu testemunho do Evangelho, os cristãos exercem o ministério de cura. No exercício desse ministério, são chamados a agir com discernimento, com respeito absoluto à dignidade humana, assegurando-se de que a vulnerabilidade das pessoas e sua necessidade de cura não sejam exploradas.

6. **Rejeitar a violência.** Os cristãos, no seu testemunho, são chamados a rejeitar todas as formas de violência, inclusive a psicológica ou social, e todos os abusos de poder. Devem repudiar igualmente a violência, a discriminação e a repressão, por qualquer autoridade, religiosa ou laica, principalmente a violação ou destruição dos lugares de culto, dos símbolos sagrados ou de textos.

**7. Respeitar a liberdade de religião e de crença.** A liberdade de religião e de crença que compreende o direito de professar publicamente, de praticar, de difundir e de mudar de religião, decorre da dignidade da pessoa humana, que se fundamenta no fato de que todos os seres humanos são criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26). Por isso, todos são iguais em direito e responsabilidades. Quando uma religião, seja qual for, é manipulada para fins políticos, ou quando uma religião é perseguida, os cristãos são chamados a dar um testemunho profético, denunciando essas ações.

**8. Trabalhar no respeito mútuo e na solidariedade.** Os cristãos são chamados a se engajar no trabalho com todas as pessoas, num espírito de respeito mútuo, a fim de promover junto a justiça, a paz e o interesse comum. A cooperação é um aspecto essencial desse compromisso.

**9. Respeitar todas as pessoas.** Os cristãos reconhecem que o Evangelho revê e enriquece as culturas. Ainda que o cristianismo divirja de certos aspectos das diferentes culturas, os cristãos são chamados a respeitar todas as pessoas. São chamados igualmente a discernir os elementos de sua própria cultura contestados pelo Evangelho.

**10. Renunciar a todo falso testemunho.** Os cristãos devem se exprimir com sinceridade e respeito; devem escutar, a fim de melhor conhecer e compreender as crenças e práticas dos outros; são encorajados a reconhecer e a apreciar o que é verdadeiro e bom no outro. Todo comentário ou consideração crítica deve acontecer num espírito de respeito mútuo, cuidando para não dar um testemunho deformado das outras religiões.

**11. Zelar pelo discernimento pessoal.** Os cristãos devem reconhecer que toda mudança de religião é um passo decisivo que deve ser acompanhado de um tempo suficiente para refletir e se preparar de maneira adequada, num processo que deve assegurar a plena liberdade individual.

**12. Consolidar as relações inter-religiosas.** Os cristãos devem continuar a construir relações de respeito e de confiança com os fiéis das outras religiões, de modo a facilitar uma maior compreensão recíproca, a reconciliação e a cooperação no objetivo do interesse comum.

## Recomendações

A terceira consulta organizada pelo Conselho Ecumênico das Igrejas e o CPDI da Santa Sé, em colaboração com a Aliança Evangélica Mundial e com a participação das famílias mais importantes da fé cristã (católica, ortodoxa, protestante, evangélica e pentecostal), desenvolveu-se em espírito de colaboração ecumênica, para preparar o presente documento, em atenção às Igrejas, às organizações confessionais nacionais e regionais e às organizações missionárias, particularmente àquelas que trabalham nos contextos inter-religiosos, e formula as seguintes recomendações:

1. **Estudar** as questões expostas no presente documento e, quando for útil, *formular diretivas, para a conduta* a seguir, concernentes ao testemunho cristão, segundo seu contexto particular. Na medida do possível, isso deverá ser feito de maneira ecumênica, consultando os representantes das outras religiões.

2. **Estabelecer** relações de respeito e de confiança com as pessoas de todas as religiões, particularmente no nível institucional entre as Igrejas e as outras comunidades religiosas, mantendo um diálogo inter-religioso contínuo, no quadro de seu compromisso cristão. Em certos contextos, onde anos de tensão e de conflito engendraram profundas desconfianças e abalaram a confiança na e entre as comunidades, o diálogo inter-religioso pode oferecer novas possibilidades para a solução de conflitos, a restauração de lembranças, para a reconciliação e a consolidação da paz.

3. **Encorajar** os cristãos a fortalecer sua identidade religiosa e sua fé, aprofundando seu conhecimento e sua compreensão das diferentes religiões, considerando igualmente as perspectivas dos fiéis dessas religiões. Os cristãos devem prestar atenção para não ter uma opinião equivocada das crenças e das práticas das pessoas que têm outra religião.

4. **Cooperar** com as outras comunidades religiosas, agindo concretamente no nível inter-religioso a favor da justiça e do interesse comuns e, na medida do possível, manifestando também solidariedade em relação às pessoas que vivem em situação de conflito.

5. **Convocar** os governos a agir para que a liberdade religiosa seja correta e globalmente respeitada, reconhecendo que, em numerosos países, o trabalho missionário das instituições religiosas e das pessoas é prejudicado.

6. **Rezar** pelo próximo e por seu bem-estar, de modo que a oração faça parte integrante do que somos, e do que fazemos, como ela o era na missão de Cristo.

## ANEXO

### CONTEXTO DO DOCUMENTO

1. No mundo atual, existe uma cooperação crescente, não só entre cristãos, como também entre cristãos e fiéis das diferentes religiões. O Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso (CPDI) da Santa Sé e o Programa de Cooperação e Diálogo Inter-religioso do Conselho Ecumênico das Igrejas (COE-CDIR) colaboram há muito tempo desse modo. Entre os temas abordados, em comum, pelo PCDI e COE-CDIR, figuram o casamento inter-religioso (1994-1997), a oração inter-religiosa (1997-1998), a religiosidade africana (2000-2004). O presente documento é o resultado de seu trabalho conjunto.

2. O mundo conhece atualmente um recrudescimento das tensões inter-religiosas, que causa violência e a perda de vidas humanas. A política, a economia e outros fatores contribuem para essas tensões. Os cristãos são muitas vezes envolvidos nesses conflitos, voluntária ou involuntariamente, ou porque são perseguidos, ou porque participam da violência. Diante dessa realidade, o PCDI e o COE-CDIR decidiram abordar essas questões, através de um processo conjunto, visando elaborar recomendações comuns, referentes ao testemunho cristão. O COE-CDIR convidou a Aliança Evangélica Mundial (AEM) para participar desse processo, tendo ela aceito com alegria.

3. Aconteceram duas primeiras consultas: a primeira, em Lariano, na Itália, em maio de 2006, quando se desenvolveu uma consulta intitulada “Avaliar a realidade”. Os representantes das diferentes religiões colocaram suas opiniões e experiências sobre a questão da conversão. Numa declaração publicada sobre essa consulta, podemos

ler claramente: “Nós afirmamos que, se toda pessoa tem o direito de convidar outras a melhor compreender sua religião, isso não deve ser feito, violando os direitos e as sensibilidades do outro. A liberdade religiosa nos dá a responsabilidade, inegociável, de respeitar as religiões que não são a nossa e jamais denegri-las, difamá-las ou fazer representações falsas, com o objetivo de afirmar a superioridade da nossa religião”.

4. A última consulta, que reuniu cristãos de diversas tradições, aconteceu em Toulouse, na França, em agosto de 2007, para se debruçar sobre as mesmas questões. Os temas referentes à família, à comunidade, ao respeito ao outro, à economia, ao comércio e à concorrência, à violência e à política foram discutidos em detalhe. As questões pastorais e missionárias ligadas a esses temas tornaram-se a base da reflexão teológica e dos princípios desenvolvidos no presente documento. Cada questão tem sua importância e mereceria maior atenção que a que pode lhe ser atribuída, nas presentes recomendações.

5. Os participantes da terceira consulta (entre cristãos) reunidos em Bangkok, Tailândia, de 25 a 28 de janeiro de 2011, terminaram este documento.

### **Texto original**

<http://www.oikoumene.org/fr/documentation/documents/programmes-du-coe/interreligious-dialogue-and-cooperation/christian-identity-in-pluralistic-societies/le-temoignage-chretien-dans-un-monde-multireligieux.html>